

Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

Cátia Sofia da Silva Martins

Estratégia de Requalificação da Vila de Brito.
- O Abandono como uma Oportunidade
de Projeto



Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

Cátia Sofia da Silva Martins

Estratégia de Requalificação da Vila de Brito.
- O Abandono como uma Oportunidade
de Projeto

Dissertação de Mestrado
Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao
Grau de Mestre em Arquitectura
Área de Construção e Tecnologia

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor Carlos Maia

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, ___/___/_____

Assinatura: Célia Martins

Agradecimentos

Aos meus pais e irmão...
Aos amigos e professores...

À minha família...especialmente à avó Deolinda. Obrigada avó!
Obrigada pela ajuda e entusiasmo com que partilhou comigo as histórias da sua juventude de vida no campo. Obrigada pela força e coragem que teve nos últimos meses, sempre com o carinho e boa disposição que tanto nos contagiava. Adeus avó, 9 de Abril de 2019.

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

Este trabalho foi financiado por Fundos Nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), no âmbito do Projeto PTDC/ATP-EUR/1180/2014 (NoVOID – Ruínas e terrenos vagos nas cidades portuguesas: explorando a vida obscura dos espaços urbanos abandonados e propostas de planeamento alternativo para a cidade perfurada).

Estratégia de Requalificação da Vila de Brito.

- O Abandono como uma Oportunidade de Projeto

Resumo

Estratégia de Requalificação da Vila de Brito.
- O Abandono como uma Oportunidade de Projeto

A presente tese assenta numa análise a um território muito concreto - a Vila de Brito, onde se reconhece uma matriz rural alterada e no qual se identificam várias construções ligadas à agricultura, que se encontram num avançado estado de degradação.

Perante esta análise, baseada numa aproximação de escalas, fica claro o tipo de estruturas em ruína, conseqüente da problemática de abandono da atividade agrícola. Neste sentido, é desenvolvida uma estratégia de intervenção que procura sobretudo reativar e reintegrar os elementos em desuso e em ruína, existentes na estrutura parcelar da linha de água estrutural da vila – a antiga ribeira dos 8 moinhos. Propondo assim, um novo programa, em particular nas casas de caseiro da Quinta do Ribeiro, que está diretamente associado a um percurso criado a par da linha de água, que une todas as construções em ruína envolvidas na intervenção.

Abstract

Strategy of Requalification of the Vila de Brito.
- Abandonment as a Project Opportunity

The present thesis is based on an analysis of a very specific territory - Vila de Brito, where an altered rural matrix is recognized and in which several agricultural constructions are identified that are in a state of advanced degradation.

Given this analysis, based on an approximation of scales, it is clear the type of structures in ruin, resulting from the problem of abandonment of agricultural activity.

In this sense, an intervention strategy is developed that seeks mainly to reactivate and reintegrate the disused and ruined elements existing in the parcel structure of the Vila's structural water line - the old stream of the 8 mills. Thus proposing a new program, in particular in the homemade homes of Quinta do Ribeiro, which is directly associated with a route created alongside the water line, which joins all the ruins buildings involved in the intervention.

Índice

00 | Introdução

O Tema	3
A Metodologia	5
A Estrutura da tese	7

01 | Interrogação

A Paisagem	10
O Território	18
a área de análise	26
da urbanização ao abandono da estrutura rural	30

02 | Interpretação

A Vila de Brito	44
a aproximação ao lugar	46
a memória da Vila	54
a organização e ocupação da matriz rural	56
a organização da Quinta e a sementeira	60
A ribeira dos moinhos	64
a transformação da estrutura parcelar	66
as construções encontradas	72
o sistema construtivo e os materiais	80
as casas de caseiro da Quinta do Ribeiro	84

03 | Intervenção

O Projeto	
a ideia de intervenção	94
o percurso	96
o centro interpretativo	108

04 | Conclusão

Conclusão	125
Bibliografia	126

Índice de imagens

00 | Introdução

01 | Interrogação

- Fig. 1 - 6_imagens do autor do trabalho
- Fig. 7_planta de localização editada (Arquitectura Popular em Portugal)
- Fig. 8 - 10_imagens do autor do trabalho
- Fig. 11 e 12_sobreposição de planta de Guimarães editada
- Fig. 13_planta informativa desenvolvida pelo autor do trabalho
- Fig. 14_carta militar de 1968 (departamento de geografia)
- Fig. 15_ortofotomapa de 2018
- Fig. 16_plantas esquemáticas do autor do trabalho
- Fig. 17_sobreposição de plantas desenvolvidas pelo autor do trabalho
- Fig. 18_montagem de imagens desenvolvida pelo autor do trabalho

02 | Interpretação

- Fig. 19_imagem retirada da página online da J.F. da Vila de Brito
- Fig. 20 - 25_ortofotomapas/imagens e esquemas do autor do trabalho
- Fig. 26_carta militar de 1968 com informação adicional
- Fig. 27_plantas esquemáticas desenvolvidas pelo autor do trabalho
- Fig. 28_composição de imagens do autor do trabalho
- Fig. 29_composição de imagens com várias fontes online/autor
- Fig. 30_carta militar de 1948 e 1968
- Fig. 31 - 39_esquemas/imagens/desenhos do autor do trabalho
- Fig. 40_ blog folclore de portugal
- Fig. 41 e 43_imagens retiradas online, com fonte desconhecida
- Fig. 42_blog do Minho
- Fig. 44 - 82_esquemas/imagens/desenhos do autor do trabalho

03 | Intervenção

- Fig. 83 - 102_imagens e desenhos do autor do trabalho

04 | Conclusão

- Fig. 103_imagem do autor do trabalho

00 | Introdução

O Tema, a Metodologia e a Estrutura da Tese

O Tema

O presente projeto assenta na análise de um território em particular, que se localiza na zona do vale do Ave, caracterizada pela sua paisagem rural com construções em pedra, fortemente associadas ao cultivo de cereais.

Este é um território extenso, com um potencial hidrográfico significativo, que no último século passou por uma grande transformação, a qual originou uma perda de identidade rural, em várias regiões do Ave.

Perante esta problemática presente na área de influência do rio Ave, o nosso caso de estudo - a Vila de Brito, localizada próximo da cidade de Guimarães, apresenta uma matriz rural manipulada no cruzamento com uma malha industrial, que ao longo do tempo, com o enraizamento das fábricas, gerou um desenvolvimento industrial na zona, promovendo o crescimento do território em torno de uma nova fonte económica.

Face a esta transformação, os campos foram substituídos por novas infraestruturas, sendo assim notório o contraste de malhas de ocupação, que tornam evidente a degradação e a heterogeneidade neste lugar.

Aqui é claramente visível o reflexo do abandono gradual da atividade agrícola, pela forte presença de terrenos baldios e ruínas de construções rurais, dispersos entre a concentração de edificado.

Neste sentido, o trabalho procura sobretudo manifestar a vulnerabilidade da imagem rural, interrogando acerca da presença da ruína na convivência com a nova construção, interpretando assim, como é que este território se transforma, de modo a encontrar ferramentas que permitam a intervenção no lugar.

A Metodologia

Num território extenso e rico como o Ave, caracterizado pelo seu crescimento e diversidade territorial, é difícil reconhecer, *á priori*, a sua matriz. Logo, é automaticamente desafiante a interação com o lugar como abordagem de exploração.

A investigação desenvolve-se segundo uma estrutura metodológica dividida em três fases distintas (Interrogar, Interpretar e Intervir) que seguem uma lógica de análise da paisagem, tendo em conta uma sucessão de escalas de aproximação à Vila de Brito. Esta aproximação consiste sobretudo em entender o lugar, percorrendo-o, observando-o e analisando-o, com o objetivo de identificar a sua organização e ocupação, de acordo com a matriz rural que ainda se identifica, e desenvolver uma base clara das suas transformações ao longo do último tempo.

A análise resulta do cruzamento de fotografias e desenhos dos elementos existentes, com a cartografias da vila, inquéritos paroquiais e ainda de relatos de antigos habitantes que auxiliam a perceção das transformações da estrutura agrícola através da memória e história do lugar. Para isso, é realizada uma análise da cartografia existente, onde se destaca vários elementos chave e estruturantes do território, como como o rio Ave e as linhas de água, as unidades agrícolas, as unidades fabris e são sobretudo diferenciados os elementos em desuso e em ruína.

Neste sentido, a interação com o lugar, pretende sobretudo representar e analisar a sua estrutura visceral, com fim a entender a ocupação de uma povoação. Consequentemente, este processo de análise e interpretação, será usado como ferramenta de abordagem ao projeto de intervenção no lugar como estratégia de ligação entre as duas frentes distintas de ocupação do território, que consiste sobretudo na reintegração das construções e elementos agrícolas em ruína, na dinâmica atual que as envolve. Esta intervenção desenvolve-se através de um conjunto de pontos identitários da matriz rural da vila e é estruturada sobretudo pela linha de água designada por: ribeira dos 8 moinhos.

A Estrutura da Tese

A tese procura interpretar um lugar, segundo uma problemática presente na paisagem. Assim, usa como ferramenta, a aproximação das várias escalas fundamentais para o reconhecimento do território que se estrutura no trabalho em três fases complementares: Interrogação, Interpretação e Intervenção.

Interrogação, surge como uma análise da paisagem, que tenta sobretudo representar as questões que são mais relevantes para o estado de degradação deste território.

Desenvolvendo assim, de um modo geral, numa abordagem crítica à amostra, uma análise à transformação do espaço no tempo, para que seja possível perceber não só o estado de degradação da arquitetura rural (caraterística do Minho), como reafirmar a consequente perda de identidade neste tipo de povoações.

Interpretação, encadeado na análise anterior, canaliza as questões levantadas, reconhecendo e identificando os elementos estruturantes do território – Vila de Brito, desde a escala mais abrangente, à escala da construção.

Nesta fase, dá-se início ao projeto, apontando uma área de intervenção.

Intervenção é a última fase do trabalho, que perante as questões e identificação dos elementos anteriormente recolhidos, pretende desenvolver um projeto, transversal às diferentes escalas de intervenção, indo desde a escala do território à escala do pormenor.

01 | Interrogação

A Paisagem, o Território: a área de análise

A Paisagem

A diversidade da paisagem revela-se cada vez mais preocupante. À medida que a paisagem vem sendo transformada, está não só a perder a sua estrutura visceral, como a dificultar o reconhecimento do seu processo de aglomeração, tornando-a gradualmente irreconhecível.

Apesar de reconhecermos o potencial da sua diversidade, o território carece de sensibilidade e desenho do espaço, que se reflete na “[...] dualidade latente entre construção e destruição [...]”¹, que se vive sobretudo nas povoações próximas das cidades. Parece existir um retrocesso na capacidade de organização e ocupação do território, principalmente no meio rural, onde são bastante visíveis as consequências do desenvolvimento social e económico. Foram-se perdendo as raízes do nosso desenvolvimento e descartando as culturas e atividades ancestrais ainda presentes no nosso dia a dia. Isto porque, a cada conquista tecnológica, os processos primários tornam-se mais vulneráveis e acabam efetivamente abandonados.

Este ciclo de transformações, para além de alterar o corpo do meio rural, põe em causa a sua identidade cultural e arquitetónica, podendo extinguir, tradições e um rasto de processos que foram importantes para o desenvolvimento social e económico atual.

¹ CAMPOS, João de Castro Torres [et. al.] – *Ave, Ruptura para uma nova identidade*, in: *Arquitetura em lugares comuns*, 2008, p. 87.



Fig.1_A autoestrada que atravessa a quinta



Fig.2_As casas de caseiro, da Quinta do Ribeiro, abandonada e avizinhada por outra construção



Fig.3_A Quinta de Vila Meã ao abandono, avizinhada pelo recente loteamento

“A paisagem é toda salpicada de aldeias e campanários brancos”². Era, no passado. Não existe uma imagem definitiva de um lugar. Atualmente a descrição mais ajustada à realidade é contrária: os loteamentos são o maior statement do novo paradigma de ocupação do território.

Nos últimos anos, este tema tem sido exposto em vários trabalhos de investigação e persiste até hoje, levantando as mesmas questões. “[...] Estamos perante o mundo rural, o mundo urbano, ou diz que não?”³ A verdade é que estas imagens são mais um retrato desta questão e fomentam cada vez mais a indefinição do território.

Tendo em conta que os elementos identitários do meio rural estão a ruir, a probabilidade de viverem “[...] mais de mitologias do que de arqueologias.”⁴, é alta. O “rural” pode não passar de imagens e memórias dos vários livros escritos nos últimos anos, motivados essencialmente pela preocupação em torno da perda de identidade do lugar.

Assiste-se assim à desruralização⁵ de um meio, motivado pelo abandono de um estilo de vida e a sua conseqüente transformação, que deu espaço a que o meio urbano se expandisse.

Este termo, associado a estas imagens, elucidam o estado de descaraterização em que várias localidades rurais se encontram, absorvidas pela construção desmedida e com os seus elementos dispersos em desuso ou destruídos.

² Guia de Portugal, 1965, p. 1105.

³ DOMINGUES, Álvaro – *A Rua da Estrada*, 2009, p. 246.

⁴ DOMINGUES, Álvaro – *Vida no Campo*, 2011, p. 239.

⁵ *Idem*, p. 69 “[...] processo de mutação socio económico e territorial resultante da perda de importância da atividade agrícola (agro-florestal e criação de gado) e das culturas e modos de vida rurais tradicionais das sociedades camponesas.”



Fig.4 e 5_Loteamentos consolidados em antigos terrenos agrícola

Chegamos a uma altura em que é manifestamente visível a consequência do abandono da atividade agrícola que se exerceu intensamente até meados do século XX. Grande parte das quintas e casas de caseiro e de lavoura estão em ruína, numa extensão de terrenos baldios, em grande parte, subtraídos para construção.

A forma irrefletida com que o Homem intervém na paisagem, salienta a decadência do que já existia, suscitando assim um maior interesse pela sua origem. “Ao mesmo tempo, se muda a paisagem, os referentes estáveis que as imagens da paisagem produzem entram numa atrapalhação, num acelerar de diferenças onde, frequentemente, se reconhece melhor o que se perde do que o que se ganha.”⁶

Daí surge outra questão: como intervir num território em que, para além da perda de identidade rural, grande parte do seu património se encontra em ruína?

Usando palavras de Álvaro Domingues, “[...] entende-se que é mais fácil construir uma identidade num passado que foi estável do que na instabilidade do presente.”⁷

Num futuro próximo, o passado (presente) não será palpável e os destroços que hoje existem serão transformados em algo vulgar, ou não passarão de um amontoado de calhaus entre silvas à espera da construção de um novo loteamento.

⁶ *Idem*, p. 15.

⁷ *Idem*, p. 247.



Fig.6_A Quinta de Ponte ao abandono e (o que seria) um loteamento

O Território

O vale do Ave é um grande exemplo de diversidade e transformação da paisagem, reconhecido pela rede hidrográfica densa que possui, e que impulsionou o crescimento do Minho. Porém, existe um desequilíbrio na sua imagem, resultante da sobrecarga de construção que absorveu a matriz (rural) de algumas localidades.

Com um território disperso e arquitetonicamente rico, com construções que vão desde o espigueiro até à casa urbana.⁸ Conta, assim, com uma economia variada, “[...] que oscila entre a agricultura de exploração quase primitiva à mais moderna indústria.”⁹

A construção de ligações viárias entre os seus centros urbanos criou desde cedo uma forma fácil de emergir e expandir território, gerando zonas despessoalizadas entre o conceito rural e urbano, diluindo o limite concreto entre a cidade e o campo.

“As transformações dos campos são tão radicais como as transformações das cidades. Hoje a urbanização progride a um ritmo avassalador e já não está exclusivamente dependente da aglomeração e da proximidade física. As infraestruturas percorrem territórios imensos que tornam possível um sem número de padrões de localização, construções e formas de organização social.”¹⁰

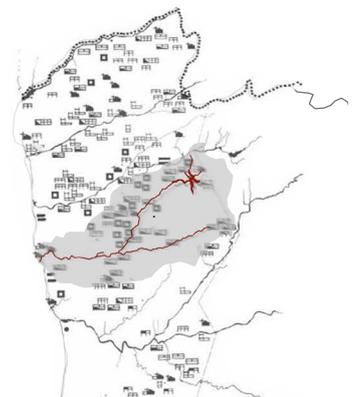


Fig.7_Planta de localização , Vale do Ave

⁸ ANTUNES, Alfredo da Mata [et. al.] – *Arquitetura Popular em Portugal*, 1988.

⁹ *Idem.*

¹⁰ DOMINGUES, Álvaro – *A Rua da Estrada*, 2009, contracapa.



Fig.8_A Vila de Brito, a partir do Monte de Penedinho, à cota 180



Fig.9_A fábrica de Pizarro, em Brito



Fig.10_A fábrica têxtil e o campo de milho, em Brito

“[...] Casas e fábricas construíram-se onde havia estradas e caminhos rurais que ligavam campos e paróquias (freguesias), onde chegava a electricidade e o telefone, onde era possível ter água do rio ou de um poço. A infra-estrutura arterial (auto-estrada e vias rápidas) veio tarde e subitamente rasgando este mosaico denso e capilar, pressionando ainda as terras baixas e povoadas dos vales e das veigas agrícolas.”¹¹

Os meios rurais “[...] vão-se decompondo com a desruralização e o seu rasto de efeitos colaterais: o despovoamento, o envelhecimento, o abandono da produção agrícola e dos campos, o desaparecimento de certos estilos de vida, saberes e práticas culturais [...]”¹², que se manifestam devido à sucessão de abandono do trabalho do campo em prol de um novo estilo de vida. Contudo, este abandono da atividade promoveu a ascensão do território. O enraizamento da indústria nas áreas férteis de cultivo foram o primeiro passo para a transformação do mundo rural, que resultou na degradação de várias estruturas dedicadas à atividade agrícola tradicional, que se revelou na mancha de pontos de ruínas, como os que identificamos na planta do concelho de Guimarães.

Podemos constatar no desenho, que grande parte dos edifícios em ruína se encontra junto dos rios e seus afluentes, o que facilmente se associa a um conjunto de construções agrícola, que antigamente dominavam as terras, onde agora se encontram fábricas e outras construções.

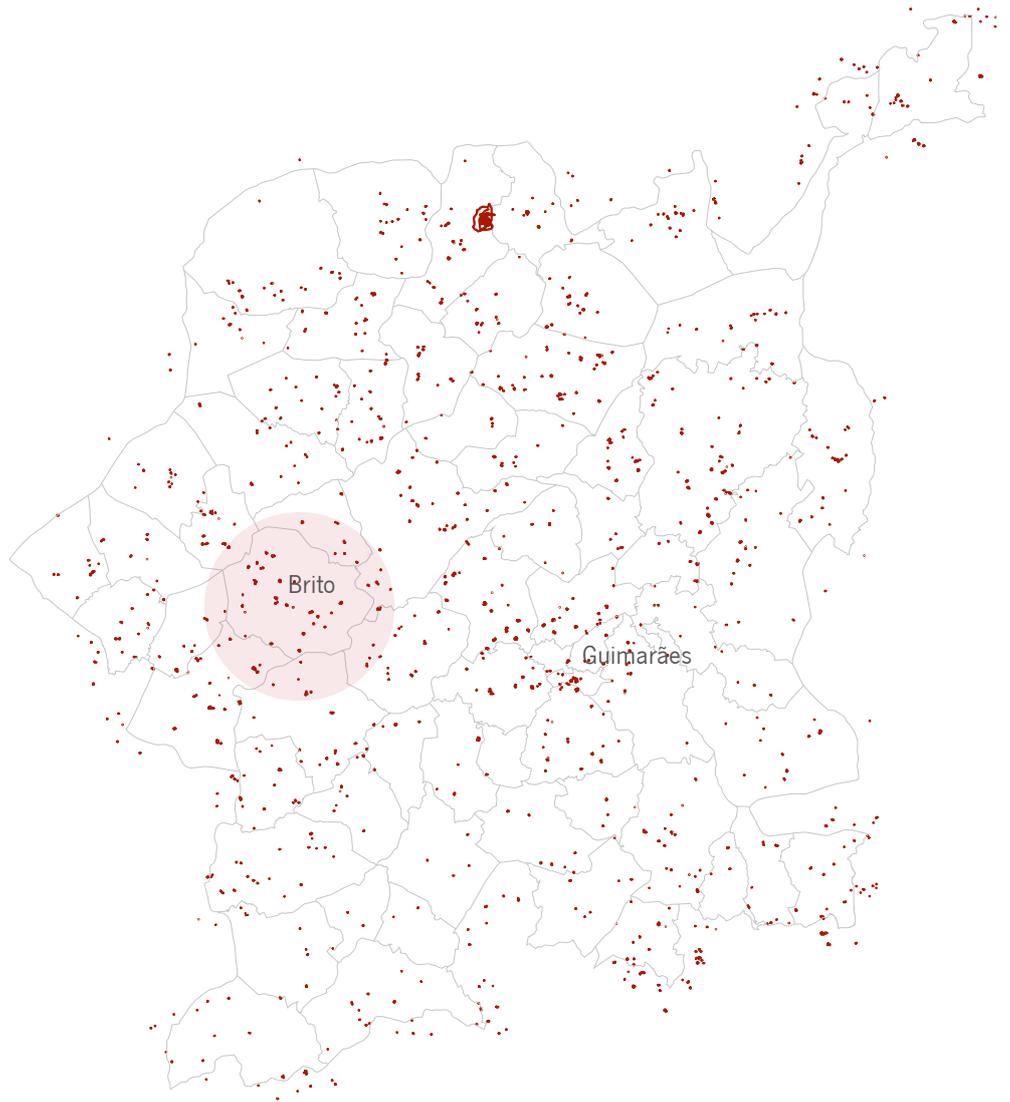
Como podemos observar, em contraste com as ruínas são destacados os núcleos fabris, com o objetivo de identificar a relação de proximidade entre as duas atividades - agricultura e indústria - ambas estruturadas pelas linhas de água.

“A zona rústica e fabril de Guimarães é vigorosamente demarcada do lado Sul [...]”¹³ Por isso, numa tentativa de explorar o terreno e perceber de que forma é que estas ruínas se encontram em articulação com a envolvente, foi selecionada uma área, tendo em conta o cruzamento das duas estruturas de atividades económicas distintas, junto do rio Ave.

¹¹ DOMINGUES, Álvaro – *Transgénicos*, in: *Arquitectura em Lugares Comuns*, 2008, p. 31.

¹² DOMINGUES, Álvaro – *Vida no Campo*, 2011, p. 23.

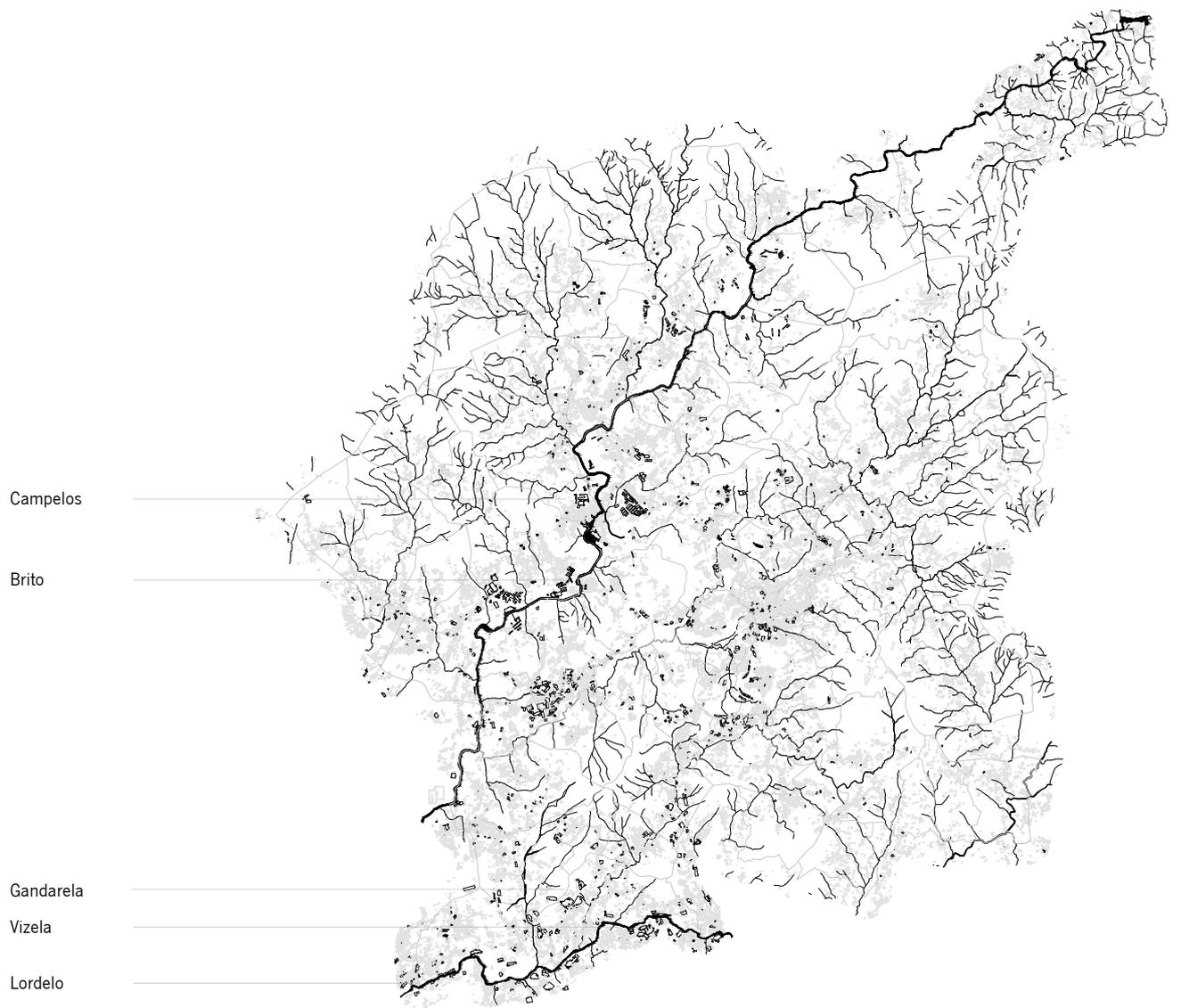
¹³ Guia de Portugal, 1965, p.1105.



- Edifícios em ruína
- Zona da amostra

Fig.11_Mapeamento de edifícios em ruína na cartografia de Guimarães, em 2002





● Unidades Fabris

Fig.12_Estrutura hidrográfica e indústria na cartografia de Guimarões, em 2002



a área de análise

A área de análise encontra-se sob influência do rio Ave e localiza-se no concelho de Guimarães, próxima da cidade. Este é caracterizado pela “[...] singularidade da sua fisionomia [...] com as suas numerosas fábricas de fiação e tecelagem [...]”¹⁴, que outrora dispôs de “[...] alguns importantes núcleos fabris: Pevidém, Vizela, Lordelo, Gandarela, Campelos [...]”¹⁵. Atualmente, apesar de alguns deles estarem ao abandono, na área da amostra, o núcleo ampliou, e para além de se ter revelado o grande potencial económico das localidades envolventes, tende a crescer cada vez mais.

A amostra centra-se na Vila de Brito, apresentando uma alteração significativa da sua morfologia, diretamente associada à implantação de indústria, junto do Ave. À medida que o trabalho fabril surge, dá a possibilidade ao agricultor de trabalhar como operário. A agricultura era a economia principal desta área, no entanto, em descrições de 1965, constata-se que existia uma alteração de usos na atividade do lugar. Ainda assim, haviam mais campos cultivados do que campos construídos.

“Postas de lado as características construções que são o fruto da passageira influência dum progresso mal assimilado, ou da extrema penúria de meios e cultura de populações mais sacrificadas [...]”¹⁶, analisemos a forma como este território cresce, mas sobretudo o estado atual em que o encontramos.

¹⁴ *Idem*, p. 1134.

¹⁵ *Idem*, p. 1105.

¹⁶ ANTUNES, Alfredo da Mata [et. al.] – *Arquitectura Popular em Portugal*, 1988.



Fig.13_Fábricas localizadas na amostra, 2017 

A partir das cartografias, identificamos uma forma de ocupação de base rural, com as suas construções próximo das linhas de água.

Contudo, nos últimos anos, é quase impercetível reconhecer a identidade desta povoação a partir da artéria principal que une as várias vilas, (N206, que liga Guimarães a Famalicão) pois, a aglomeração de construção de fábricas e edifícios de serviços e apartamentos, junto da estrada, foi camuflando o ambiente bucólico deste meio rural.

Da uma análise imediata, podemos constatar que neste território, existe um contraste de massa construída que aumentou exponencialmente entre 1968 e 2018, arruinando a sua imagem orgânica.

É visível o impacto do crescimento que nos “[...] últimos anos tem “devorado” a paisagem, criando lugares estranhos e difíceis de definir.”¹⁷, pela multiplicidade de elementos existentes, no mesmo lugar.

A falência do mundo rural é mais real do que parece. A presença de casas novas e ruínas no mesmo espaço é constante. A topografia foi manipulada e grande parte das linhas de água foram canalizadas. É irreconhecível o desenho orgânico e a forma intrínseca com que a construção rural se integrava no suporte natural.

“Perdida a funcionalidade do mundo rural e do que lá havia, existe um sistema infundável de destroços que se podem reciclar para o ofício do re-encantamento da realidade do presente, entalado que este está entre referências genéricas e avassaladoras da cultura de massas[...]”¹⁸

Agora, as questões que se colocam são: como (re)ativar estas ruínas? E como as (re)integrar no estilo de vida atual mantendo a sua identidade?

¹⁷ TAVARES, André [et. al.] – *Arquitectura em Lugares Comuns*, 2008, p. 7.

¹⁸ DOMINGUES, Álvaro – *Vida no Campo*, 2011, p. 211.

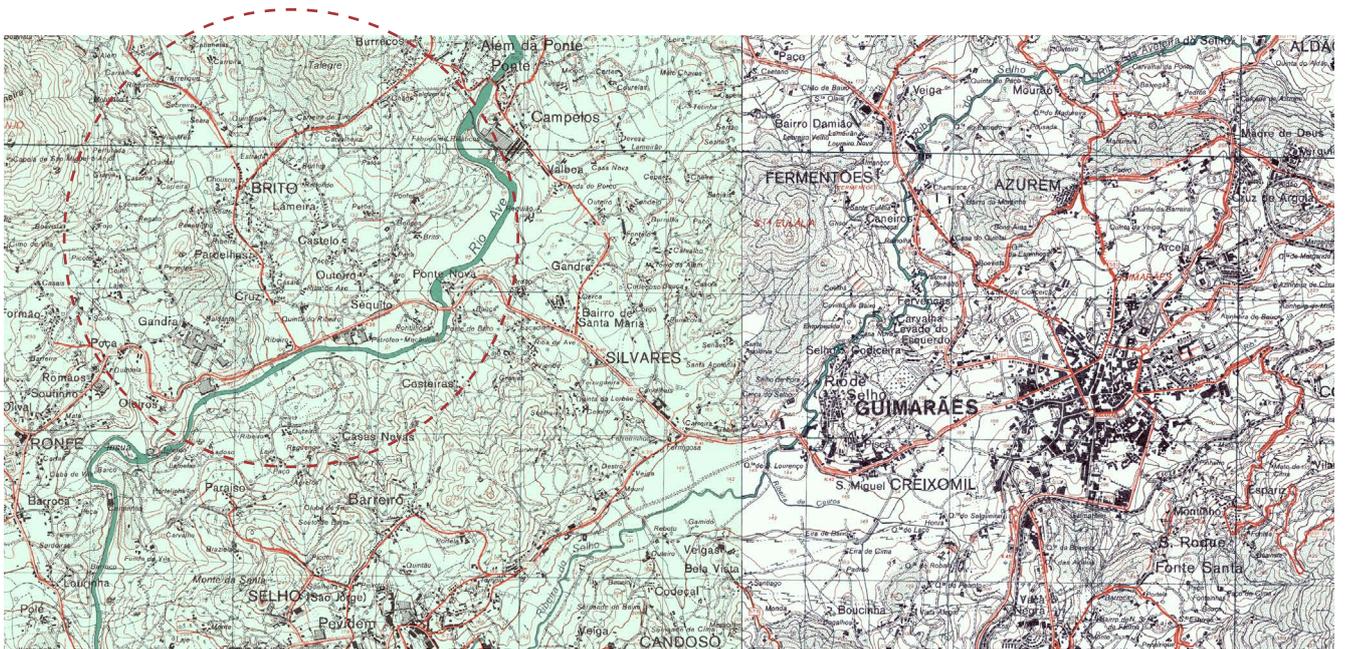


Fig.14_Carta Militar, Brito - Guimarães, 1968

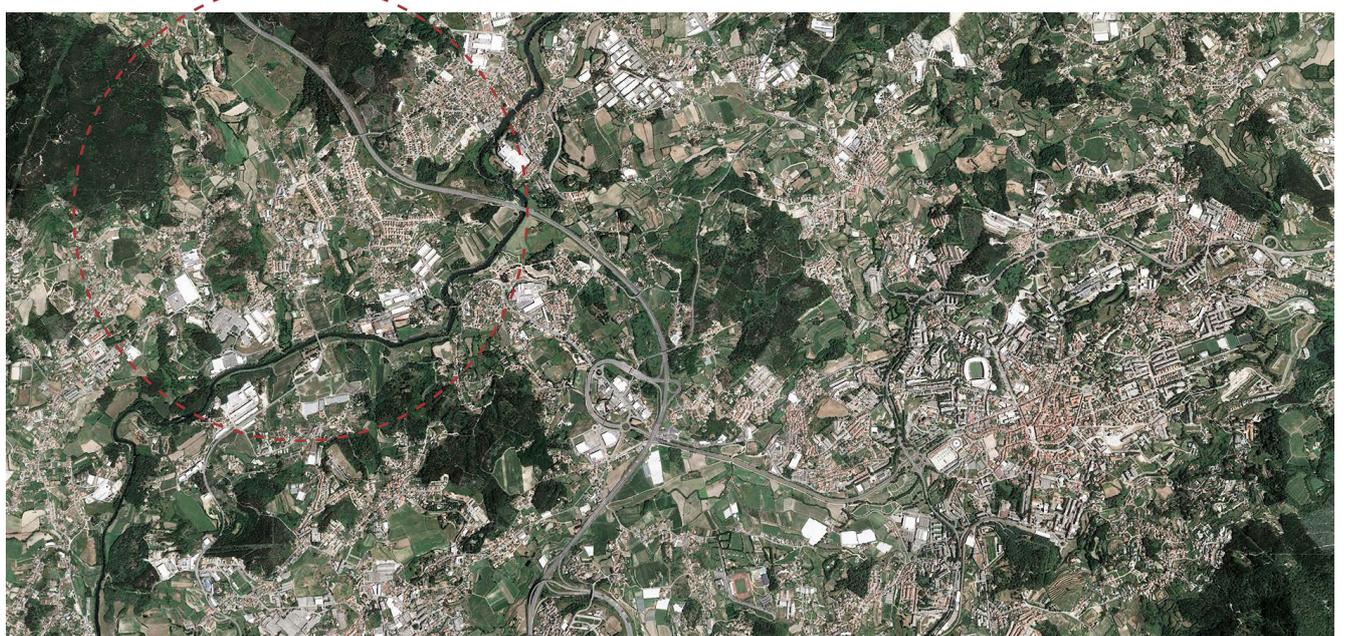


Fig.15_Ortofotomapa, Brito- Guimarães, 2018

da urbanização ao abandono da estrutura rural

Como podemos constatar nos desenhos, ao mesmo tempo que o território se transforma, para além de criar um conflito identitário na imagem do lugar, promove espaços vazios, a destruição e indefinição de limites (entre a nova construção e a existente) e o abandono de antigas estruturas, com fim à sua degradação.

A transformação significativa da amostra dá-se num intervalo de tempo entre os anos de 1948 e 2002. Contudo, em 2018 assistimos ao “desfecho” dessa transformação através dos vestígios em ruína que encontramos, junto dos afluentes.

As infraestruturas surgem consoante o fluxo e a evolução, conquistando a área agrícola, causando um impacto negativo numa forma de viver, intrínseca do lugar.

Esta transformação criou uma rutura na atividade enraizada neste território, que até aos anos 50, se “[...] tinha estabilizado [...] e perdurava graças à existência da abundante força de trabalho de campo, dado que até essa data não se tinha produzido no país um verdadeiro crescimento industrial que absorvesse a população rural.”¹⁹ “A grande queda deu-se nos anos 50 e 60, logo a seguir á época onde a agricultura alcançou a maior importância económica e demográfica em Portugal.”²⁰

Da análise à amostra, entre 1948 e 2018, constata-se que conforme as unidades fabris se implantam, existe uma desativação das Quintas, surgindo daí as ruínas assinaladas, características da atividade agrícola.

Isto porque, a geração de lavradores, de início de século XX, foi ficando sem ajuda para o trabalho de campo conforme os filhos se foram afastando do meio rural. A certa altura é impossível gerir uma área de cultivo tão extensa, e os agricultores mais antigos, acabam por ter que abandonar a agricultura e as atividades complementares associadas à habitação.

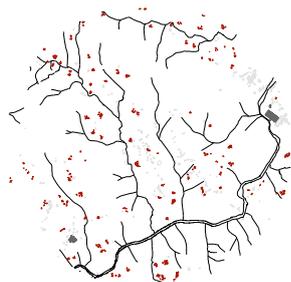
Em “[...] 1970 a quebra era já de um terço em relação ao número de 1950 [...]. De 1960 para 1970 a população ativa agrícola diminuiu 30%.”²¹

De 1990 para 2002, o número de Quintas em atividade, reduziu. O que justifica o aparecimento em massa de edifícios em ruína. Nesta fase de transformação da amostra, a influência na paisagem foi a mais pujante, devido ao aumento exponencial de vários elementos, que eliminaram por completo grandes áreas de cultivo. Para além do ligeiro crescimento da indústria, foram construídos vários loteamentos e unidades de habitação familiar, a ponte que liga a vila de Brito a Pevidém, que segue a N310 e ainda, a autoestrada do Baixo Minho, A11.

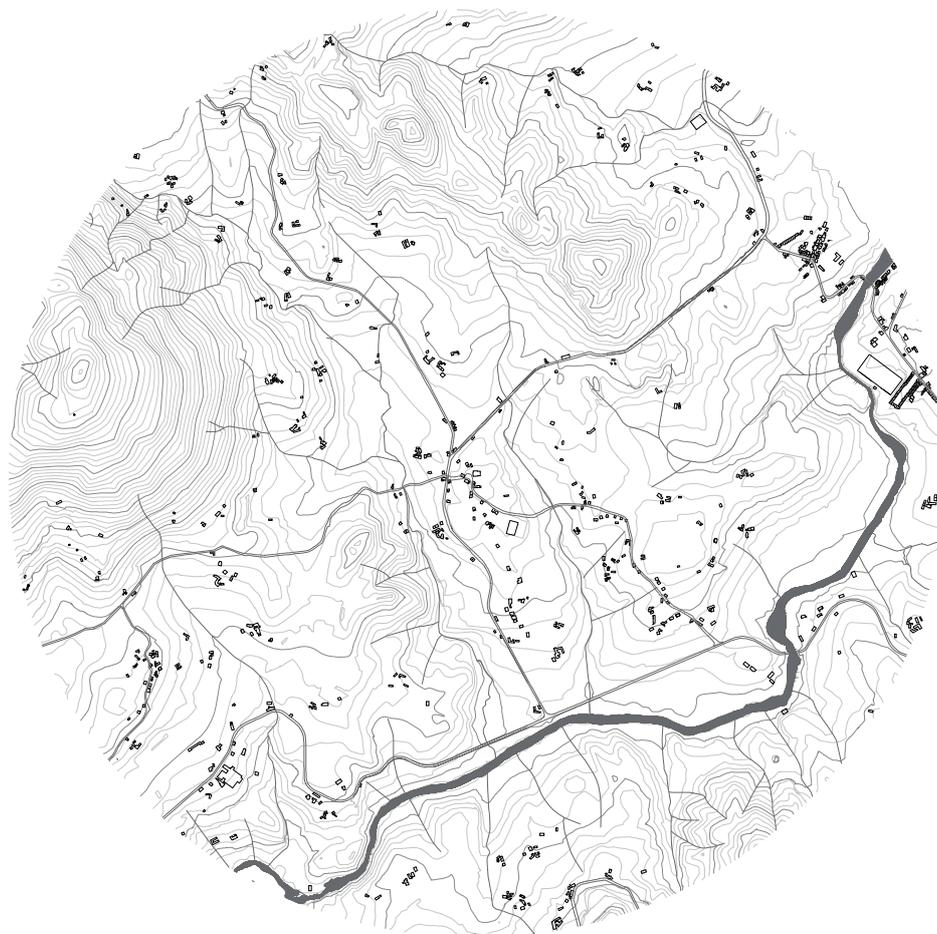
¹⁹ FREIRE, Dulce, FONSECA, Inês, GOD- INHO, Paula – Mundo Rural, 2004.

²⁰ DOMINGUES, Álvaro – Vida no Campo, 2011, p. 82.

²¹ *Idem*, p. 83.



1948



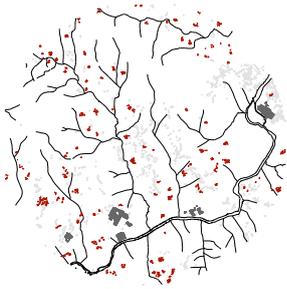
1948

- Quintas Ativas
- Unidades Fabrís

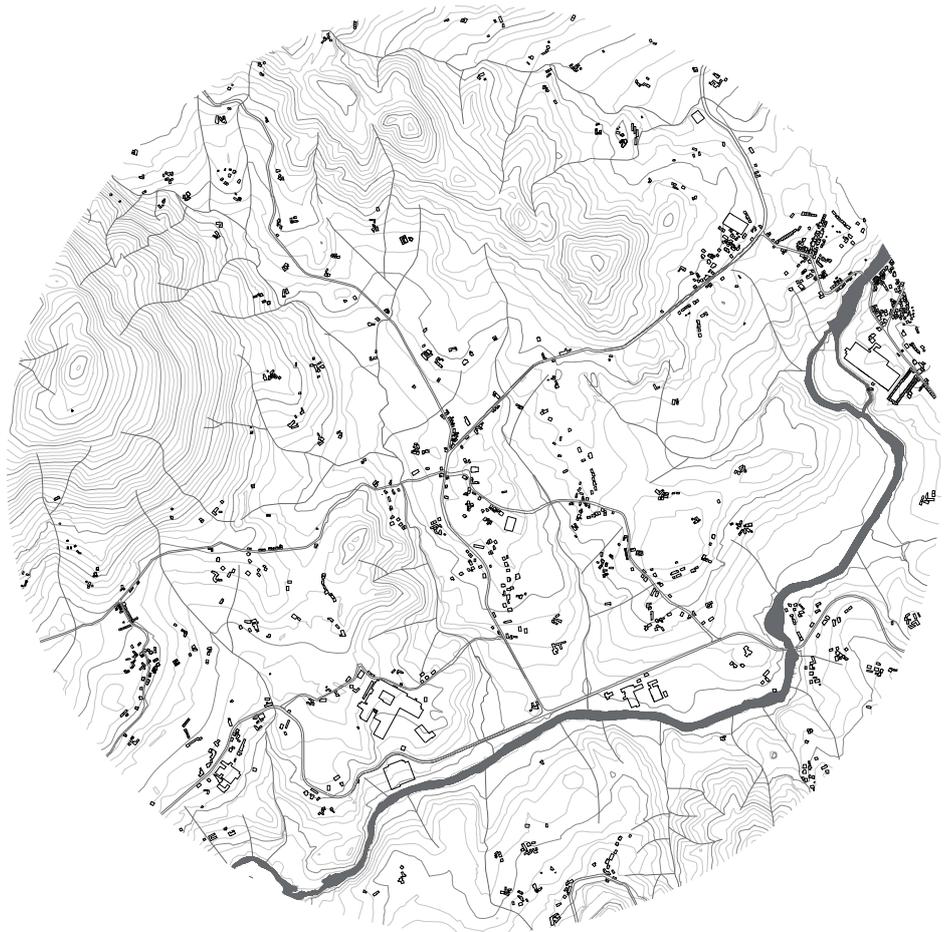
Fig.16_Análise das duas atividades existentes na amostra, entre 1948 e 2018

Fig.17_Plantas do crescimento da amostra, entre 1948 e 2018

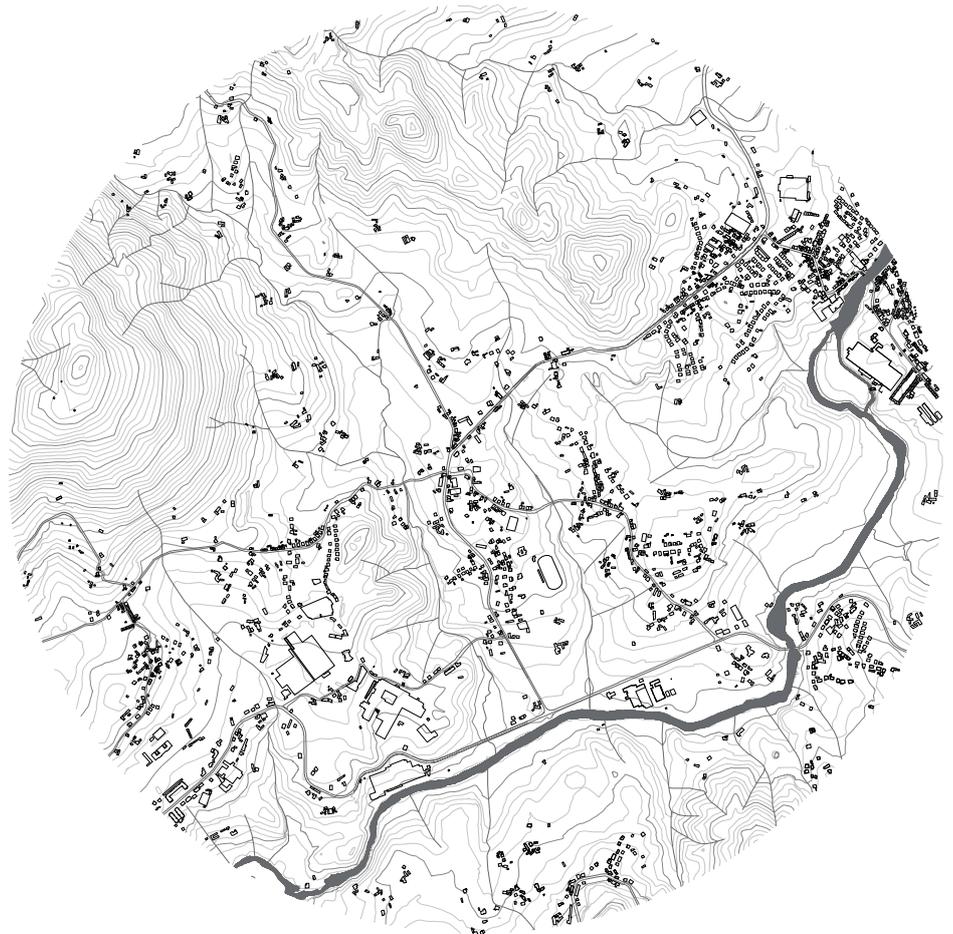
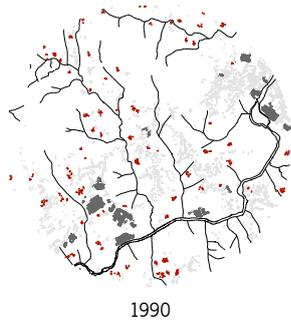


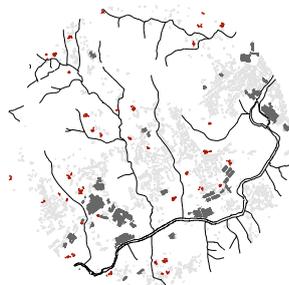


1968

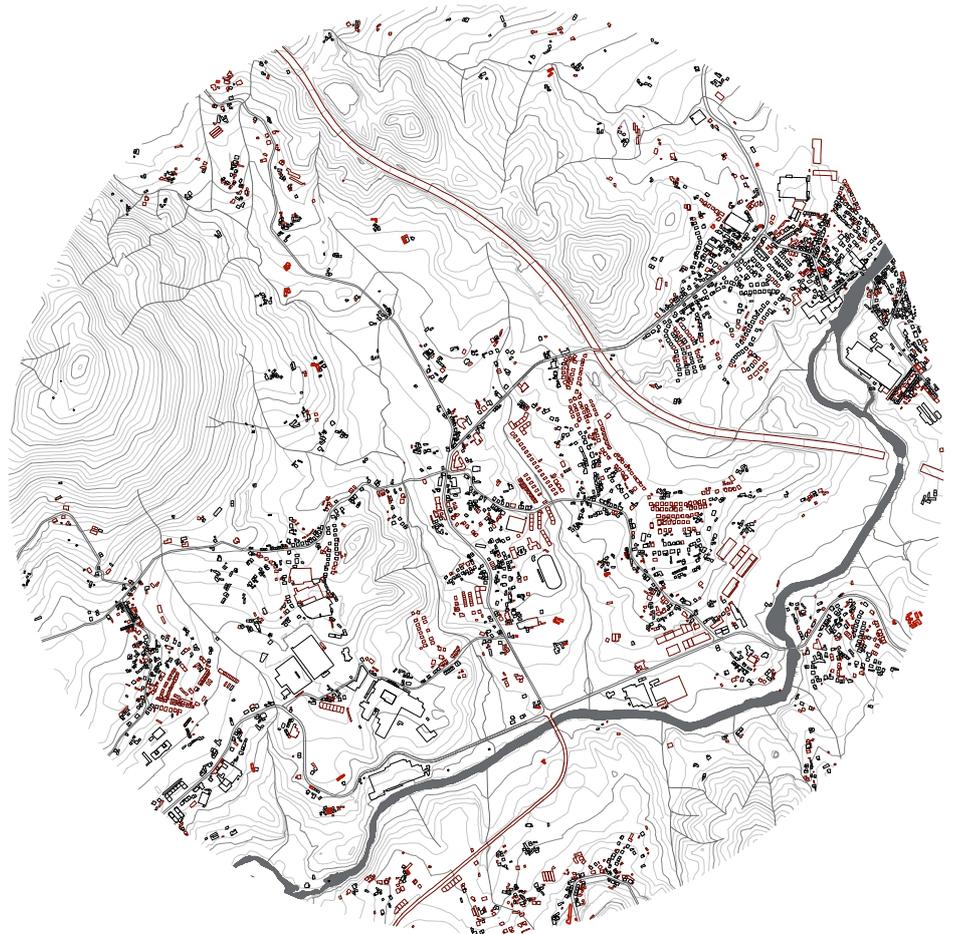


1968



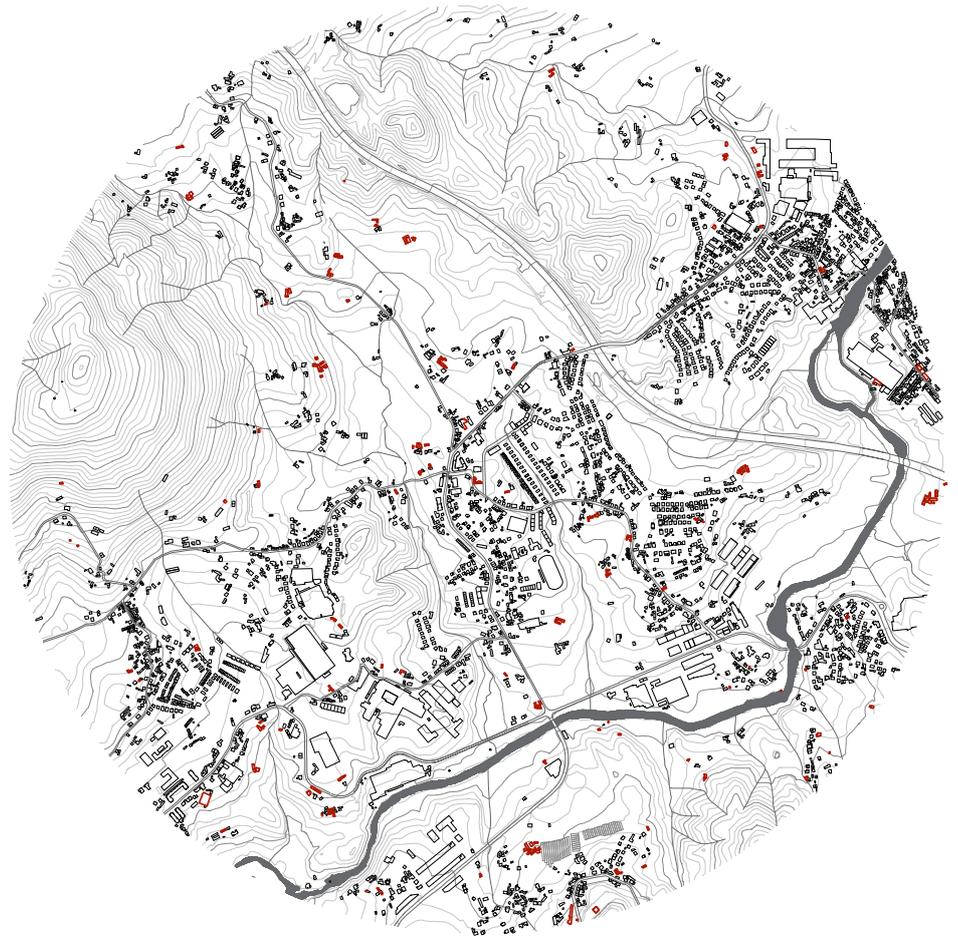


2002



2002

- Quintas e outros ed. agrícola em ruína
- Construção entre 90 e 2002



2018



2018

● Quintas e outros ed. agrícola em ruína

Esta cartografia, acaba por refletir uma problemática presente no território, baseada no abandono da cultura rural, onde é cada vez mais difícil de reconhecer a sua origem, devido à urbanidade sobreposta à ruralidade, formada por um padrão de 'urbanização rural industrializado'.

À medida que a povoação cresceu, desde 1948 até então, a fixação de fábricas junto do rio foi-se intensificando e as parcelas agrícolas foram sendo subtraídas essencialmente para a construção de habitação unifamiliar loteada.

Face a esta mudança de principal atividade económica da amostra, nos últimos setenta anos, o abandono de Quintas e campos foi ficando claro à medida que a vegetação se foi servindo deles. Estando, ainda hoje, ao abandono, "[...] ao nosso redor, mas é tão comum que permanece ignorado e invisível."²²

"Os destroços do mundo rural estão por todo o lado, desde os que vivem no mundo da pura ficção – bastam umas imagens e um folheto de propaganda turística da vida no campo ou do turismo rural-, a outros que são puras alegorias em forma de ruína e de abandono, verdadeiras presenças de uma ausência que constantemente dá sinal de si."²³

Esta sequência cronológica, cujo fio condutor são os elementos que se adicionaram ao território, facilita a expôr o encadeamento da transformação do espaço no tempo, funcionando como uma imagem síntese das várias construções e infraestruturas que foram surgindo sobre a matriz rural.

É bastante claro, que este meio, "[...]colonizado pela construção de casas, fábricas e loteamentos [...]"²⁴, resultou nesta "[...]combinação de culturas promíscuas [...]"²⁵ dissipando a memória do que foi a imagem do meio rural.

²² RENDELL, Jane – *A Place Between*, 2003, p. 230. Cit.: "She brought to our attention, not historical facts and dates, nor the famous monuments or sites of architectural interest in the area, but rather the sort of stuff that is all around us, but so ordinary that it remains ignored and invisible."

²³ DOMINGUES, Álvaro – *Vida no Campo*, 2011, p. 63.

²⁴ *Idem*, p. 103.

²⁵ *Idem*.

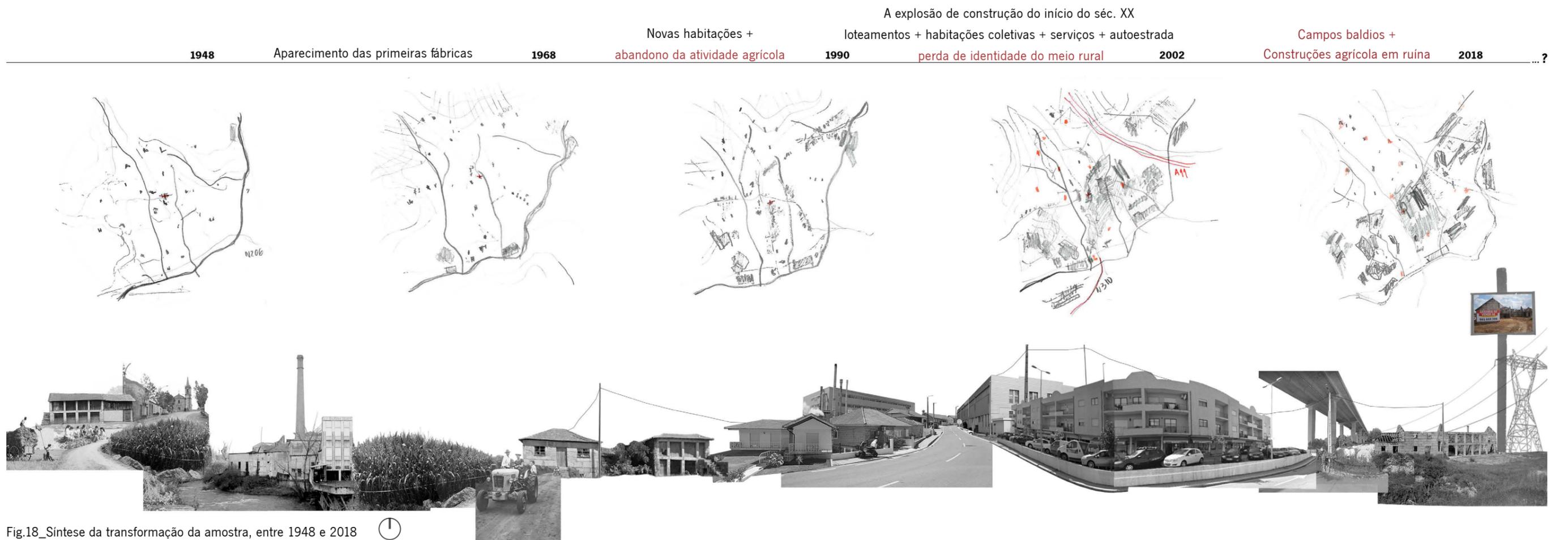


Fig.18_Síntese da transformação da amostra, entre 1948 e 2018

02 | Interpretação

A Vila de Brito: a ribeira dos moinhos e a Quinta do Ribeiro

A Vila de Brito

Brito é uma das vilas que pertence ao concelho de Guimarães, próxima do centro da cidade. Desenvolve-se à margem norte do rio Ave e encontra-se num vale delimitado pela Serra de São Miguel o Anjo, o monte do Alto da Forca e o monte de Montijo. É uma vila de topografia pouco acentuada, rica em pedra granítica, com afluentes e ribeiros em abundância e é atravessada por duas estradas nacionais muito movimentadas, a N206, de sentido Guimarães – Famalicão e a N310, de sentido Taipas – Pevidém.

Elevado a vila em 2001, com quase seis mil habitantes e uma atividade económica diversa, em indústria, comércio e agricultura, e com vários tipos de equipamentos e serviços importantes para o seu funcionamento social.

Atualmente é um território difuso, reconhecido pelo pólo industrial em ascensão, que se desenvolve à sua volta.

A malha rural da antiga freguesia, está dispersa e em desuso, por entre a massa de construção que se estabilizou nos últimos anos. Nesta ainda se identificam alguns edifícios como: a igreja matriz de S. João de Brito, datada de 1762, a capela de Santa Helena, as capelas da Quinta do Ribeiro e da Quinta do Couto e as construções características da cultura minhota, associadas ao cultivo dos cereais.



Fig.19_Centro da Vila, Igreja Matriz de S.João de Brito, antes da requalificação

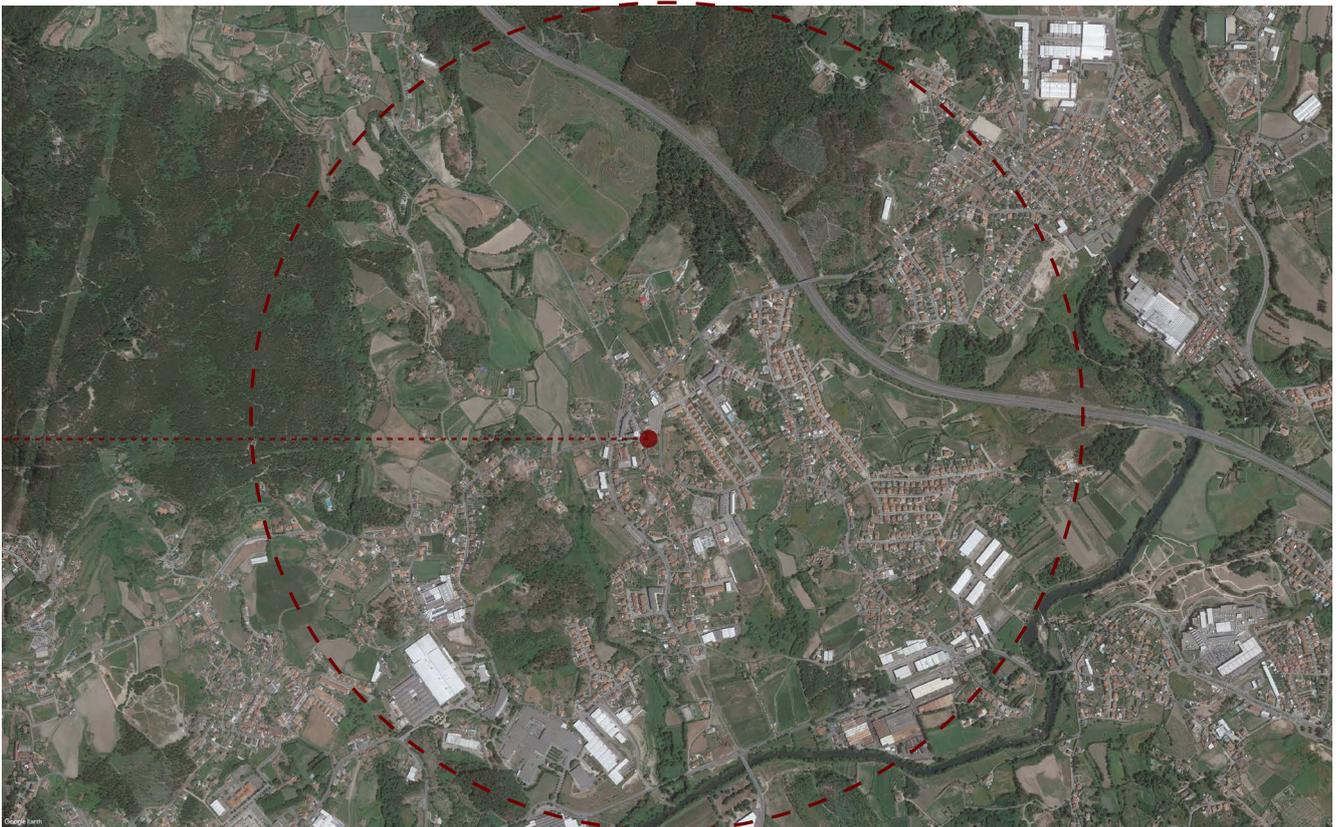
história

Segundo o dicionário geográfico português, a vila tem origens anteriores ao século XV. Nesta, foi fundado um mosteiro de frades beneditinos, por D. Soeiro de Brito, no reinado de D. Afonso V²⁶, no entanto, não existem vestígios da sua existência. São várias as referências a esta povoação que remontam as suas origens geográficas ao ano de 1080, contudo, a toponímia expressiva da vila, ainda hoje usada, sugere a existência de possíveis edificações medievais e dolmênicas, talvez já desaparecidas.

²⁶ LEAL, Augusto - *Portugal: Antigo e Moderno*, 1873, p.493.

Monte S. Miguel o Anjo

Monte do Alto da Forca



Monte S. Miguel o Anjo, 379m



Fig.20_Ortofotomapa e limites montanhosos da Vila de Brito



a aproximação ao lugar

“A proximidade introduz a operacionalidade do fragmento como um dispositivo que enuncia relações e processos existentes e possíveis”.²⁷ “Daí a necessidade de trazer a visão para os seus lugares, para investigar as suas particularidades, relações e processos, longe de preconceitos [...]”.²⁸ Esta aproximação é feita através de percursos, que nos permitem ter uma noção dos elementos e construções existentes.

“Há um tipo de pensamento que corresponde ao caminhar [...]”.²⁹ Caminhar como forma de reconhecer e representar, “[...] que permite que sejam feitas conexões entre as pessoas e os lugares.”³⁰ Estas conexões são importantes para que este processo de exploração e mapeamento se traduza futuramente em ferramentas essenciais na forma de intervir em territórios nestas condições.

A cada passo que damos, a imagem da ruína torna-se vulgar, não por serem várias, mas por estarem cada vez mais presentes neste território.

A sua existência é vulgarizada no momento em que a nova construção a esconde, subtrai a sua área e a transforma retirando todo o seu caráter simples de integração no lugar. É difícil combater esta forma de ocupação do espaço, quando existe um confronto entre a imagem tosca das construções rurais e a casa confortável e moderna do lado. A identidade e memória da raiz do lugar perdeu-se, difundida entre o que é rural e urbano.

“Quando a atividade agrícola muda e ao mesmo tempo se perdem as longas estabilidades que caracterizam as paisagens e as sociedades rurais, também já não se sabe bem que coisa seja o “rural.””³¹ Numa tentativa de descoberta, é fundamental a interação com o terreno, no sentido de o entender e especificar.

²⁷ JUAN, Marta Labastida – *El Paisaje Próximo. Fragmentos del Vale do Ave*, 2013, [vol. I], p. 12. Cit.: “La proximidad introduce la operatividad del fragmento como dispositivo que enuncia relaciones y procesos existentes y posibles”.

²⁸ *Idem*, p. 16. Cit.: “De ahí la necesidad de aproximar la mirada a sus lugares, indagar sus particularidades, relaciones y procesos, lejos de prejuicios o...”.

²⁹ RENDELL, Jane – *A Place Between*, 2003, p. 230. Cit.: “There is a kind of thinking that corresponds to walking [...]”.

³⁰ *Idem*, p.231. Cit. “The spatial story is a device that allows connections to be made between people and places.”.

³¹ DOMINGUES, Álvaro - *Trangénicos*, in: *Arquitectura em Lugares Comuns*, 2008, p.28.



Fig.21_A ruína da Quinta do Ribeiro "Arrendar-se ou Vende-se"



Fig.23_O campo de milho que vai deixar de o ser



Fig.22_Um loteamento em suspenso - espaço vazio

Os percursos narram o que acontece nas diferentes direções, apontando o tipo de vegetação e construção existente, e o seu estado. Nestes, observa-se que a convivência entre unidades agrícolas abandonadas e a envolvente construída é muito próxima.

O percurso 1 faz-se pela N206 e inicia-se numa antiga parcela agrícola, agora baldio, onde se destaca a presença de uma ruína, pertencente à Quinta do Ribeiro, junto da rotunda que cruza a N310. No resto do percurso pode observar-se a estabilização das fábricas, habitação coletiva e serviços existente.

No percurso 2, já no centro da vila, aparecem as habitações geminadas e coletivas. Saindo do centro, começam a surgir campos cultivados, mas curiosamente, com ruínas de Quintas agrícola, agregadas a eles.

Já no percurso 3, completamente fora do centro da vila, entramos numa zona que se encontra em processo de realização de um loteamento, onde se encontram duas ruínas de quintas.

Não existe uma coerência entre os elementos, a sua morfologia e os tipos de ocupação. A sua indefinição enuncia duas formas de viver distintas. As construções ligadas à atividade agrícola reconhecem-se ao longe pela força da presença do sequeiro no conjunto da casa de caseiro, das quintas da vila. Entre as casas novas, os campos cultivados e a quinta ainda ativa, surgem casas de lavoura e espaços abandonados em frente de loteamentos acabados de construir.

São muitos os baldios, os ainda cultivados. São muitos os conjuntos de estruturas e azenhas abandonadas e novas ruas a serem desenhadas.

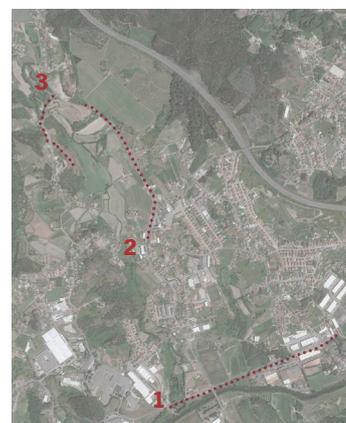


Fig.24_Localização dos percursos na vila.



Percurso 1
N206



Ruína
Quinta do Ribeiro

Campo ativo

Fábrica
Antrol Alfa

Serviços e Fábrica

Rua de Camões

Habitação coletiva + Serviços



Percurso 2
Rua São João Baptista, N310



Habitação geminada

Habitação coletiva

Campo de Milho
Rua Primeiro de Maio

Ruína
Quinta das Quintães

Campo ativo

Habitação abandonada
Baldio

Ruína
Quinta de Cabanelas



Percurso 3
Rua dos Moinhos



Campo ativo

Ruína
Quinta do Ribeirinho

Loteamento em crescimento

Nova Habitação

Baldio

Ruína
Quinta de Vila Meã



Fig.25_Plantas síntese de análise

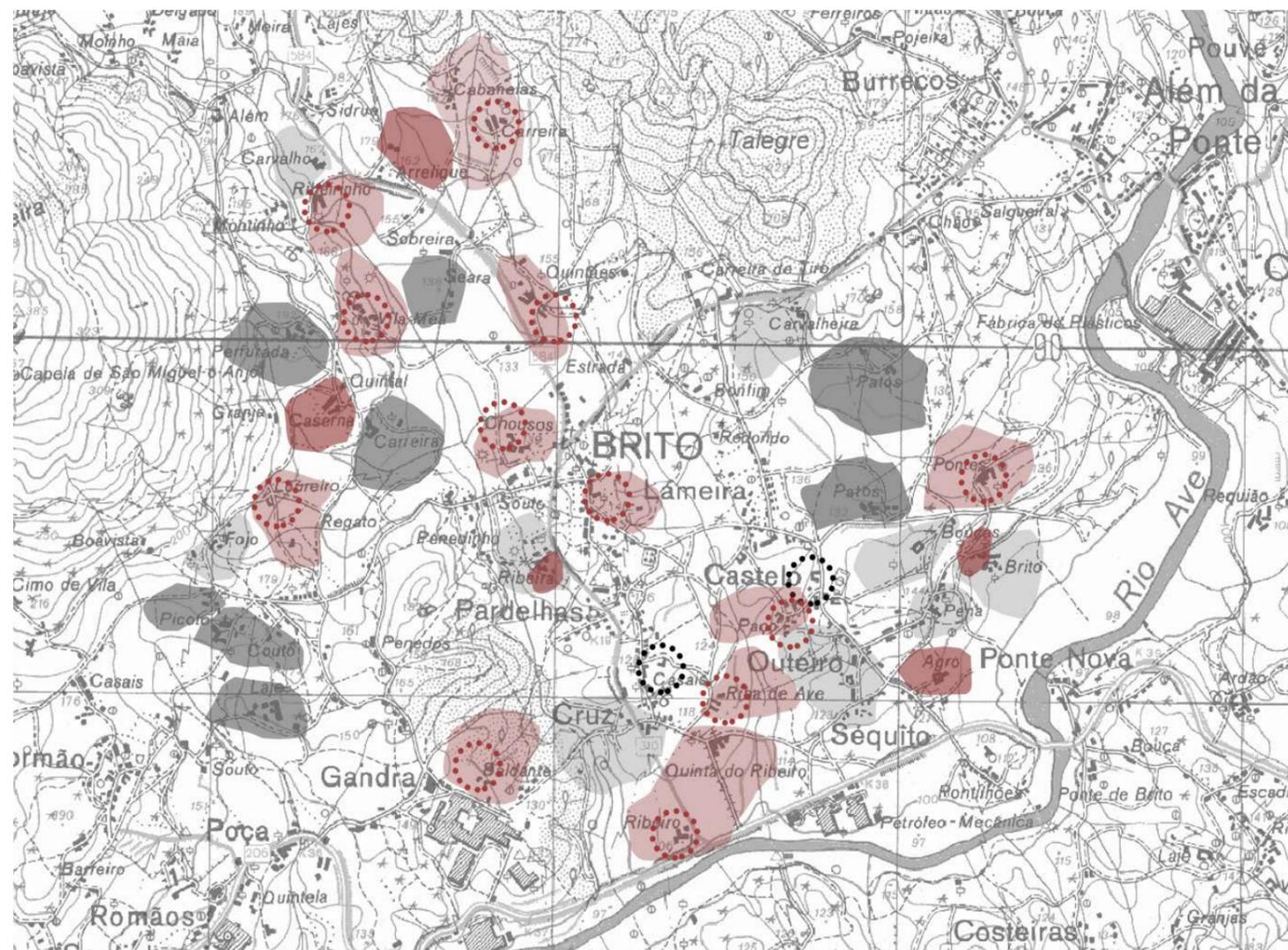


Fig.26_Planta de 1968 com identificação do estado atual das quintas

-  Quintas inexistentes
-  Quintas em ruína
-  Quintas transformadas
-  Quintas ativas
-  Quintas desabitadas



Visto que “[...] o urbano e o rural, misturam-se numa multiplicidade de formas onde não é possível distinguir onde terminam uns e começam outros.”³² É necessário encontrar uma linha de análise onde possamos entender essas fronteiras, e para isso, é feita uma comparação entre o que existe e a memória subjacente.

De acordo com esta análise, na vila existiram um total de 34 quintas, entre 1948 e 1968. Atualmente, 12 estão completa ou parcialmente em ruína, 2 foram desmontadas, 5 estão praticamente desabitadas, outras foram transformadas e apenas se encontram em atividade algumas das casas de caseiro de 7 quintas.

Contudo, apesar de ainda existir uma área de cultivo ativa, é bastante menor. Grande parte desta área foi convertida em formas de agricultura mais extensas e monoculturas destinadas a outro tipo de produção, além dos cereais.

Nesta comparação de dois tempos, observa-se que na área mais à esquerda da vila, se encontra um conjunto de ruínas, numa malha ainda agrícola, associadas a um ribeiro, onde antigamente existiam os moinhos.

³² TAVARES, André [et. al.] –Arquitectura em Lugares Comuns, 2008.

No entanto, para que seja possível reconhecer a matriz da vila é fundamental que seja feita uma desconexão na cartografia atual, entre a área de construção consolidada e a área agrícola em transformação. Pretendendo assim facilitar a aproximação à imagem rural e à identificação dos elementos identitários do lugar e da atividade que integravam, que compõe os vários estratos da paisagem.

Desta forma, é nitida a ocupação de construção, concentrada na zona sul da vila, onde se localizam grande parte dos serviços, novas habitações e fábricas, acedidos pelas ramificações que partem das nacionais.

Porém, mais afastados da rede viária nacional e da intensa massa construída, ainda se reconhece um padrão comum de ocupação rural, com as unidades agrícolas desenvolvidas junto de campos e das linhas de água.

Nesta área, são recolhidos vários elementos que identificam o tipo de atividade e construção intrínseca do lugar.



Área construída



Área agrícola

Fig.27_Plantas síntese das áreas da Vila



Fig.28_Elementos identitários da Vila

a memória do lugar

Após a abordagem ao estado atual da vila e da recolha do tipo de construções existentes, características da atividade agrícola enraizada no Minho, é relevante referir a memória do lugar enquanto forma de aproximação à identidade local.

“Rural é um adjetivo que qualifica culturas, visões do mundo, imaginários [...] e, por arrastamento, as gentes e a geografia, o território e as paisagens desses imaginários.”³³

Segundo um Inquérito Paroquial de 1842, na freguesia de Brito, a produção agrícola consistia maioritariamente em milho, centeio, outros vegetais e vinho. E era essencialmente de subsistência.

O seu suporte hidrográfico é composto essencialmente por “[...] 4 levadas chamadas uma Riaçor, outra dos 8 moinhos outra do Pontão Velho e outra do Talho [...]”³⁴, desenhavam a topografia e irrigavam outrora os campos, muitos deles construídos.

Destas, destaca-se uma ainda hoje, pela forma vincada com que se apresenta na topografia, a ribeira dos 8 moinhos. Atravessa a vila de norte a sul até ao rio Ave, e apresenta pontualmente ao logo do seu curso, moinhos e azenhas, que eram usados no auxílio de moagem dos cereais para os lavradores da vila. Atualmente encontram-se em ruína ou até demolidos, impedidos de aceder pela densidade de mato nos terrenos baldios próximos.

“Ao longo dos pequenos ribeiros sucedem-se as quintas, recatadas e velhíssimas, afogadas em folhagem, algumas do tempo dos reis afonsinos [...]”³⁵ A expressividade da toponímia dos lugares e das quintas antigamente usados, ainda se usam nos dias de hoje.

Em 1842, a antiga freguesia de S. João de Brito, contou com 643 pessoas. Entre elas, “[...] um serralheiro, um ferreiro, dois carpinteiros, dois estanqueiros, dois merceiros, ...vinte proprietários de raiz, e vinte e nove caseiros dos mesmos [...]”³⁶

Na altura não haviam “[...] fábricas nem engenhos [...]”³⁷, e o trabalho no campo era feito de um modo tradicional. Os lavradores eram amparados pelos filhos, pelas mulheres e pelos animais, que com o reforço de equipamentos faziam a preparação do campo para a sementeira. A entreatajuda do povo existia em algumas fases dos ciclos de produção, principalmente em áreas de cultivo muito extensas. Nestas alturas, o trabalho resultava em convívios e eram usados trajas a preceito, feitos em linho, pelas mulheres da casa.

toponímia

Lugar de Valdante, Quinta de Valdante, sugerem uma possível existência de edificações dolméticas - Vale de Anta; Lugar do Castelo, alusivo a fortificação de tipo castrejo ou alti-medieval; Relacionada com o âmbito medieval: Lugar do Paço, Quinta do Paço, alusivo à desaparecida estrutura habitacional senhorial; Lugar do Couto, Quinta do Couto, de sentido evidente; Lugar da Pena, Quinta da Pena, simples penedia ou fortificação roqueira; Lugar de Trás-Carreira, Quinta de Trás-Carreira e Quinta de Carreira, referente a uma via; e ainda o curioso e raro topónimo Séquito, de origem enigmática.³⁸

³³ DOMINGUES, Álvaro – *Vida no Campo*, 2011, p. 121.

³⁴ Revista de Guimarães - Inquérito Paroquial, 1842, p. 3.

³⁵ Guia de Portugal, 1965, p. 1230.

³⁶ Revista de Guimarães - Inquérito Paroquial, 1842, p. 2.

³⁷ *Idem*, p. 4.

³⁸ Blog. - História da Freguesia de Brito, 2007.



Fig.29_Representação da memória do lugar

a organização e ocupação da matriz rural

Nestas cartografias, identifica-se o tipo de ocupação da paisagem. Apesar da sua transformação, ainda se reconhece o tipo de ocupação, composto por uma estratificação multissecular, de povoamento disseminado, caracterizado “[...] pela fixação do lavrador e da sua família junto das terras que trabalha.”³⁹

A antiga freguesia de São João de Brito desenvolveu-se espontaneamente em torno de um ponto central mais alto, relativamente ao vale em que está inserida, onde se localizam a igreja, a capela e o cemitério. O papel da religião era fundamental na administração e união da freguesia, a par da atividade agrícola existente, pois beneficiava de uma cõngrua, composta por parte das colheitas dos agricultores locais.

Esta apresentava vários tipos de construções de habitação, umas mais isoladas, outras em conjunto, variando de acordo com a função em que se integravam.

Em conversa com antigos agricultores, foi interessante perceber que existia um tipo de casa, relacionado com o ofício que o habitante desempenhava nas suas atividades diárias.

Desta forma, o lugar era organizado com construções todas em pedra e madeira, como: as “casas de cabana”⁴⁰, as “casas de senhores”⁴¹, as “propriedades pequenas”⁴² e as “casas de caseiro”⁴³. Nestas viviam os lavradores, caseiros de senhores ricos. Estes, por sua vez, habitavam os solares e quintas abastadas, quase sempre com uma pequena capela associada e uma forma e organização bastante diferente das anteriores. Contudo, no seu conjunto, incluía muitas vezes a casa singela do caseiro, que tratava do seu serviço diário.

A vila “[...] apresenta-se-nos salpicado de propriedades de todo o tamanho, a que os serpenteados caminhos vicinais dão a necessária coesão. À margem destes, mas cravados no seu próprio agro, despontam as casas de lavrador, que se constituem como organismos unifamiliares e auto-suficientes, compostas pela moradia e as construções anexas, erguidas consoante as necessidades.”⁴⁴ As propriedades eram distinguidas pelos nomes dos lugares em que se encontravam como: Quinta da Cruz, no lugar de Cruz ou Quinta do Outeiro, no lugar de Outeiro.

lugares com:

casas de Cabana

Montinho, Bonfim, Sidrua, Castelo, Casais e Lameira

propriedades pequenas

Arrelique, Sobreira, Granja e Redondo

moinhos

Penedinho e Pontilhões

quintas

Terça de Cima:

Baldante, Laje, Couto, Picoto, Fojo, Loureiro, Carreira, Caserna, Vila-Meã, Ribeirinho, Carvalho, Trás-Carreira, Cabanelas, Seara, Quintães, Chousos, Perfurada e Ribeira;

Terça de Baixo:

Ribeiro, Cruz, Pardelhas, Riba d’Ave, Outeiro, Pena, Paço, Agro, Casas Novas, Bouça, Brito, Carvalheira, Patos, Bouças e Pontes.

³⁹ ANTUNES, Alfredo da Mata [et. al.] – *Arquitectura Popular em Portugal*, 1988.

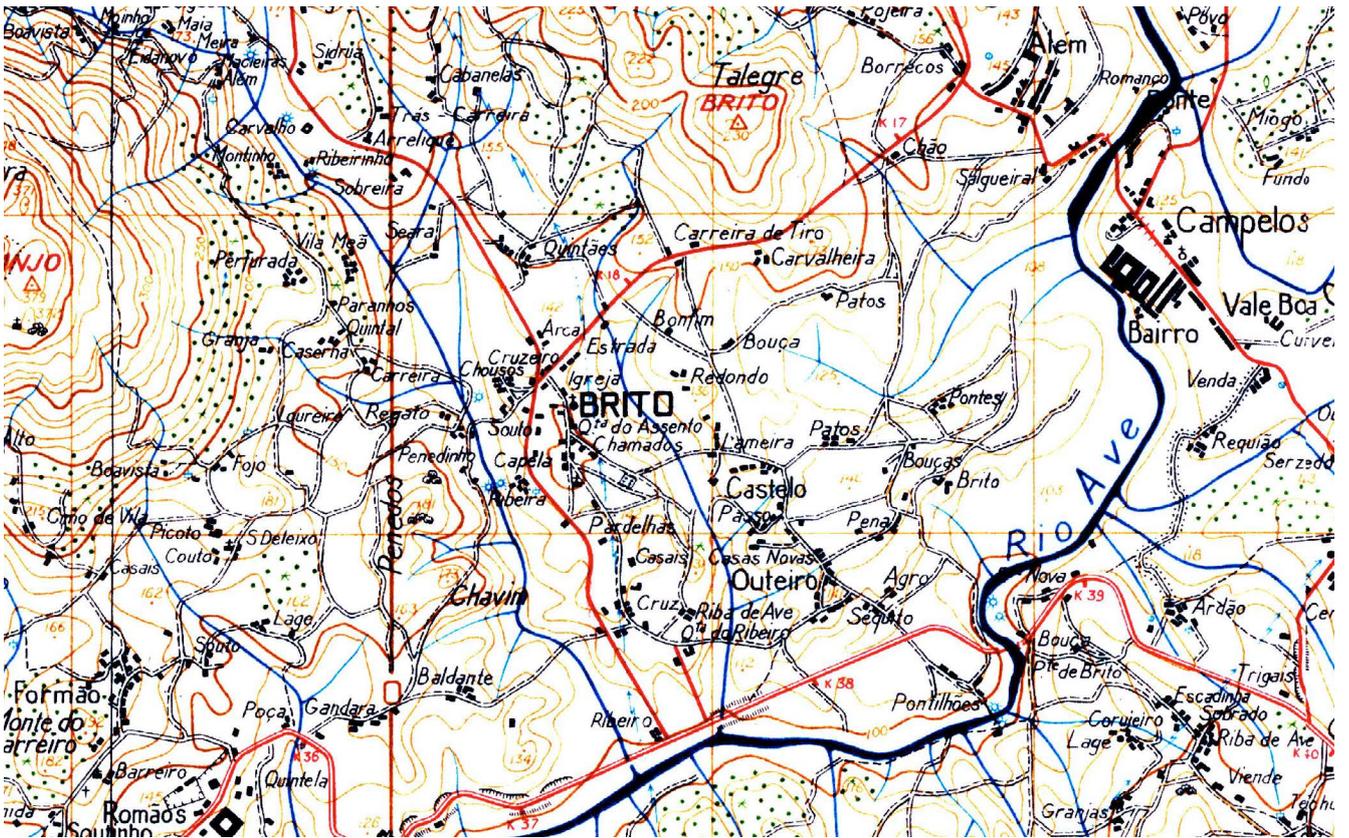
⁴⁰ Casas sem lavoura que eram normalmente habitadas pelos jornaleiros. Estes auxiliavam no cultivo das quintas da zona. - Vocabulo usado entre os antigos lavradores da vila.

⁴¹ Casas mais ricas onde habitavam normalmente “os artistas” - pessoas que não trabalhavam no campo, eram instruídos ou trabalhavam em fábricas. - vocabulo usado entre os antigos lavradores da vila.

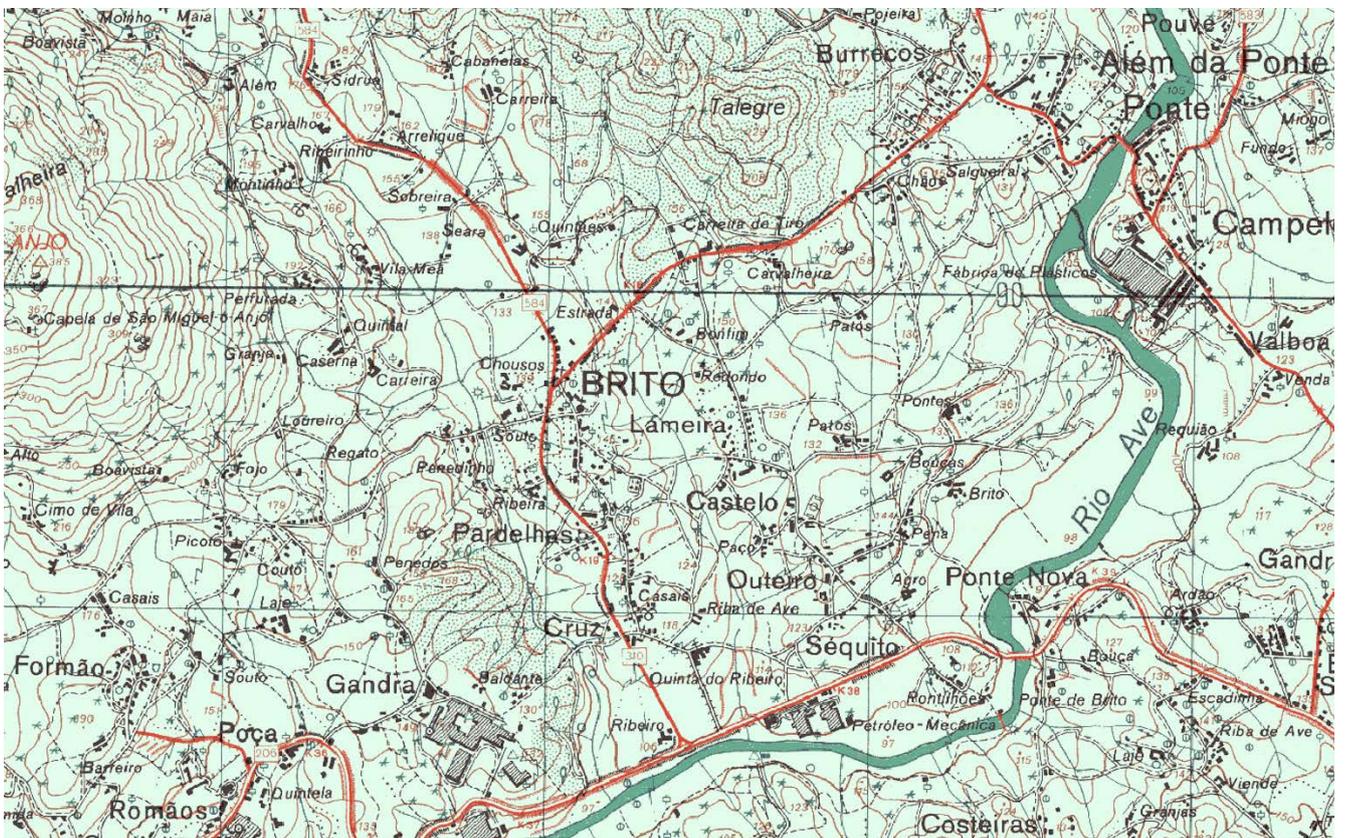
⁴² Casas constituídas pela habitação e pelo pequeno campo de cultivo.

⁴³ Casa integrada no conjunto da quinta. Normalmente cada Quinta era constituída por várias casas, cada uma delas com os seus anexos relativos à produção agrícola a que se dedicava.

⁴⁴ ANTUNES, Alfredo da Mata [et. al.] – *Arquitectura Popular em Portugal*, 1988.



1948

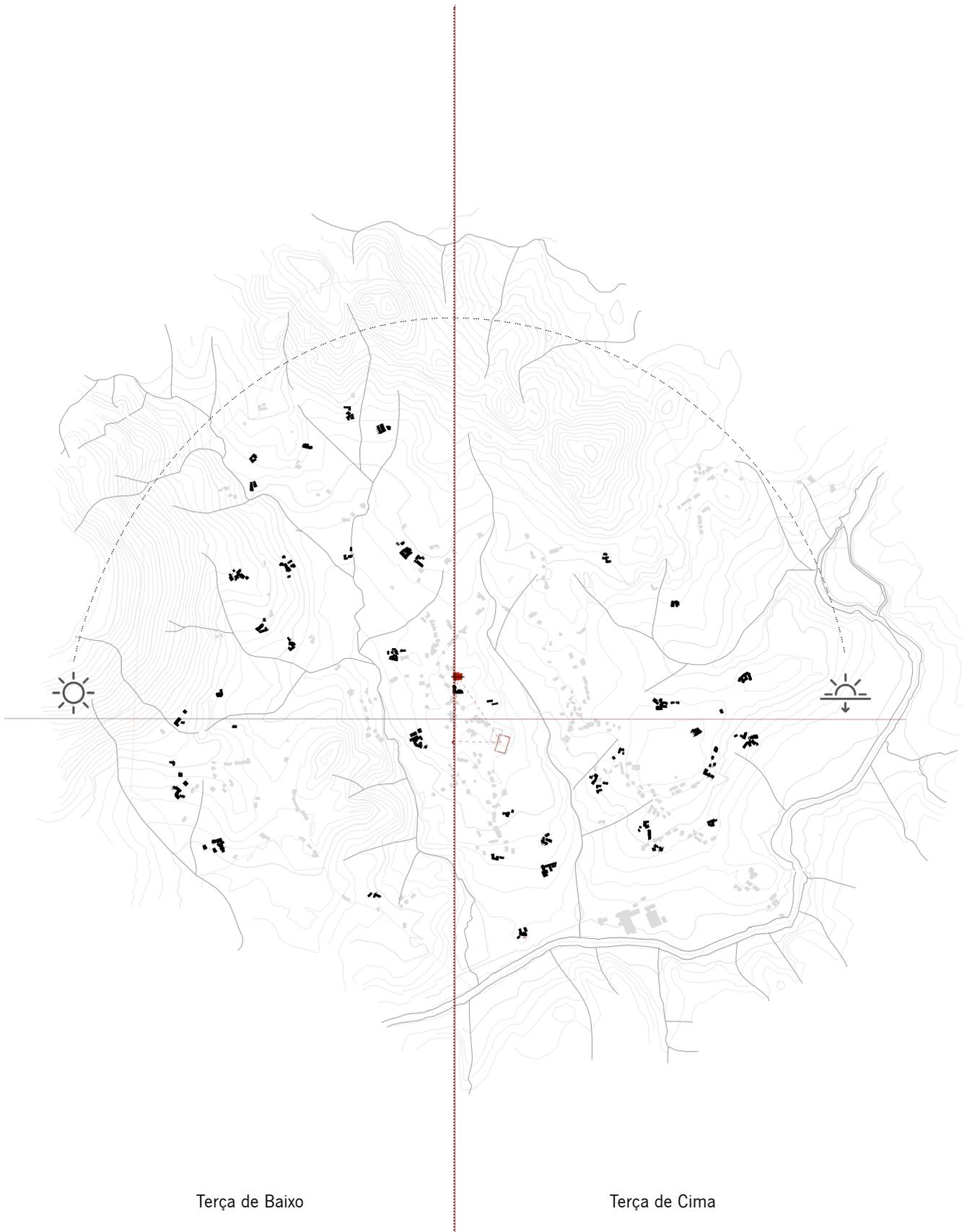


1968

Fig.30_Cartas Militar da Vila de Brito



Cada família que habitava as “casas de caseiro” das quintas da freguesia, fazia uma oferenda, que incluía uma pequena parte da sua colheita, para um cortejo realizado na vila, que acabava no largo da igreja. Aí era feito um leilão e o dinheiro arrecadado era dedicado à realização das festas da paróquia. Contudo, como a freguesia tinha muitas quintas, eram realizados dois cortejos em dias diferentes. Estes foram definidos a partir do ponto central. A vila passou a estar “dividida” em duas partes, a terça de baixo, que incluía as quintas para a frente da igreja e a terça de cima, que incluía as que ficavam nas costas.



Terça de Baixo

Terça de Cima

Fig.31_Esquema de ocupação e organização das quintas



a organização da Quinta e a sementeira

As construções implantam-se de acordo com o que beneficiariam dos recursos naturais existentes. No geral, a quinta era o conjunto construído mais imponente na paisagem, que geria áreas extensas de cultivo. Este conjunto, geralmente dispunha-se a meia encosta, junto dos seus campos em solo plano e de água abundante, que justificavam a sua principal colheita, o milho.

As linhas de água existentes normalmente marcavam a divisão dos terrenos das quintas.

Nestas, a lógica funcional é a mesma, contudo, existem várias formas de a organizar. Geralmente desenvolvem-se em torno de um eido, que é uma espécie de pátio acedido por todos os organismos que a compõe, e onde normalmente se juntava o gado. Variava consoante a zona em que se implantava.

O complexo agrícola organizava-se conforme as atividades. Normalmente a casa tinha dois pisos, como é o caso da Quinta de Cabanelas. No piso inferior, encontrámos agregado à cozinha, a loja e em baixo da sacada, a latrina. O andar superior é acediido por escadas exteriores, em pedra, e é onde se organizam as divisões dos quartos e da sala, que em algumas casas podia ter acesso ao sequeiro. Nesse caso, a casa podia designar-se por: casa sequeiro, estando os dois volumes adoçados.

As cortes dos animais e a barra podem estar junto a qualquer volume. Em Cabanelas, existe uma corte junto do volume da loja e outra junto da cozinha, mesmo em baixo dos quartos.

Nem todas as casas de caseiro tinham lagar. Nas quintas constituídas por mais que uma casa, era comum que pelo menos uma delas tivesse, contudo, o sequeiro estava sempre presente.

A Quinta de Cabanelas é constituída por duas casas, uma delas tem o lagar e a outra o sequeiro. A sua posição varia consoante a posição da casa, pois, procura estar sempre voltado a sul, “[...] para expor à ação do sol e do vento uma grande parte dos frutos da terra.”⁴⁵ Este “[...] tipo de abrigo é indispensável, pois permitia, sem grandes trabalhos de recolha e exposição, completar a função da eira que lhe fica próxima.”⁴⁶

Estas construções anexas à habitação principal, que auxiliavam a atividade agrícola, tinham um uso específico após as colheitas. O sequeiro e a eira formam uma construção só e têm várias funções durante o ciclo de produção entre o milho e o centeio. Estes dois cereais são os mais usados na vila e são revesados nos campos consoante o ciclo de crescimento de cada um.



Fig.32 e 33_Quinta de Cabanelas, 2013



Fig.34_Casa Sequeiro, Quinta do Ribeiro

⁴⁵ ANTUNES, Alfredo da Mata [et. al.] – *Arquitetura Popular em Portugal*, 1988.

⁴⁶ *Idem*.

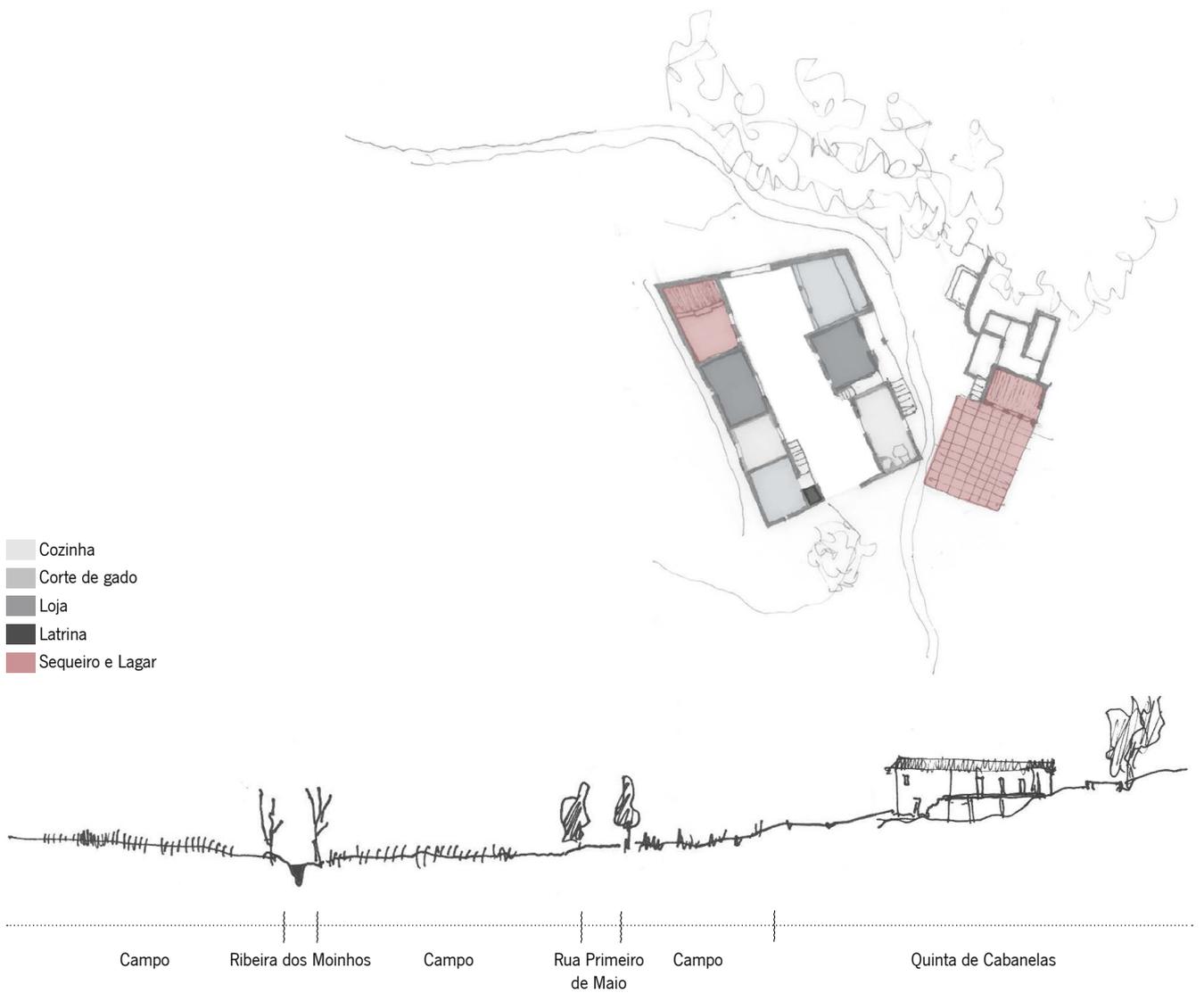


Fig.35_Planta e corte de duas das casas de caseiro da Quinta de Cabanelas



Fig.36_Ruína da Quinta de Cabanelas rodeada por plantação de kiwi, em Brito, 2017

o ciclo de cultivo

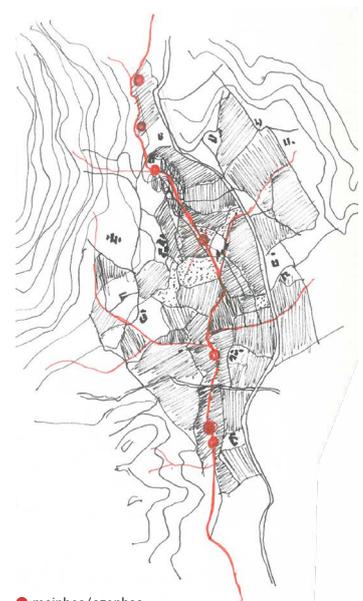
“- Está calado meu vagarela que andas sete meses com o cu na terra. – diz o milho.

- Está calado meu reboludo, que quando te acabas sou eu que te acudo! – diz o centeio.”⁴⁷

O milho era semeado em Maio e fica pronta a colher entre Agosto e Outubro. Realiza-se a desfolhada zona alpendrada e a espiga é armazenada no **sequeiro**. Após a secagem, é feita a separação do grão e este é estendido na eira durante alguns dias seguidos, sendo recolhido todos os fins de tarde e estendido todas as manhãs, podendo depois ser moído na **azenha**, ficando como uma farinha, usada na confeção do pão. A palha que ficava da planta seca era usada para usos domésticos e para alimentar os animais.

O centeio era semeado em Dezembro e está pronto a colher entre Maio e “Junho, fouchinha no punho.”⁴⁸ Nesta altura ocorre a ceifa e o centeio é estendido na **eira** para malhar. Tal como ocorre com o milho, a palha do centeio era para os animais e servia também como matéria prima para as roupas e trajes antigos. O grão extraído deste cereal podia ser utilizado para fazer farinha, ração e algumas bebidas.

Para a preparação da produção do vinho podavam-se as videiras em Janeiro e os cachos formavam-se até à primavera. Entre Setembro e Outubro, com a uva já madura, decorrem as vindimas, cortando os cachos das vides. Estes eram levados para o **lagar** e mais tarde, em modo de festa, se pisavam as uvas, ficando uns dias a fermentar até ser gerada a sua compressão e surgir o vinho, que posteriormente é guardado na **loja** ou adega da casa.



● moinhos/azendas
Fig.37_Esquema de sementeiras na ribeira dos minhos, 1948

⁴⁷ Cantiga da lavoura acerca do ciclo de produção do milho e do centeio.

⁴⁸ Cantiga da lavoura relacionada com a fase de ceifar o centeio.

o milho e o centeio



Fig.38_Sequeiro da Quinta de Cabanelas

o vinho



Fig.39_Lagar da Quinta de Cabanelas



Fig.40_Desfolhada do milho



Fig.41_Apanha da uva



Fig.42_Malhar o centeio



Fig.43_Pisar das uvas no lagar

A Ribeira dos Moinhos⁴⁹

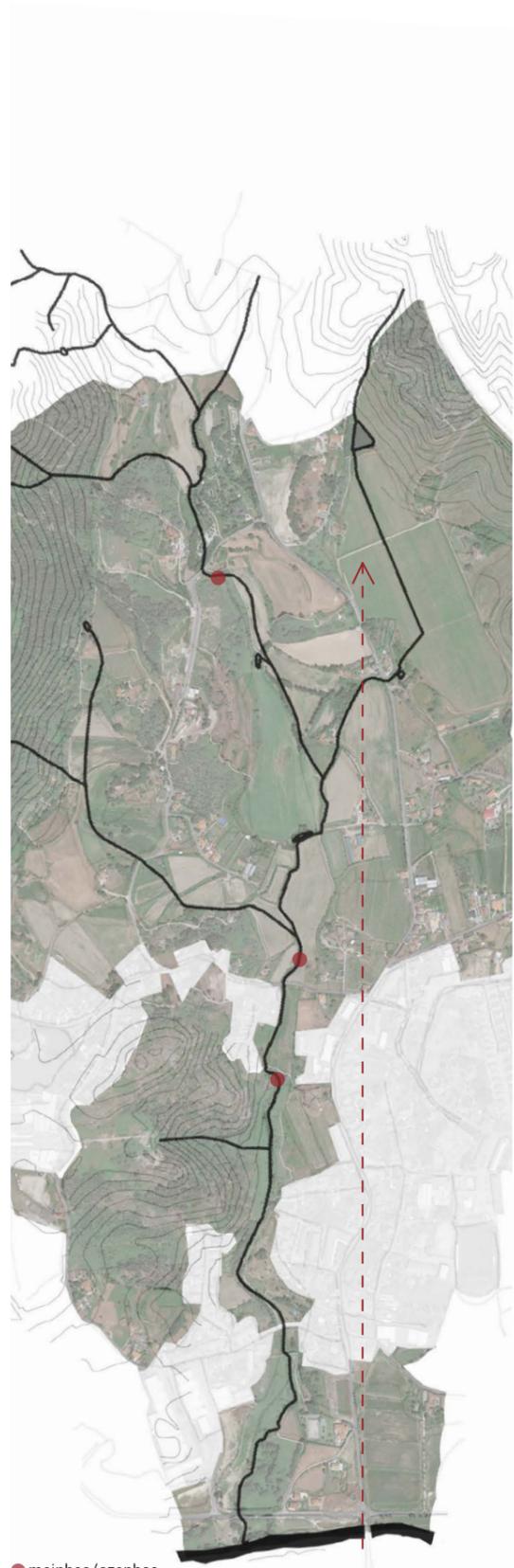
Após a análise da vila e a definição das duas áreas existentes, é reconhecida uma oportunidade de (re)qualificação, numa linha de água estruturante, que flui entre as duas frentes de ocupação da vila, e onde são apontadas várias construções em ruína, na estrutura parcelar agregada a si.

Neste sentido, seria interessante analisar a transformação desta estrutura parcelar, as construções existentes e a própria ribeira, começando por perceber o seu estado e as estruturas que ainda se encontram no seu curso.



Fig.44_Planta de localização da Ribeira dos Moinhos, em Brito

⁴⁹ Designada como - levada dos 8 moinhos, segundo um inquérito paroquial da vila, do ano de 1842.

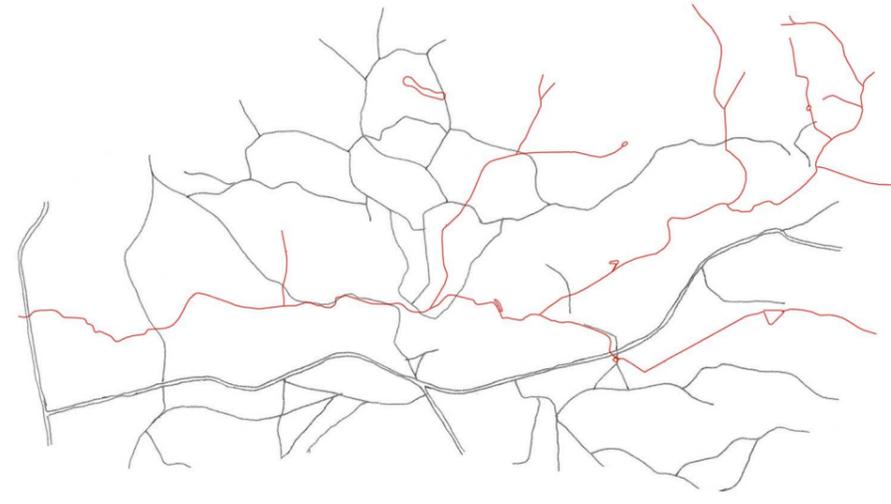


● moinhos/azenhas
 Fig.45_Planta e imagens da Ribeira dos Moinhos

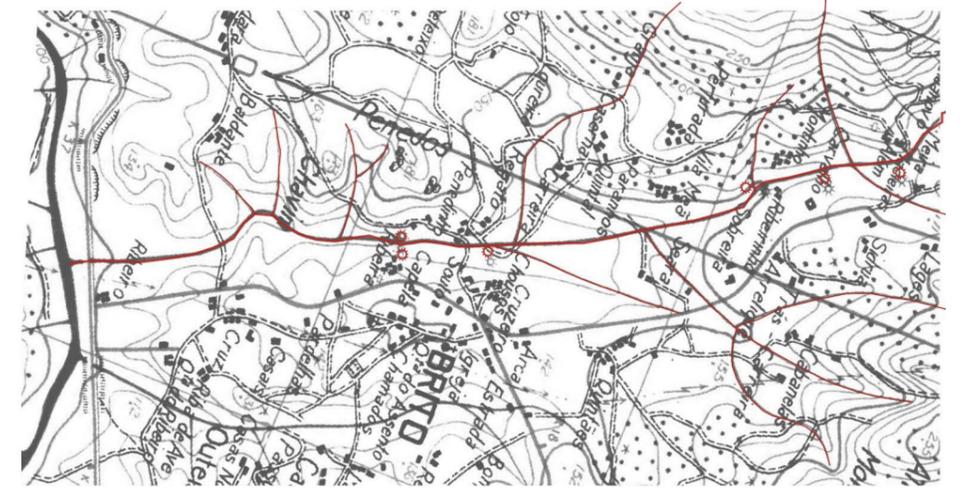




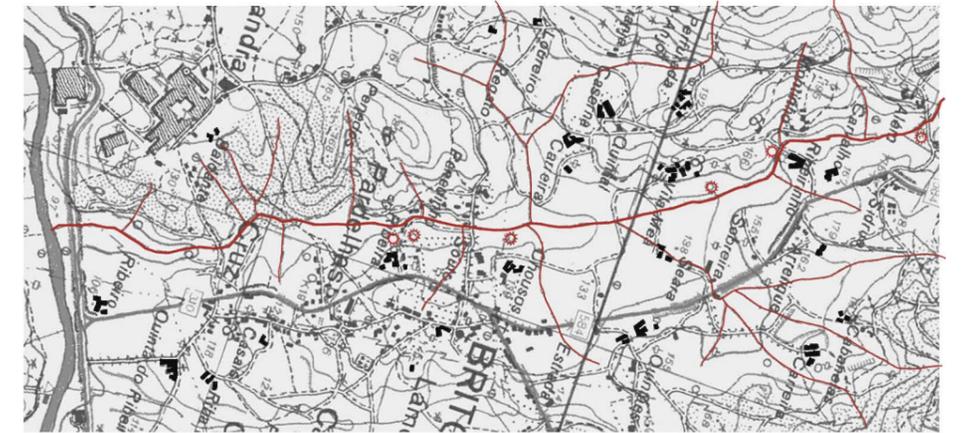
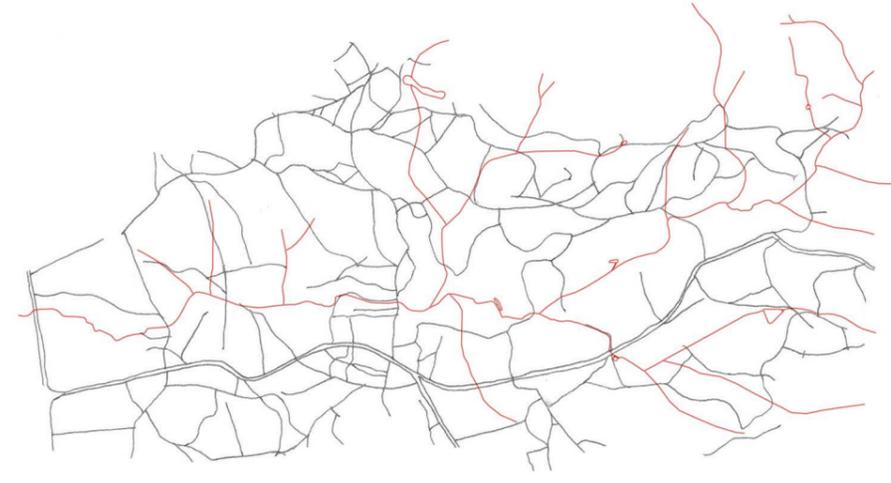
Edificado



Parcelamento



1948



1968



Cartografia com Ribeira destacada

2018

Fig.46_Estrutura Parcelar da Ribeira dos Moinhos

a transformação da estrutura parcelar

Existe uma estrutura parcelar clara, definida pela água e topografia, que se vem moldando às atividades que têm surgido ao longo do tempo.

É necessário entender de que forma é que a expansão da construção transformou a estrutura parcelar à margem da ribeira. As duas plantas com a estrutura parcelar de 1968 e 2018, permitem-nos ter uma noção da ocupação do edificado em relação á parcela agrícola, alterando a imagem desta estrutura que tende a ser constantemente dividida.

A leitura da estrutura parcelar orgânica, composta por um modo de ocupação rural disperso, desaparece. Atualmente é mais fragmentada, densamente construída e sem uma leitura espacial coerente.

A ribeira dos moinhos é o elemento na paisagem em que é visível o contraste entre uma estrutura mais agrícola e outra mais construída. Existe uma difusão de construído e agrícola, que a certa altura se sobrepõe, marcando uma fronteira clara entre uma área agrícola em transformação e uma área construída consolidada, com espaços indefinidos pela má gestão da parcela tendo em conta a matriz rural existente. É encontrada uma linguagem de padrão de ocupação do espaço completamente diferente como se ao percorrer o ribeiro em direção ao rio Ave, diluíssemos em duas realidades de ocupação totalmente distintas. Contudo, o mais interessante é perceber que na zona onde encontramos os campos cultivados, as quintas associadas a essa parcela estão em ruína ou desabitadas.

Enquanto que algumas áreas foram completamente arrasadas pela aglomeração de construção, outras mantém praticamente a parcela que as definia intacta, criando um certo fascínio pela forma como a ruína se integra na natureza, parecendo ser parte dela.

A parcela agrícola foi ficando cada vez mais subtraída, dividida e ocupada consoante a construção e a necessidade de acesso às diversas atividades e infraestruturas relacionadas com o estilo de vida atual. As unidades industriais, as habitações e os serviços, acabam por invalidar a construção direcionada à atividade agrícola com a escala de uma quinta.

Uma das áreas parcelares agrícolas que sofreu uma transformação mais significativa foi da Quinta do Ribeiro, junto da estrada N206. Para além do movimento, surge a fábrica, daí foi um passo até ser desenhada a estrada de ligação a Pevidém.

A saída do caseiro da quinta senhorial da vila, fez com que a área da mesma fosse sendo vendida e cedida para a construção de casas. A sua localização não permitiu que sobrevivesse à transformação da vila. A que outrora era das quintas mais importantes da zona, passou a ser a “**ruína da rotunda**”.



Fig.47 e 48_A ruína da Quinta do Ribeiro



1948

1968

1990

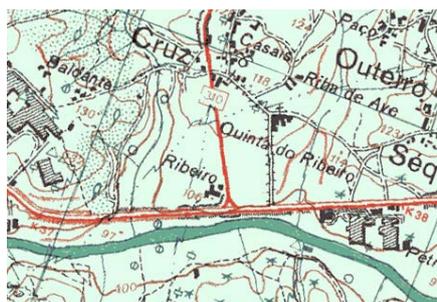
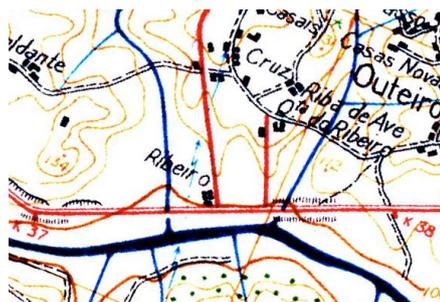
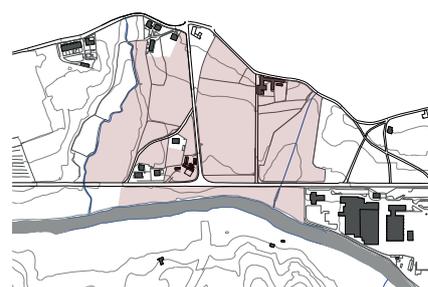
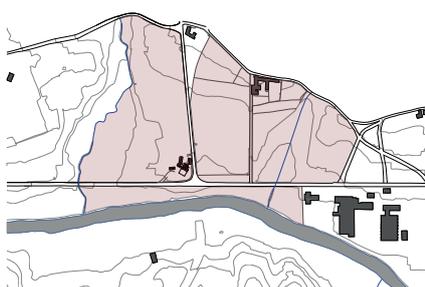
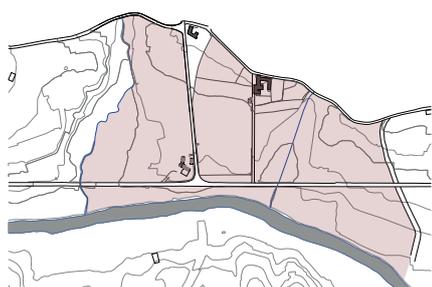


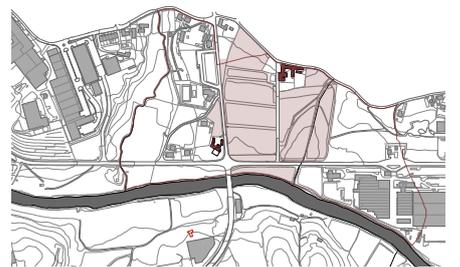
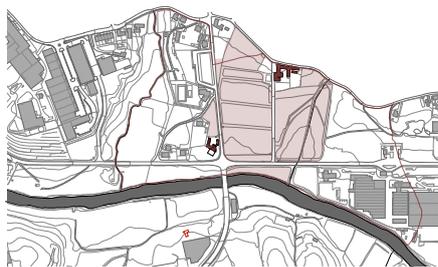
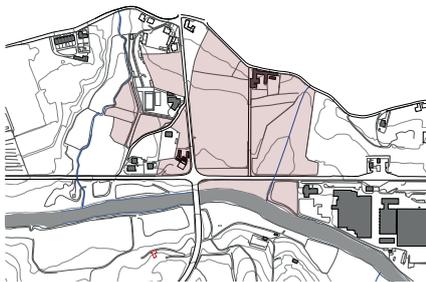
Fig.49_A transformação da área de cultivo da Quinta do Ribeiro



2002

2013

2018





as construções encontradas

Ao longo da ribeira são identificados vários elementos construídos (em desuso/ruína), inclusive alguns dos moinhos que antigamente existiam, casas de caseiro, com muro e tanque associado, “casas de cabana”, propriedades privadas, poços, canais de irrigação, ladeiras e tanques.

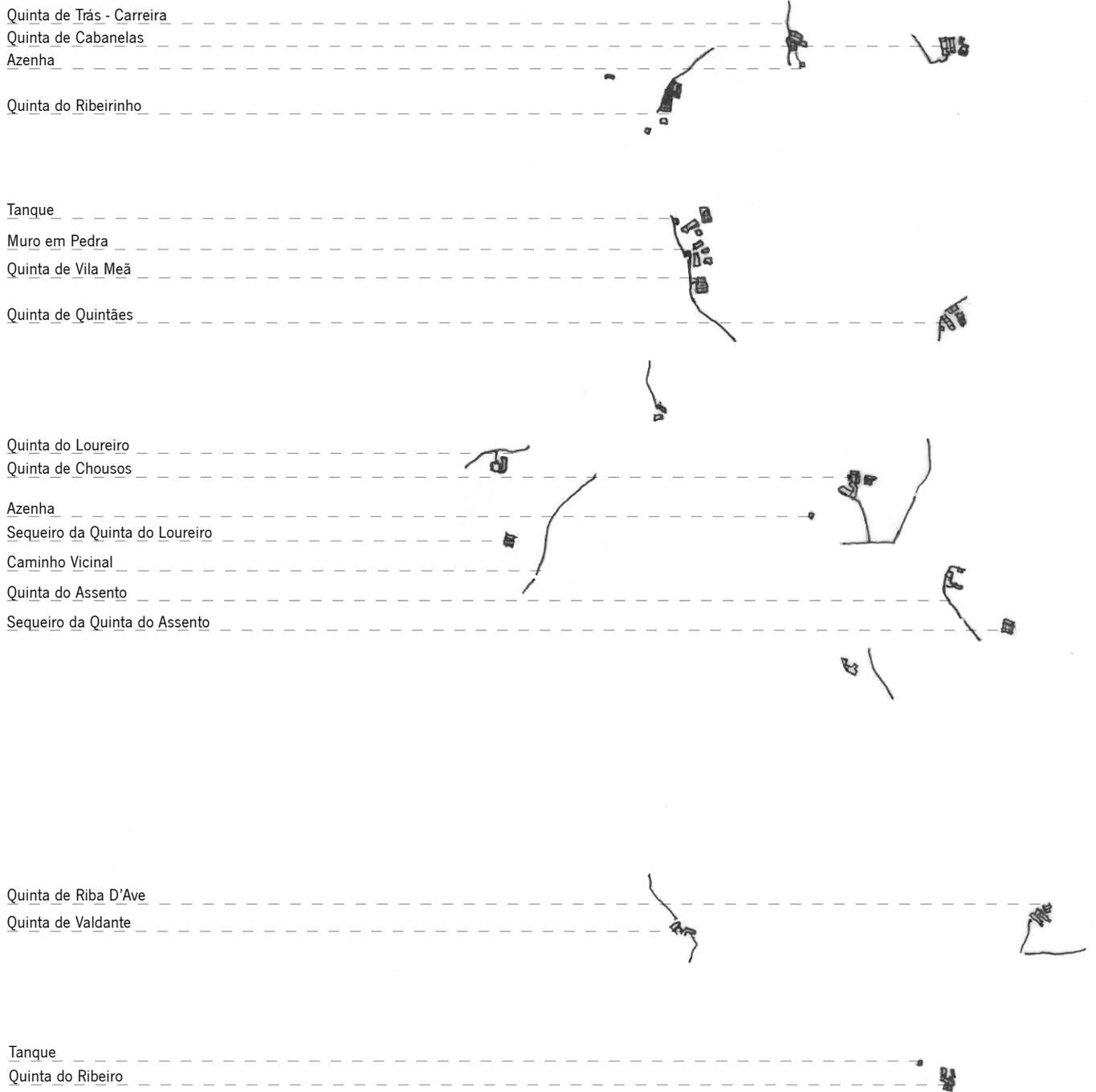
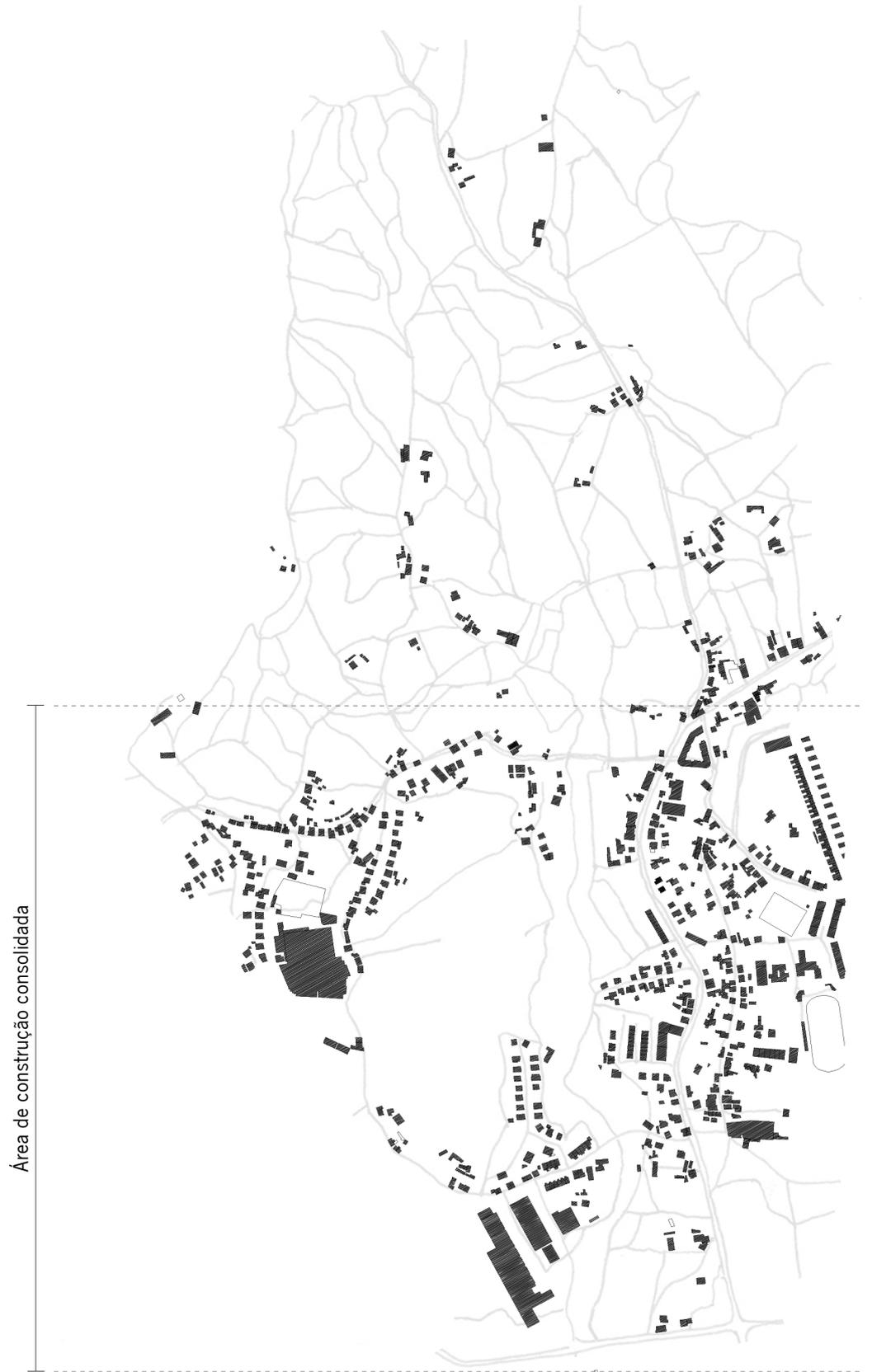


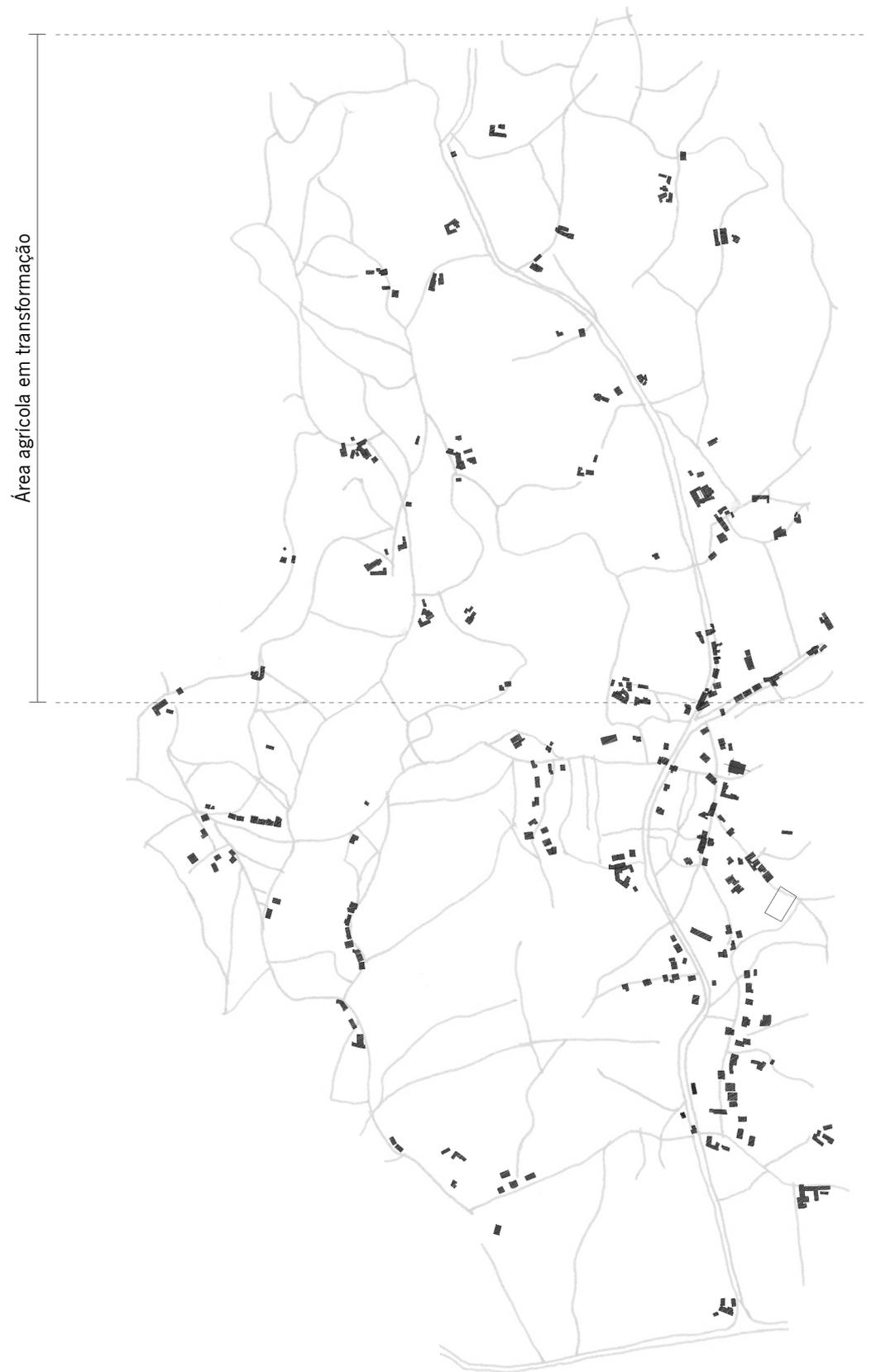
Fig.50_Destaque dos elementos na ribeira

Construções ao abandono





Parcelamento 2018



Parcelamento 1968



Ribeira dos Moinhos

o sistema construtivo e os materiais

Partindo do levantamento das construções em ruína, faz-se uma síntese do sistema construtivo e dos materiais pré-existentes.

“[...] A casa rural de tipo castrejo, evoluiu, convertendo-se, com o tempo, na chamada “casa de caseiro”, incomparavelmente mais singela que a primeira (casa medieval com torre) [...]”

Este tipo de construção, integra-se na topografia como se fizesse parte dela. A construção é feita com matérias que provém do lugar, como a pedra e a madeira. A pedra granítica presente em todas as casas, varia na sua forma e espessura. Nas casas mais ricas é regular e maior, nas mais simples, pequena e tosca.

As espessuras das paredes podem variar entre os 30 e 60 cm, usando em alguns casos apenas uma fila de pedra e em outras, duas filas, com travacção. A estrutura principal dos paramentos é em pedra granítica, desde a fundação até à cobertura.

Nestas casas, muitas vezes era feito um espaço retangular ou quadrangular, que depois era dividido no interior. Era usado um sistema em tabique, mesmo em algumas paredes da zona alpendrada, e eram quase sempre todas rebocadas, outras, um tabuado de madeira, apenas para marcar divisão.

É muito comum encontrar troncos de árvores usados como vigas e até nas asnas. Estes eram usados na estrutura da cobertura, que seguida de uns barrotes, se encaixava a telha.

Nas aberturas da parte da habitação, era comum existirem caixilharias de madeira de duas folhas a abrir para o interior, ou então em guilhotina. Juntamente à janela, normalmente existiam portadas de madeira com dobradiças em ferro, tal como nas aberturas de passagem das restantes divisões do complexo agrícola, como na cozinha, na loja, nas cortes e no sequeiro.

Com a necessidade de criar anexos à casa, surgiram outro tipo de materiais, como: o tijolo e o cimento.



Fig.51_Caixilho de madeira



Fig.52_Parede pedra, com 30cm.

⁴⁹ Guia de Portugal, 1965, p. 1109.



Fig.53_Sistema da cobertura

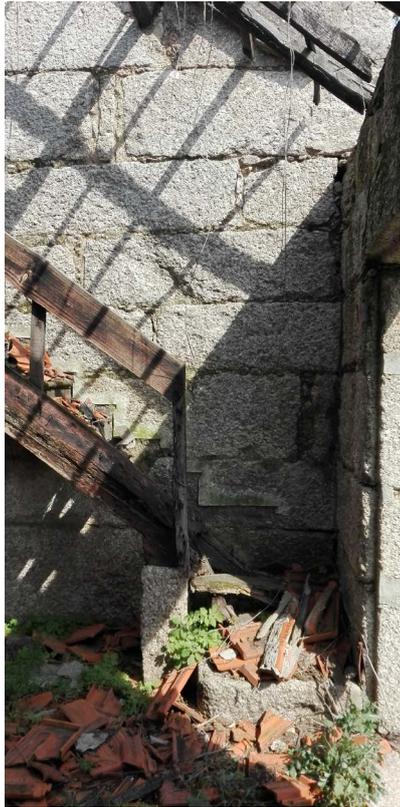


Fig.55_Escada interior



Fig.56_Dobradiças em ferro



Fig.54_Tabuado interior



Fig.57_Parede em pedra de granito

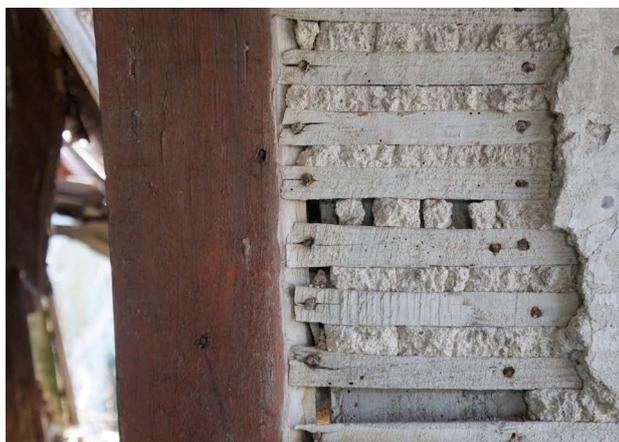


Fig.58_Sistema de tabique, Quinta de Cabanelas



Fig.59_Vão, Qt. de Vila Meã



Fig.60_Pedras distintas



Fig.61_Quinta de Cabanelas



Fig.62_Porta de Cozinha



Fig.63_Quinta de Vila Meã

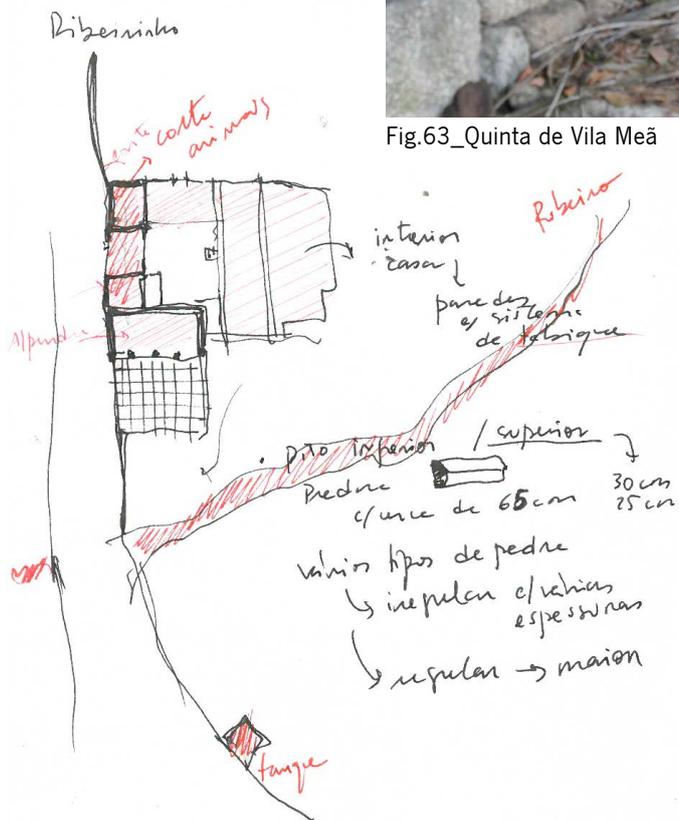


Fig.64_Apontamentos de materiais, Quinta do Ribeirinho

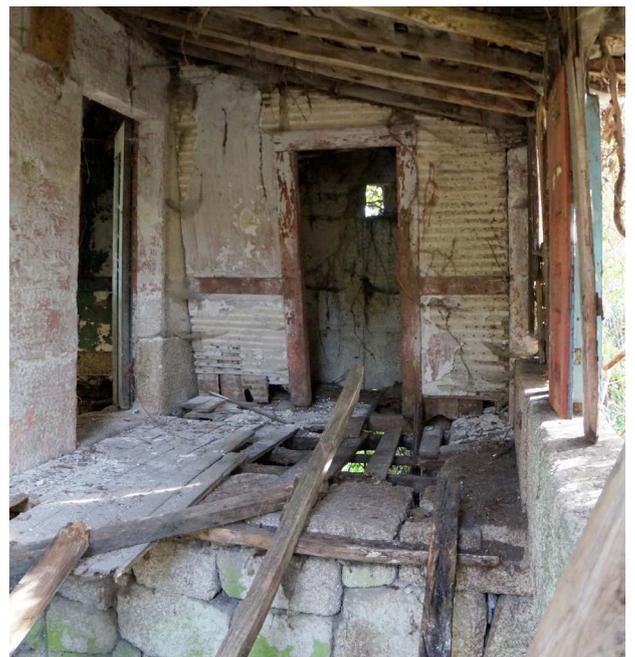


Fig.65_Varanda alpendrada, sistema tabique

as casas de caseiro da Quinta do Ribeiro

A Quinta do Ribeiro, identificada anteriormente, pela transformação da sua área de cultivo, serve de exemplo para uma análise mais direta e representativa do abandono.

Esta quinta organiza-se em duas frentes, separadas pela N310, constituídas pela casa senhorial com capela e a parte de anexo dedicado à produção de vinho e do outro lado, as casas de caseiro, que se destinavam especialmente ao cultivo de cereais. Segundo os proprietários, o tamanho da eira refletese no tamanho da quinta, pois, esta era a quinta que tinha a maior área de produção da vila.

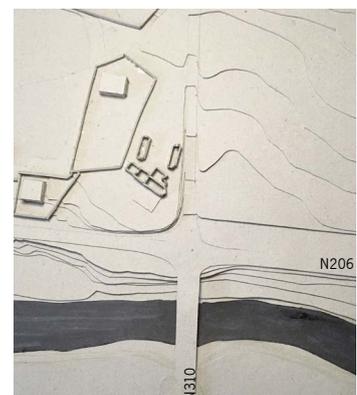


Fig.66_Maquete de localização



Fig.67_Alçado sul da ruína



Fig.68_Planta da casa de caseiro da Qt. do Ribeiro

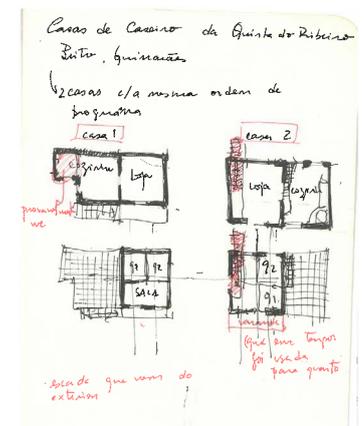


Fig.69_Organização funcional



Fig.70_Parede adicionada

As casas de caseiro do Ribeiro, estão em ruína há cerca de 25 anos. A saída dos caseiros, deixou a quinta à sua mercê, sem manutenção. O colapso da cobertura fez com que a água se infiltra-se e degrada-se toda a madeira do seu interior, desde estrutura a acabamentos. A vegetação começou a envolver a casa, criando organismos no seu interior.

Atualmente, após um longo processo de degradação, as casas estão efetivamente em ruína, sendo possível reconhecer toda a estrutura perimetral.

Na ruína, facilmente se identifica de que forma se transformou, pela agregação de paredes em pedra, pela adição de materiais distintos da natureza do espaço e sobretudo pela simplicidade do seu desenho.

As casas sofreram algumas modificações ao longo do ultimo século, sendo possível distinguir as fazes de construção/adicação de elementos.

Na planta de 1948 para 1968, identifica-se uma diferença na área da Quinta, a casa de caseiro que existia ao pé da casa senhorial, foi desmontada e adicionada à casa principal, da atual ruína. Esta adição de uma casa para junto da outra, é visível através da junta existente, da colocação da pedra.

No decorrer dos anos, com o crescimento das famílias que habitaram ali, a varanda da primeira casa, foi fechada e usada para quartos de dormir, juntamente a estes, foi feita uma casa de banho, pois, só existia uma, no exterior da casa.



Fig.71_Passagem da segunda casa para o resto do conjunto

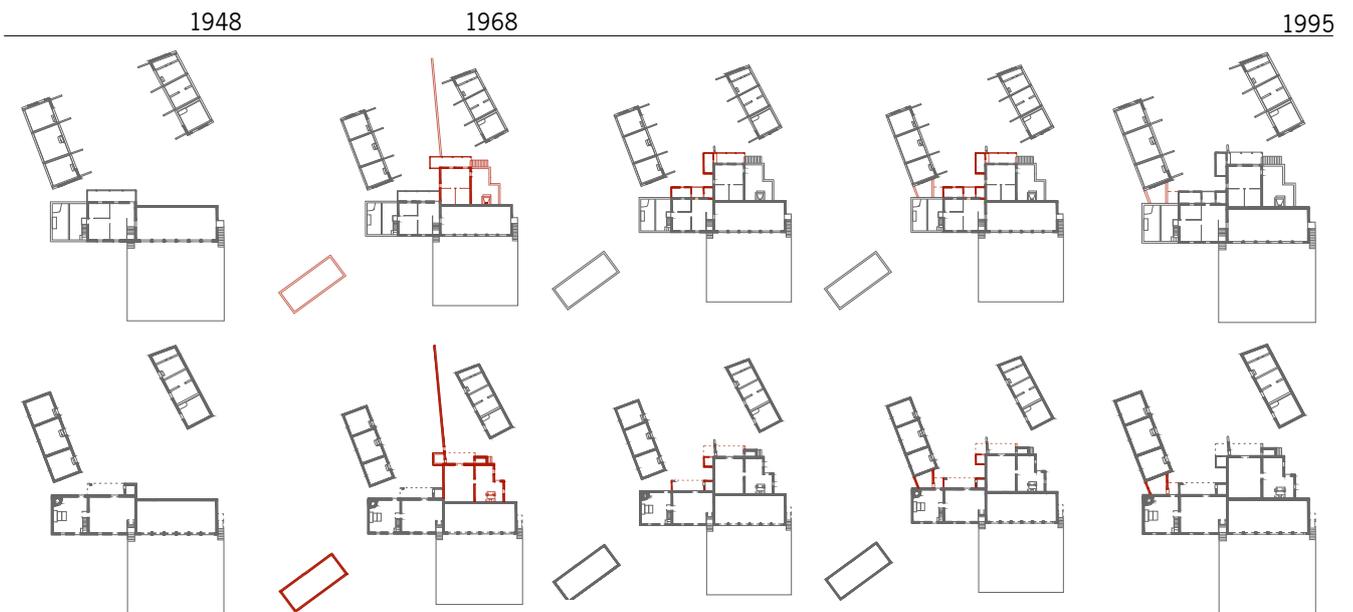


Fig.72_Cronologia das fases construtivas das casas



Fig.73_Cronologia de degradação das casas





Fig.74_Sequeiro



Fig.75_Entrada da loja



Fig.76_Loja



Fig.78_Corte dos animais



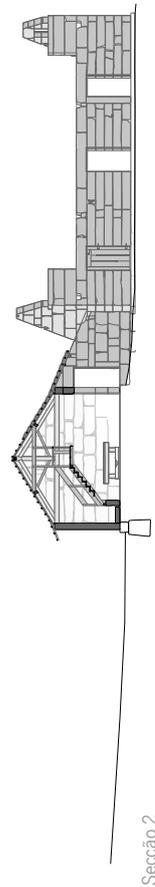
Fig.79_Chaminé



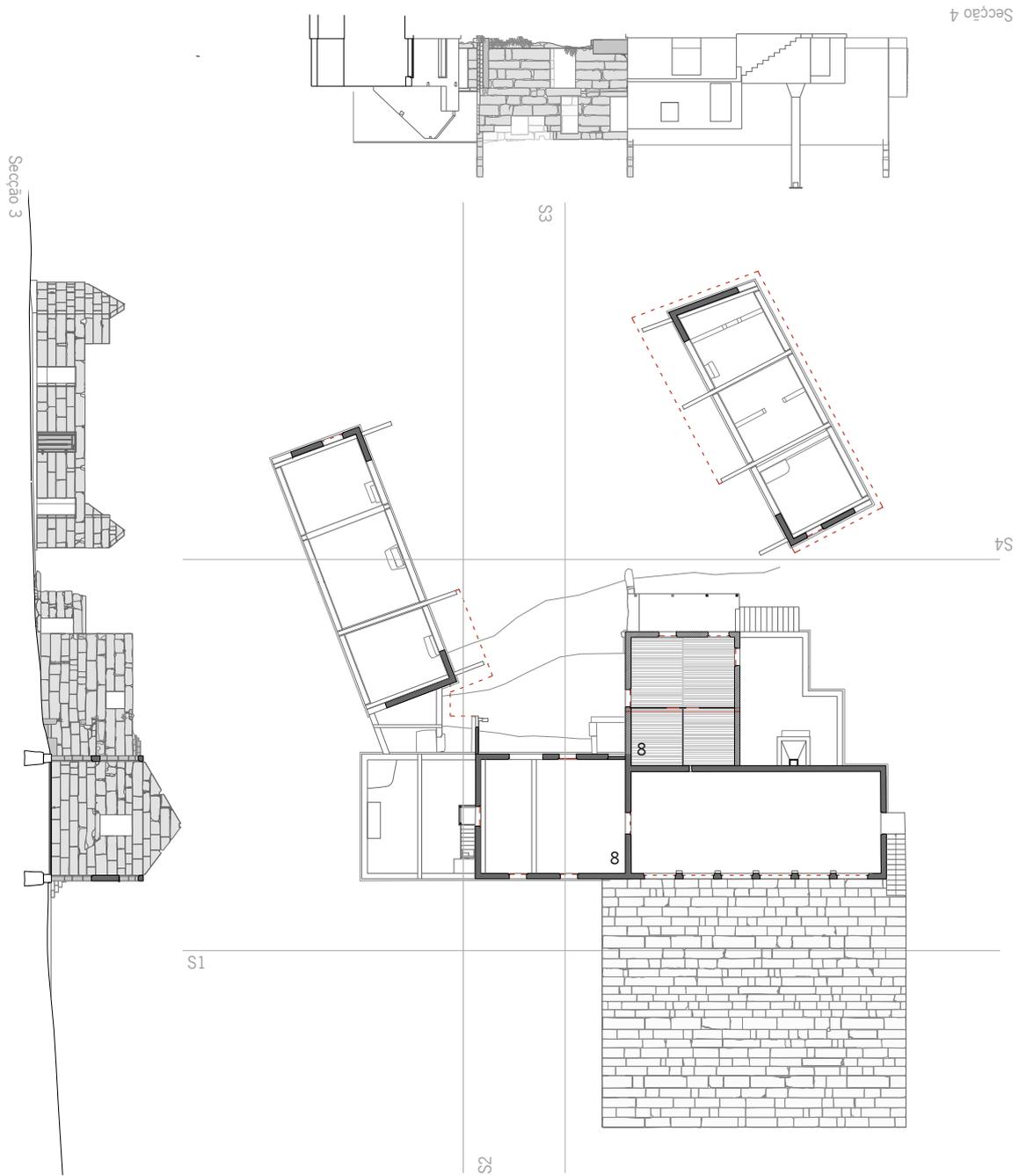
Fig.77_Quartos



Fig.80_Cozinha

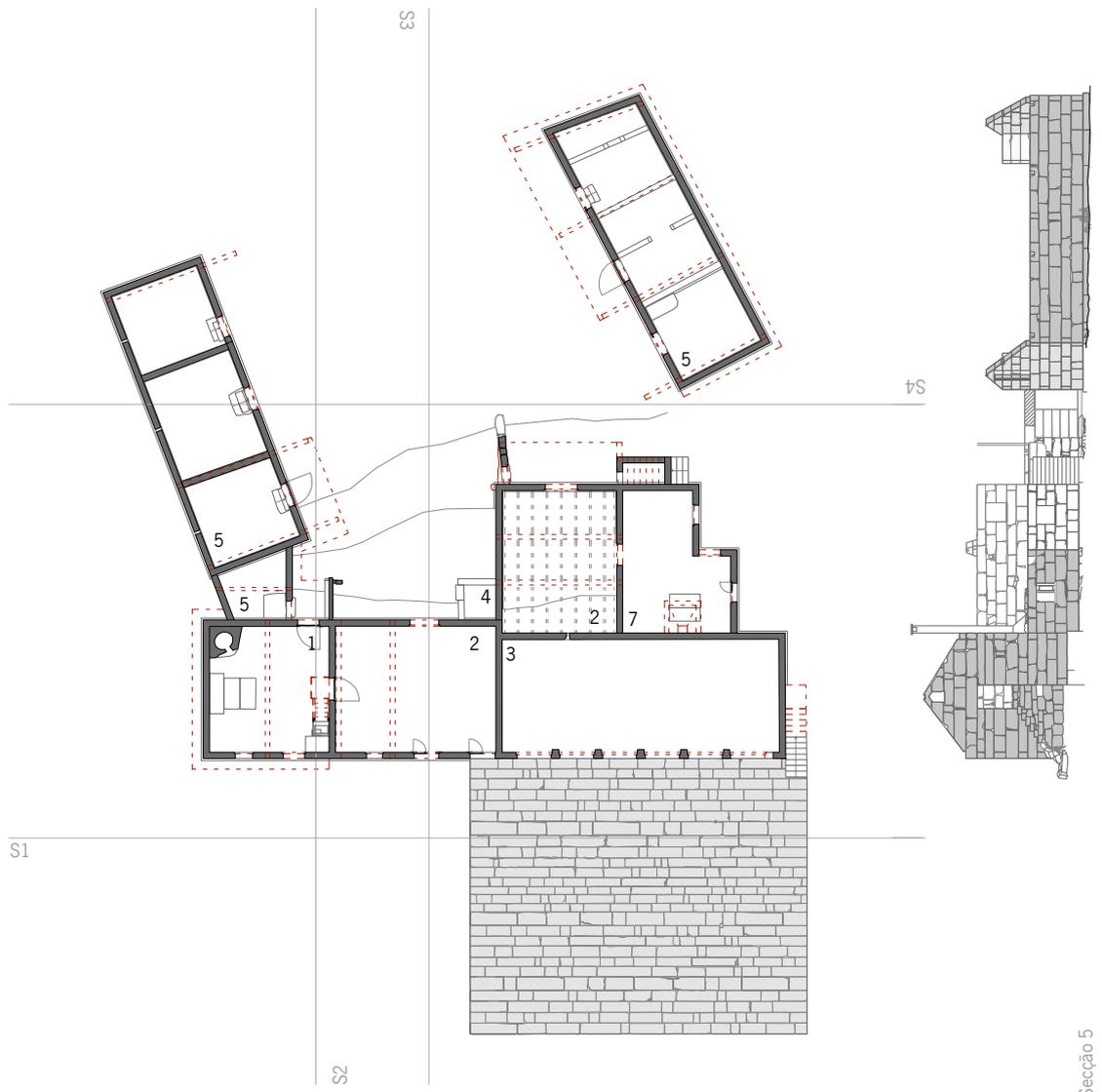


Secção 2



8. Quartos e sala

Fig.81_Planta superior da ruína , esc. 1:500



- 1. Cozinha
- 2. Loja
- 3. Sequeiro
- 4. Latrina
- 5. Corte
- 7. Cozinha

Secção 1

Secção 5

Fig.82_Planta inferior da ruína, esc. 1:500



03 | Intervenção

O Projeto: o percurso e o centro Interpretativo

O Projeto a ideia de requalificação

Esta intervenção desenvolve-se com o reconhecimento do potencial do lugar e da possibilidade de que o seu desenho se estenda no território, integrando no projeto os elementos em ruína, identificados anteriormente.

O objetivo é usar a linha de água como elemento de vinculação no pensamento do projeto, partindo do princípio de que é exequível um percurso a par da mesma, que nos permite não só reativar antigas veredas existentes, como também, reintegrar e unir as várias estruturas em desuso. Possibilitando assim a que gerações futuras conheçam e estejam em contacto com a identidade do desenvolvimento primário das raízes do lugar.

Desta forma, as ruínas seriam pensadas como parte integrante do percurso. Contudo, num território como este, que está constantemente em transformação, não é útil propor novos modelos de construção quando o pré-existente está a ruir. Neste sentido, pretende-se sobretudo privilegiar a experiência do lugar, mantendo a atmosfera da ruína, criando apenas novas possibilidades de reintegração, através de um pequeno programa que responde às atividades do dia a dia.

No processo da ideia, são esboçados alguns programas baseado na sua implantação, nas suas características e na sua envolvente próxima.

A ruína das casas de caseiro da Quinta do Ribeiro foi pensada como um centro interpretativo do lugar, que “administra” os programas nas restantes quintas em ruína, sendo assim, o ponto de partida para o percurso desenhado na ribeira.

Esta é a ruína que adquire o programa principal da intervenção. As restantes, podem ou não, adquirir um programa, no entanto, é uma mais valia para a dinâmica do percurso e da vila.

A Quinta do Ribeirinho, localizada sobre a linha de água, poderia desenvolver na dependência do sequeiro, um pequeno café voltado para a ribeira; a Quinta de Vila Meã, pela localização a meia encosta, utilizar-se-ia como albergue; a Quinta de Trás-Carreira, pela degradação do volume da corte, reestruturar-se-ia e manter-se-ia o mesmo uso; a Quinta de Cabanelas, com uma componente de estar, ou realização de atividades esporádicas; a Quinta de Chousos, como ainda tem campos cultivados muito próximo, poderia elaborar um mercado de venda tradicional; na Quinta de Loureiro, a introdução de um banco em pedra junto do sequeiro e na Quinta de Valdante, por se localizar próximo de outras habitações, seria desenvolvido um parque infantil.

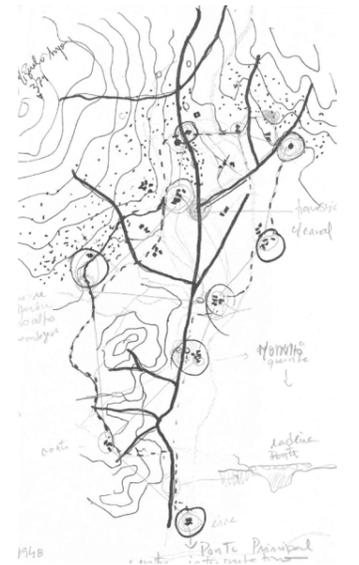
o percurso

Paralelo à linha de água é desenhado um percurso com uma estrutura em madeira, de 1,50m de largura, que se cruza com várias veredas em desuso, reativando-as, gerando assim um meio de ligação, entre as construções que integram o projeto de requalificação.

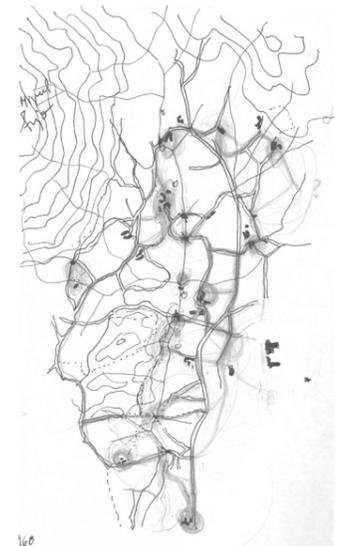
O percurso cria uma narrativa em torno dos elementos existentes ao longo da ribeira, unindo-os, reunindo uma série de estruturas identitárias da matriz rural, tais como: o moinho/azinha, canais de irrigação, muros, tanques, poços e passagens antigas (ainda em pedra), que integram a parcela agrícola das unidades em ruína. Estas estruturas, a topografia e a vegetação existente, foram essências para complementar a dinâmica do percurso, definindo a forma como ele se coloca sobre a ribeira.

Este nasce de uma zona mais construída da vila e é imediatamente direcionado para junto da ribeira, numa cota a 98m de altura, afastando-se do movimento e das construções e envolvendo-se na ribeira, através de uma estrutura que segue a linha orgânica da água, por entre as árvores, criando vários momentos de interação com o lugar.

Chegando a uma zona mais rochosa, onde se encontra o Monte do Penedinho, a estrutura em madeira atravessa a ribeira e avança a pedra, seguindo sua a forma, criando assim um desenho orgânico desde o contacto com a água até ao topo do monte, a 180m de altura. Aqui é privilegiada a vista a 360°, onde se torna clara a fronteira entre o cruzamento das malhas de ocupação existentes na vila. Contudo, ainda que seja interessante avançar a estrutura no monte, o percurso continua a par da linha de água, usando somente as veredas reativadas, justamente na área mais agrícola da vila, onde a ligação às quintas em ruína é feita por entre campos de cultivo ainda ativos.



Estudo das veredas, 1948



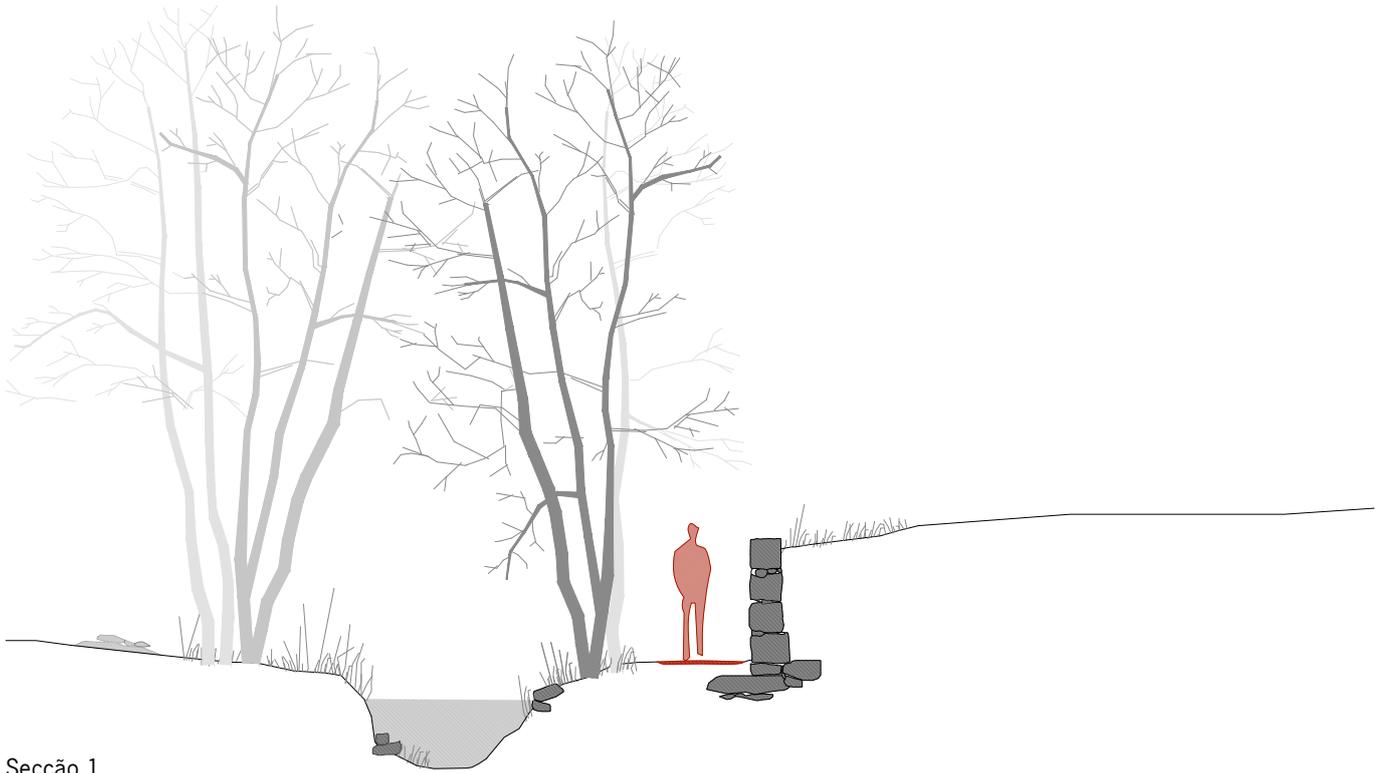
Estudo das veredas, 1968



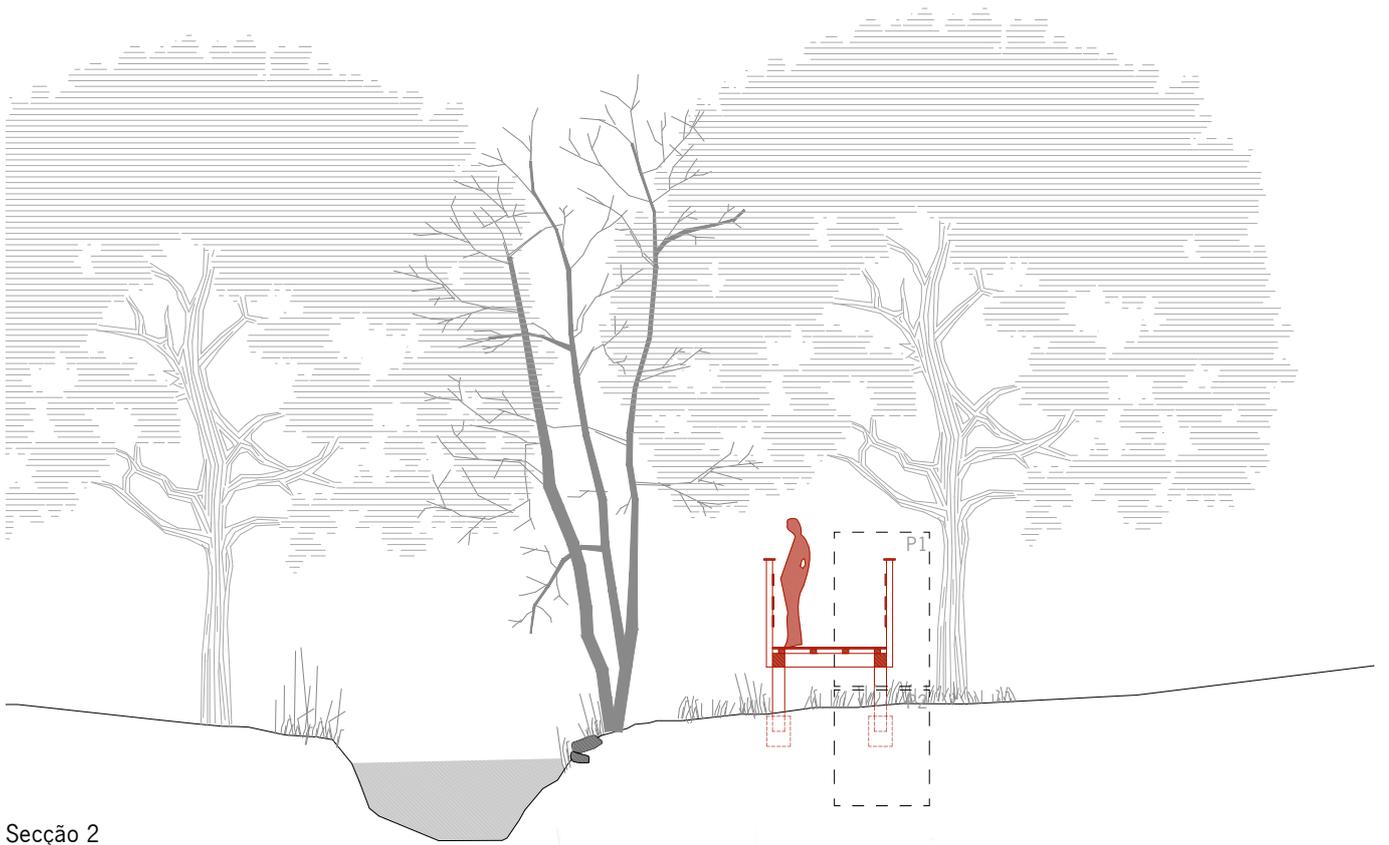


● veredas/estrutura madeira/ruínas
Fig.85_Planta com percurso, esc. 1:5000

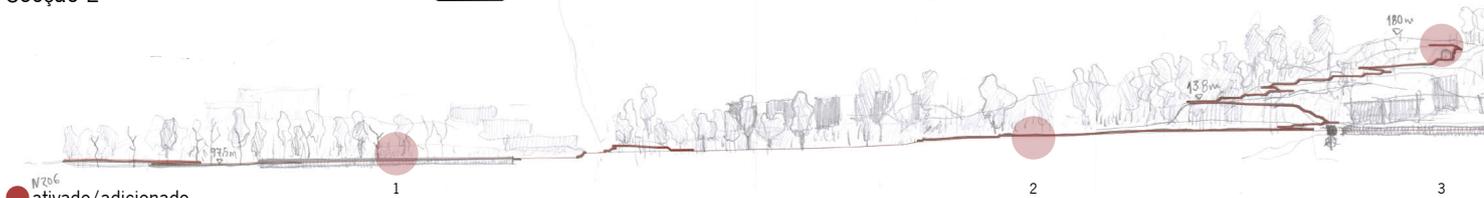




Secção 1

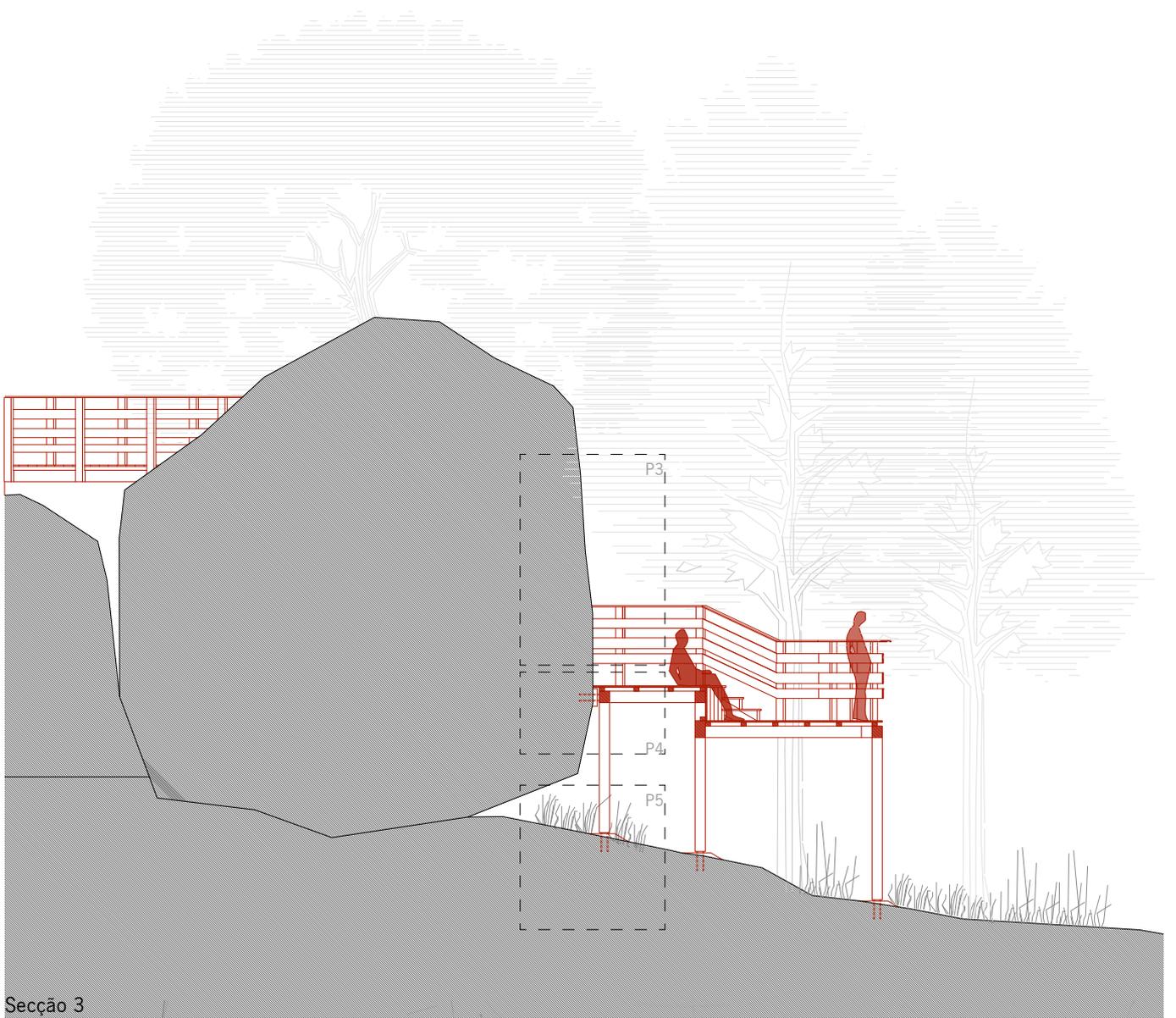


Secção 2

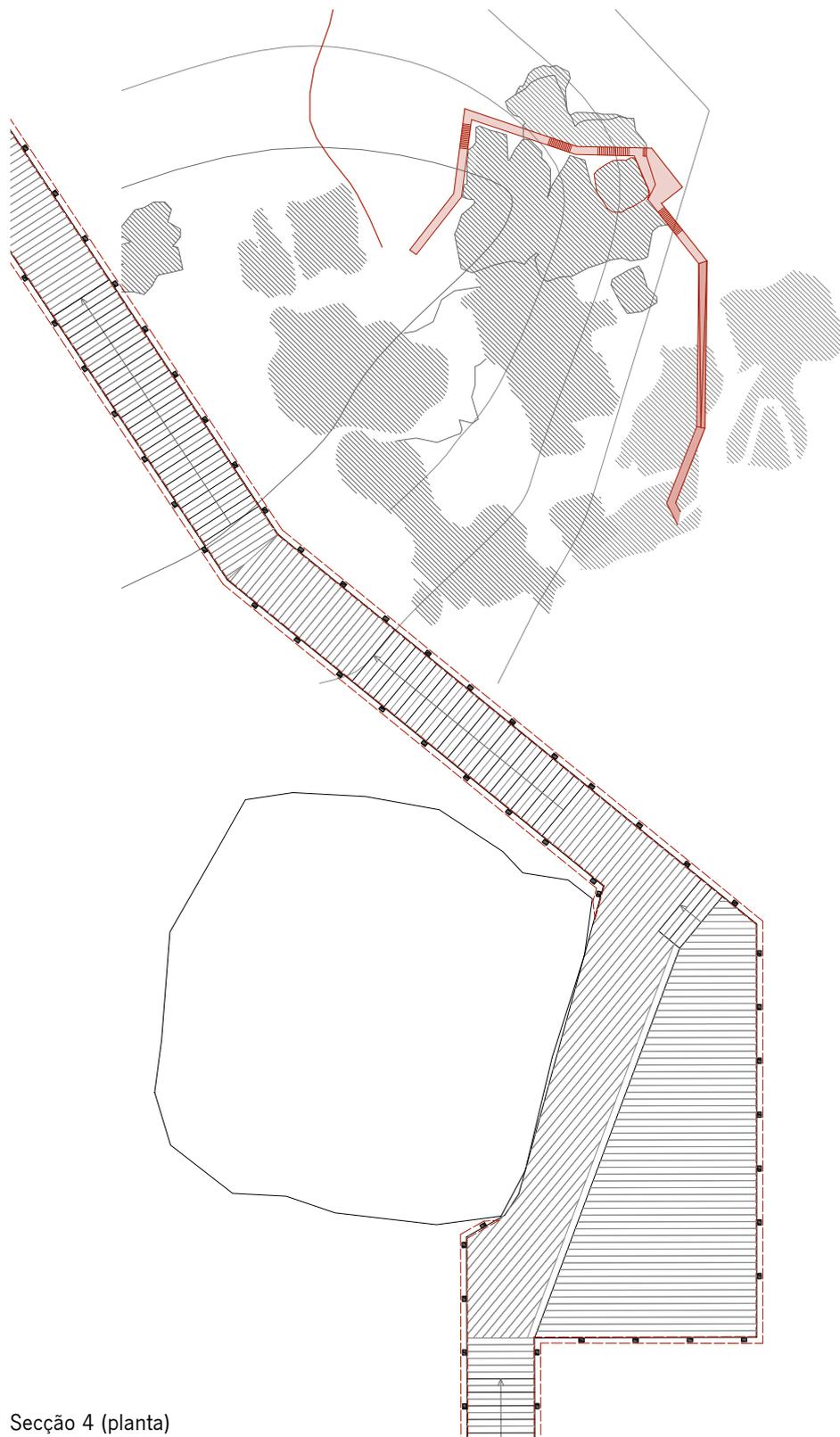


● N/206
ativado/adicionado

Fig.86_Secções da 1ª parte do percurso - estrutura de madeira, esc. 1:100



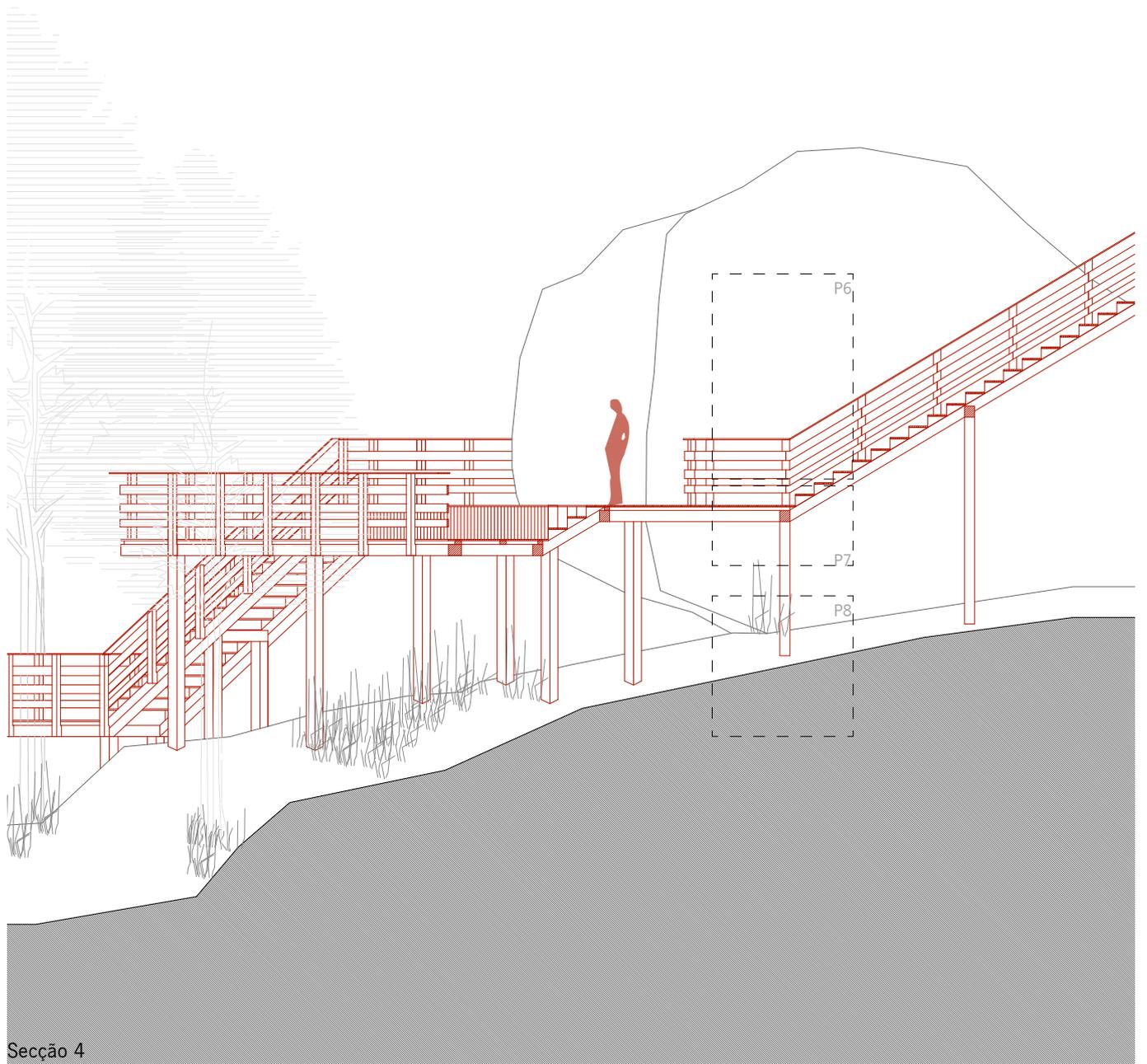
Secção 3



Secção 4 (planta)

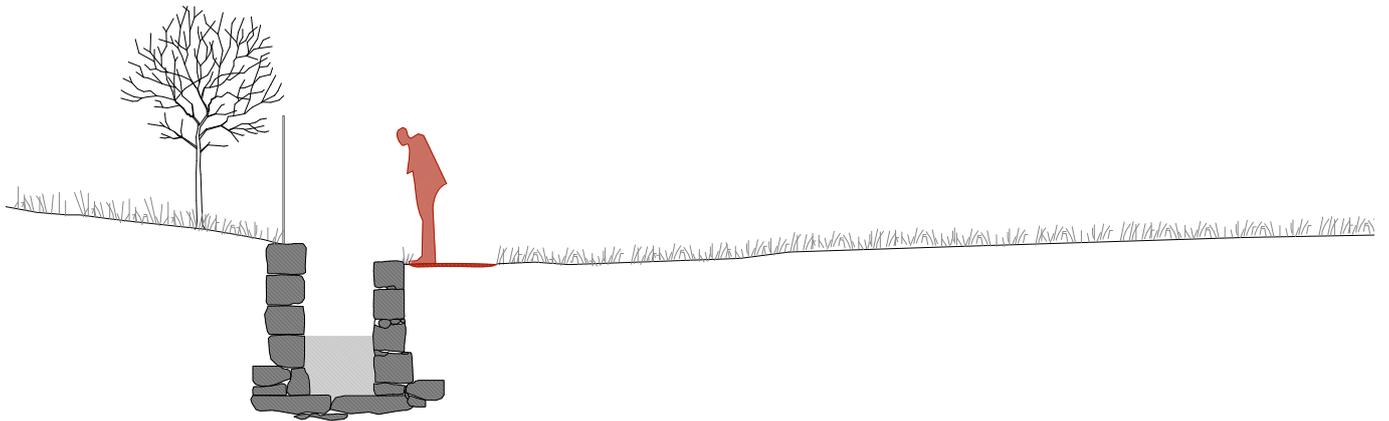
● N706
ativado/adicionado

Fig.87_Secção e planta da 1ª parte do percurso - estrutura de madeira, esc. 1:100

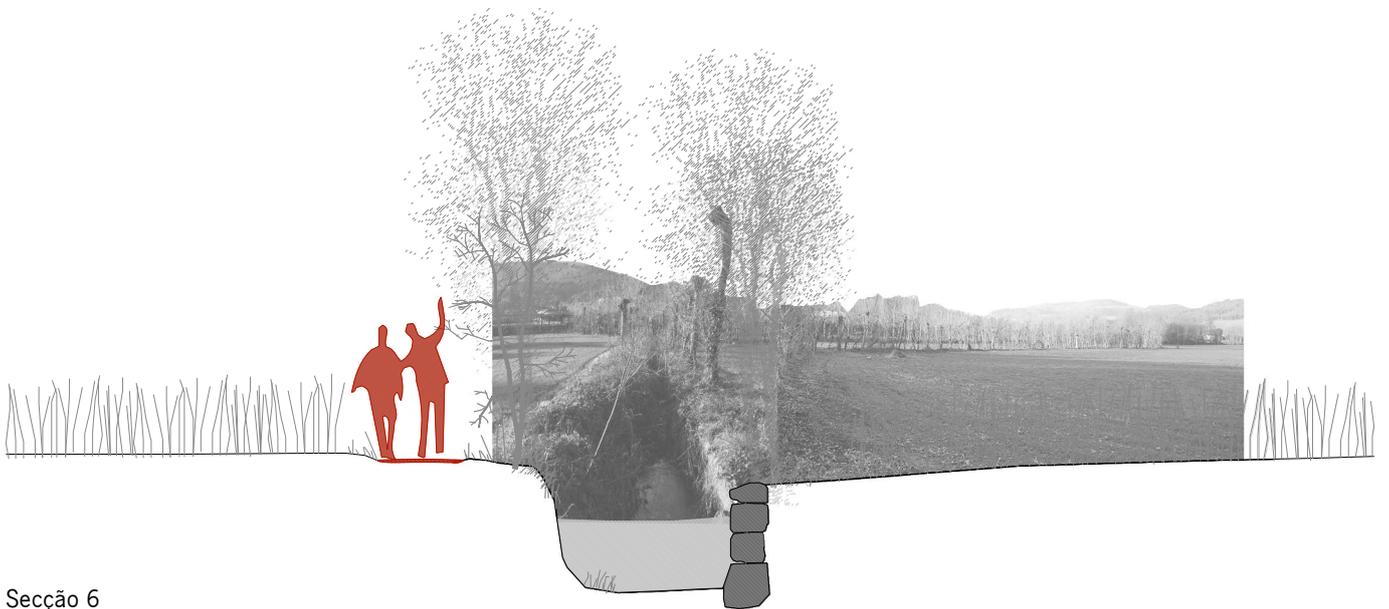


Secção 4

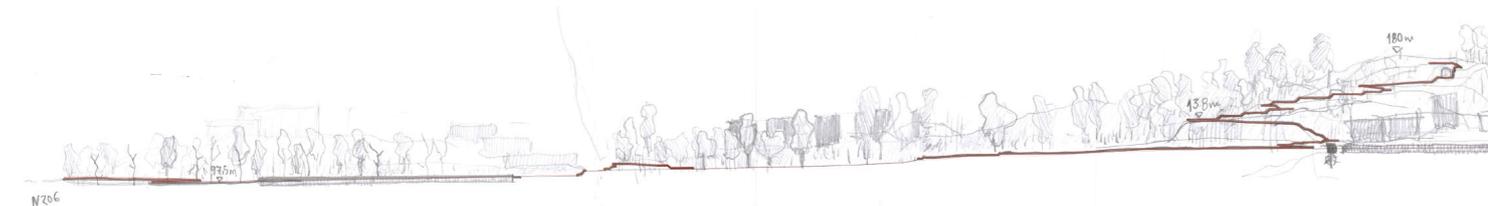




Secção 5

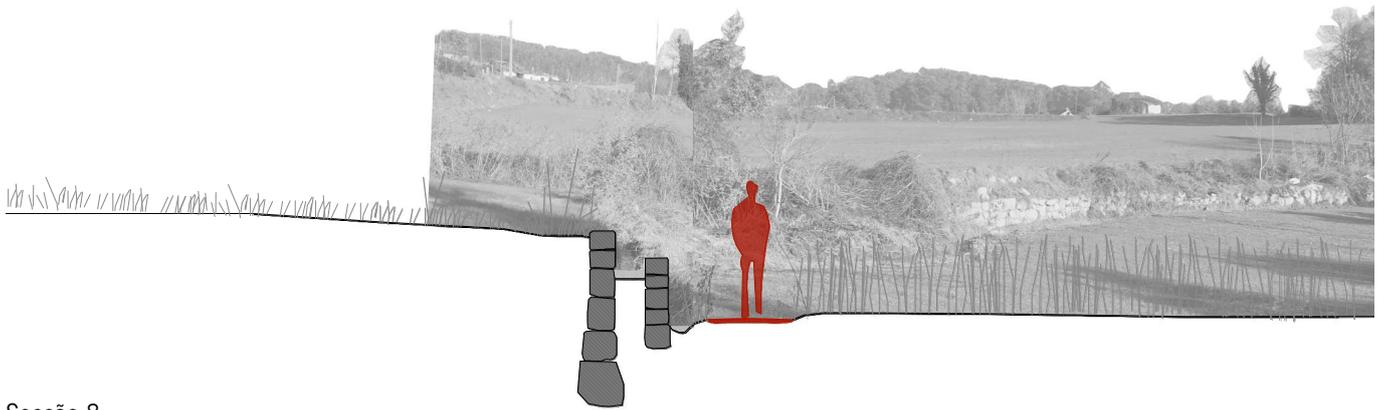


Secção 6

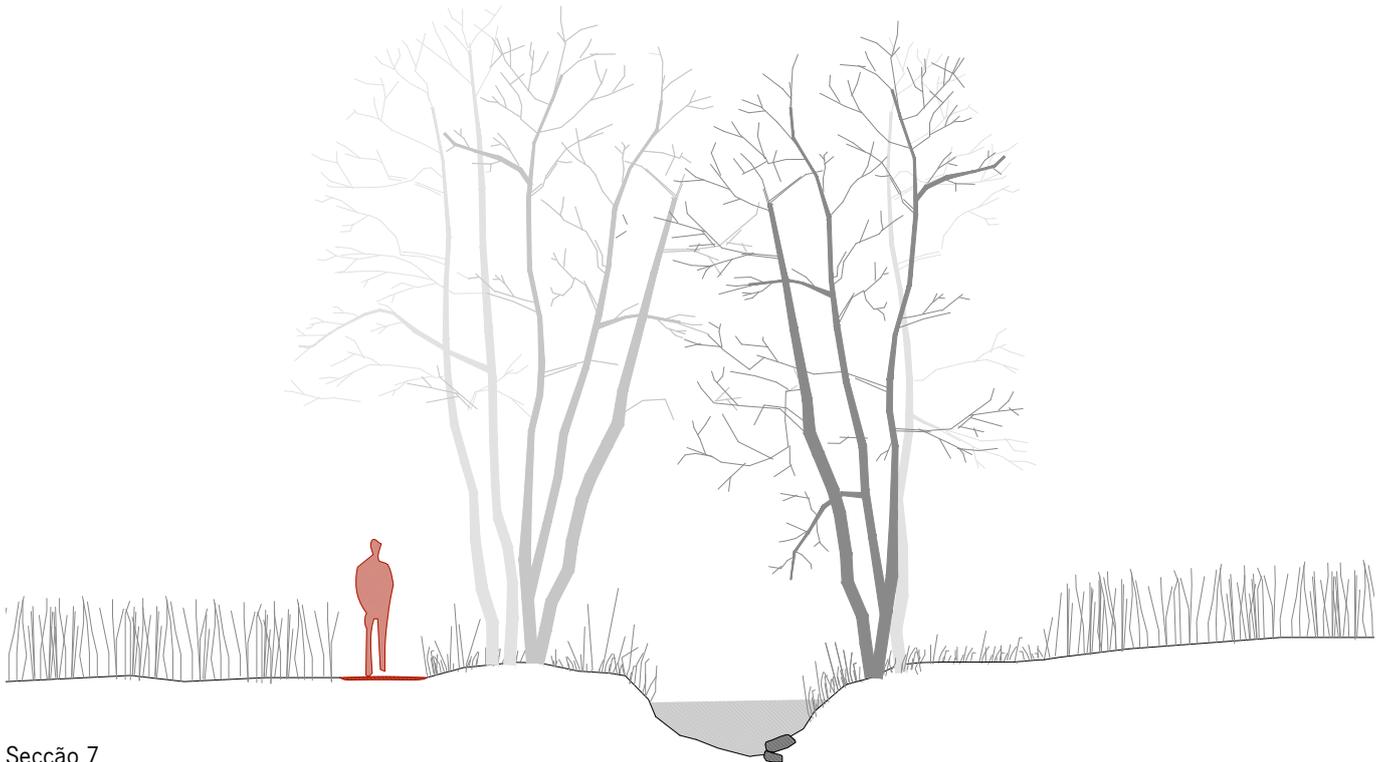


● ativado/adicionado

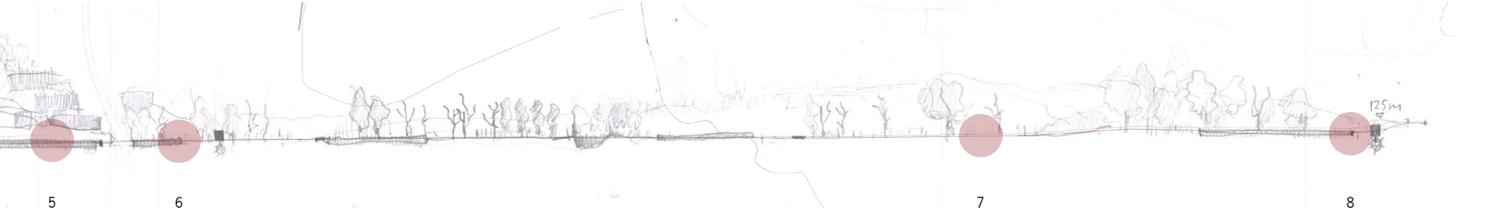
Fig.88_Secções da 2ª parte do percurso - veredas, esc. 1:100



Secção 8



Secção 7



5

6

7

8

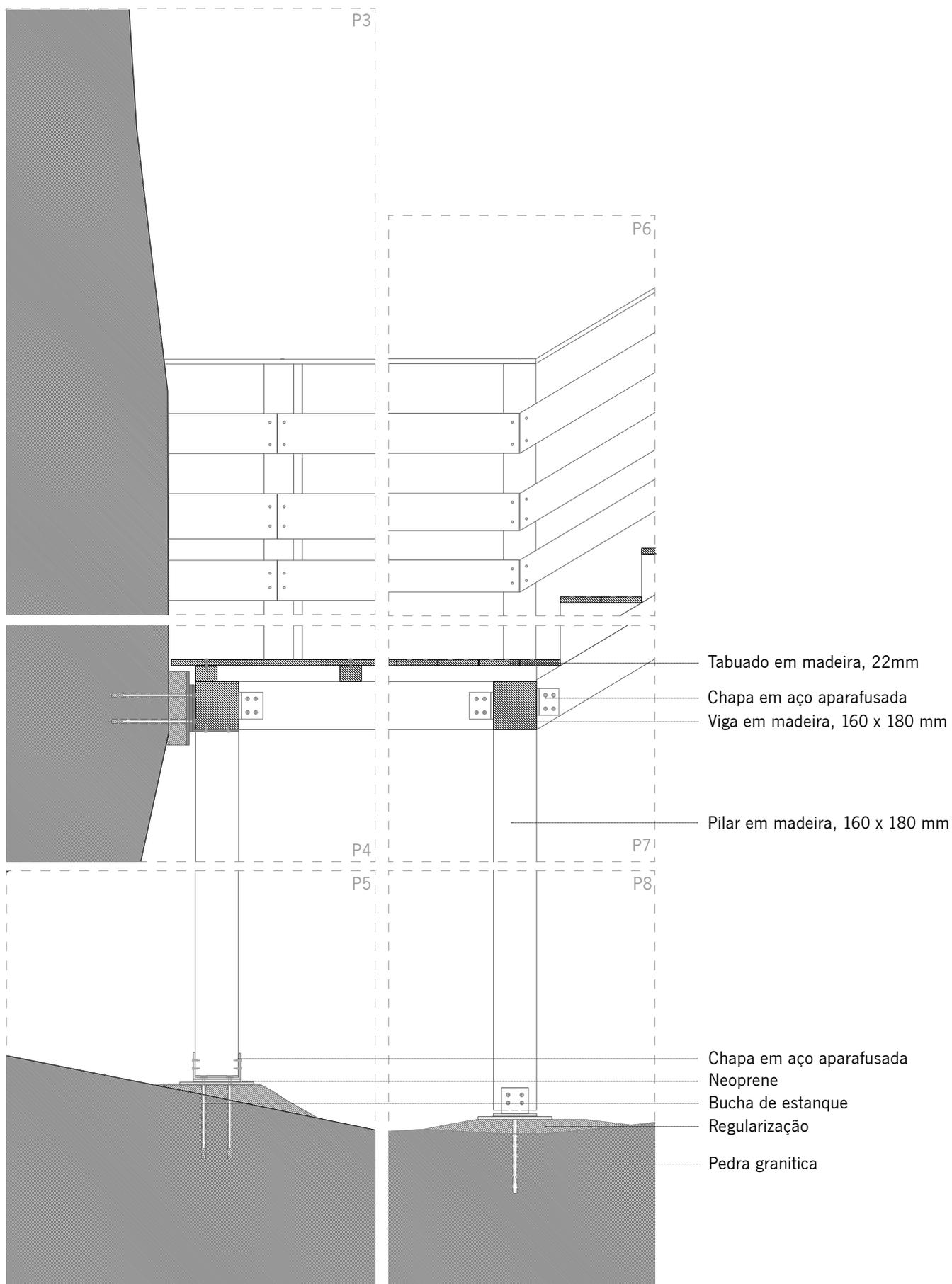


Fig.89_Pormenores construtivos em secção, esc. 1:20

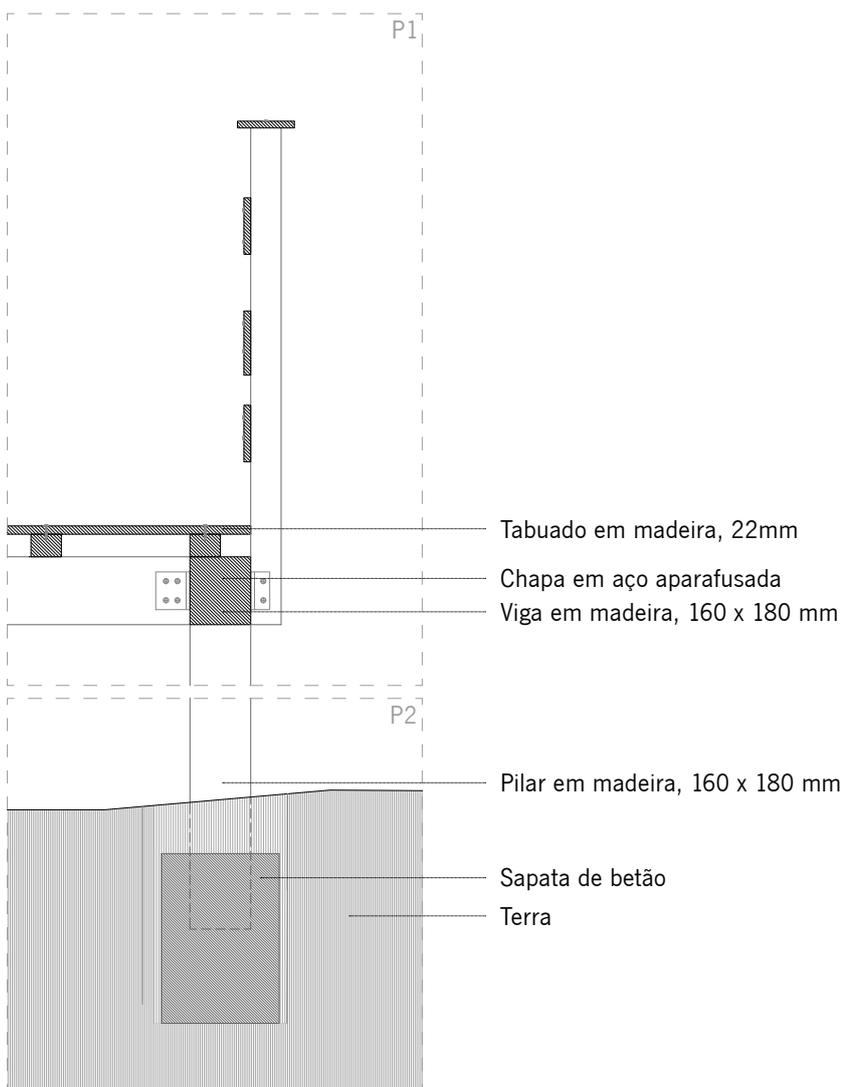


Fig.90_Pormenores construtivos em secção, esc. 1:20

o centro interpretativo

O programa do centro interpretativo desenvolve-se na ruína das casas de caseiro da Quinta do Ribeiro. Esta localiza-se na extremidade sul da ribeira dos moinhos, junto ao cruzamento dos acessos principais, e por isso, faria sentido que fosse pensada com um programa formal, tendo em conta a envolvente construída em que se insere.

Para além da sua condição de ruína, as casas apresentam um bom estado da sua estrutura principal, limpa de vegetação, no qual se reconhece a imagem tosca da pedra, mas ao mesmo tempo a simplicidade lógica da organização e desenho dos espaços, favoráveis à definição de um novo programa.

Neste sentido, é pensada como o início do percurso e o ponto principal do projeto de intervenção, pretendendo assim, ser “a receção e administração” dos programas (anteriormente designados) que estão inseridos nas restantes ruínas, adquirindo ainda uma componente expositiva, essencial para a preservação da cultura rural identitária da Vila.



Fig.91_Maquete de localização



a ruína



a estrutura



o projeto

Fig.92_Intervenção na ruína



Após uma recolha dos materiais degradados e das paredes anexadas posteriormente, a ruína é adaptada a funções museológicas, preservando a construção na sua simplicidade.

A imagem de ruína mantém-se, sendo utilizado o mesmo tipo de estrutura e materialidade da pré-existência. Desta forma, apenas três volumes da ruína serão climatizados e os restantes adquirem a função de espaços de passagem, espaços exteriores com programa, ou espaços exteriores ao programa, permanecendo com todos os acessórios e elementos construtivos, que existiam, de modo a caracterizar o lugar e a sua construção.

Na introdução do programa, a estrutura orgânica e funcional da casa mantém-se, associando um novo uso: na antiga loja da casa, propõe-se a receção e uma pequena instalação sanitária; na sala, um espaço administrativo; no sequeiro, salas de exposição; na cozinha, a cafetaria; na corte, um espaço polivalente.

O facto de alguns espaços estarem em ruína e sem programa, deve-se à lógica de pensamento da requalificação, que envolve a experiência do lugar, tendo em conta a sua identidade, incorporando elementos acessórios às paredes estruturais, como dobradiças em ferro, portadas, portas tipo celeiro, caixilhos de madeira, estruturas da cobertura, etc., para que quem o visite se sinta desafiado a decifrar as marcas existentes.



Fig.93_Porta tipo celeiro



Fig.94_Dobradiça



S1

2. Sala administração

6. Sala de exposição

7. Átrio de passagem

● adicionado

Fig.95_Planta superior do centro, esc. 1:250

S2

S3

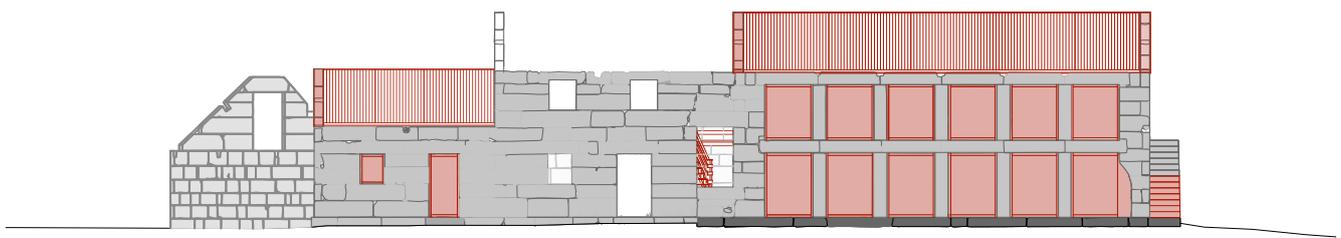
S4



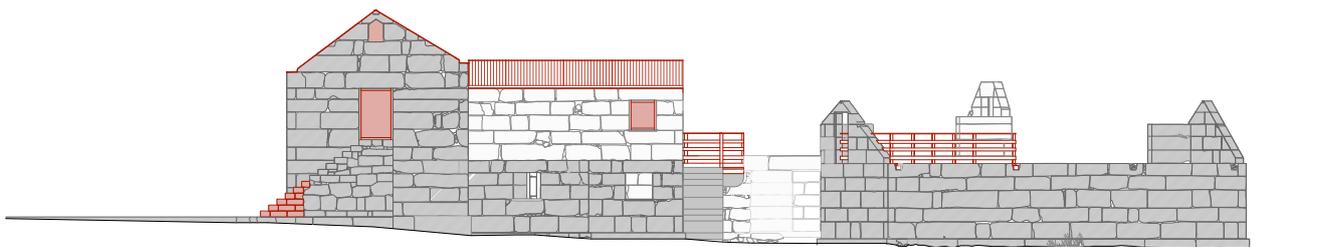


Fig.96_Planta inferior do centro, esc. 1:250



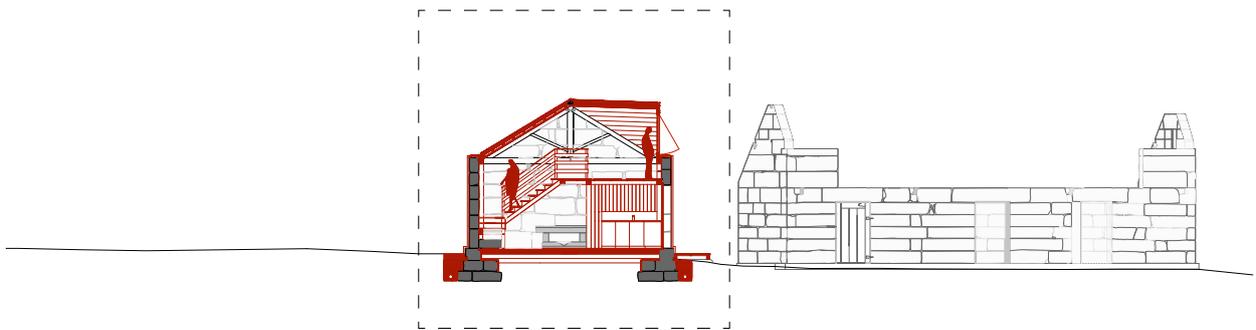


Secção 1

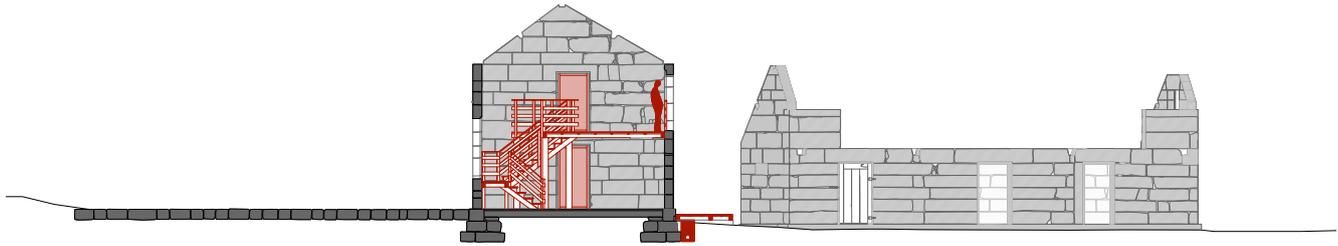


Secção 2

Fig.97_Secções do centro interpretativo, esc. 1:250



Secção 3



Secção 4

Já nos espaços climatizados, usam-se panos transparentes com uma caixilharia em aço, para criar uma continuidade entre os espaços, assumindo assim a permeabilidade da ruína como elemento principal.

Nestes, a cobertura é estruturalmente em conformidade com o sistema existente, igualmente em madeira e de duas águas, sendo reaproveitadas as asnas presentes na antiga cozinha e sala da casa, reforçando a distribuição de pesos com a aplicação de novas vigas nas extremidades das paredes, na mesma orientação que as respetivas asnas. O teto da cobertura é forrado a tabuado de madeira, deixando à vista a estrutura principal. No entanto, o acabamento exterior, à semelhança do tom da pedra, faz-se em chapa metálica perfilada, com remates em zinco que dão forma ao topo da parede estrutural e ao mesmo tempo a protege, tendo em conta que se irá manter a pedra à vista. O acabamento do pavimento térreo varia consoante o acabamento pré-existente. O antigo sequeiro, é o único espaço onde se mantém o acabamento em pedra de granito, nos restantes opta-se por refazer o pavimento, melhorando as condições de conforto e climatização dos espaços, com um acabamento em tabuado de madeira, que se aplica também nos pisos intermédios, à semelhança do sistema construtivo pré-existente.



Fig.98 e 99_Asna e lareira

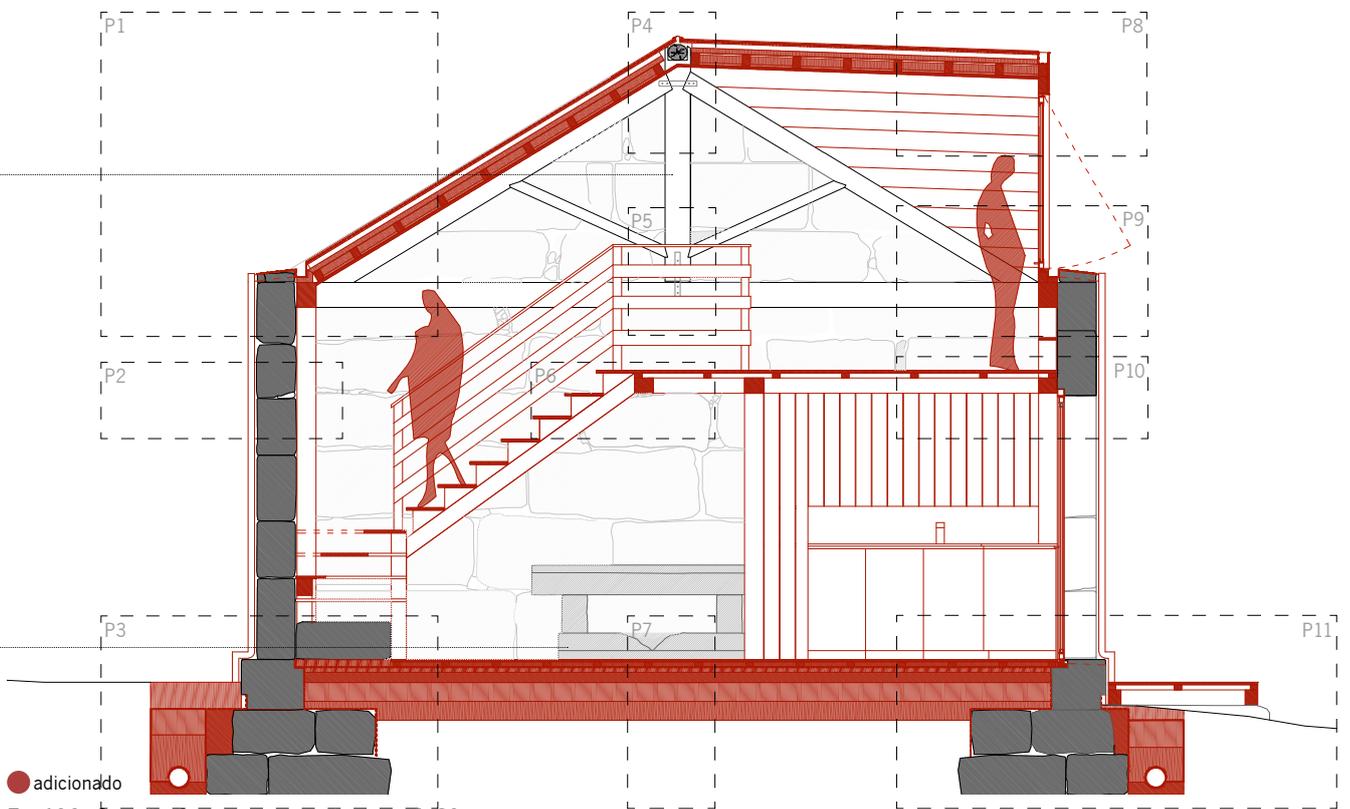


Fig.100_Secção 3, com materiais, esc. 1:60

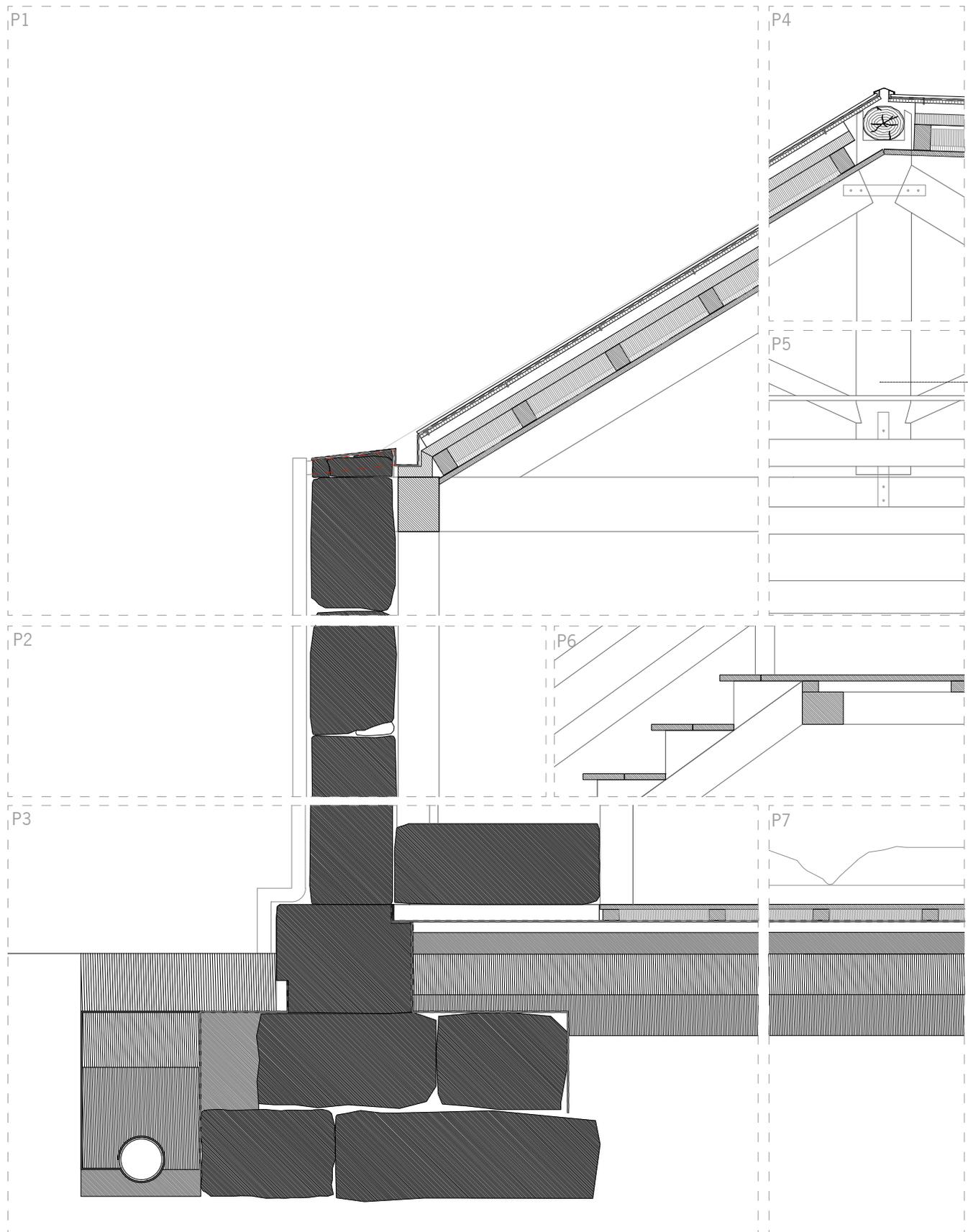
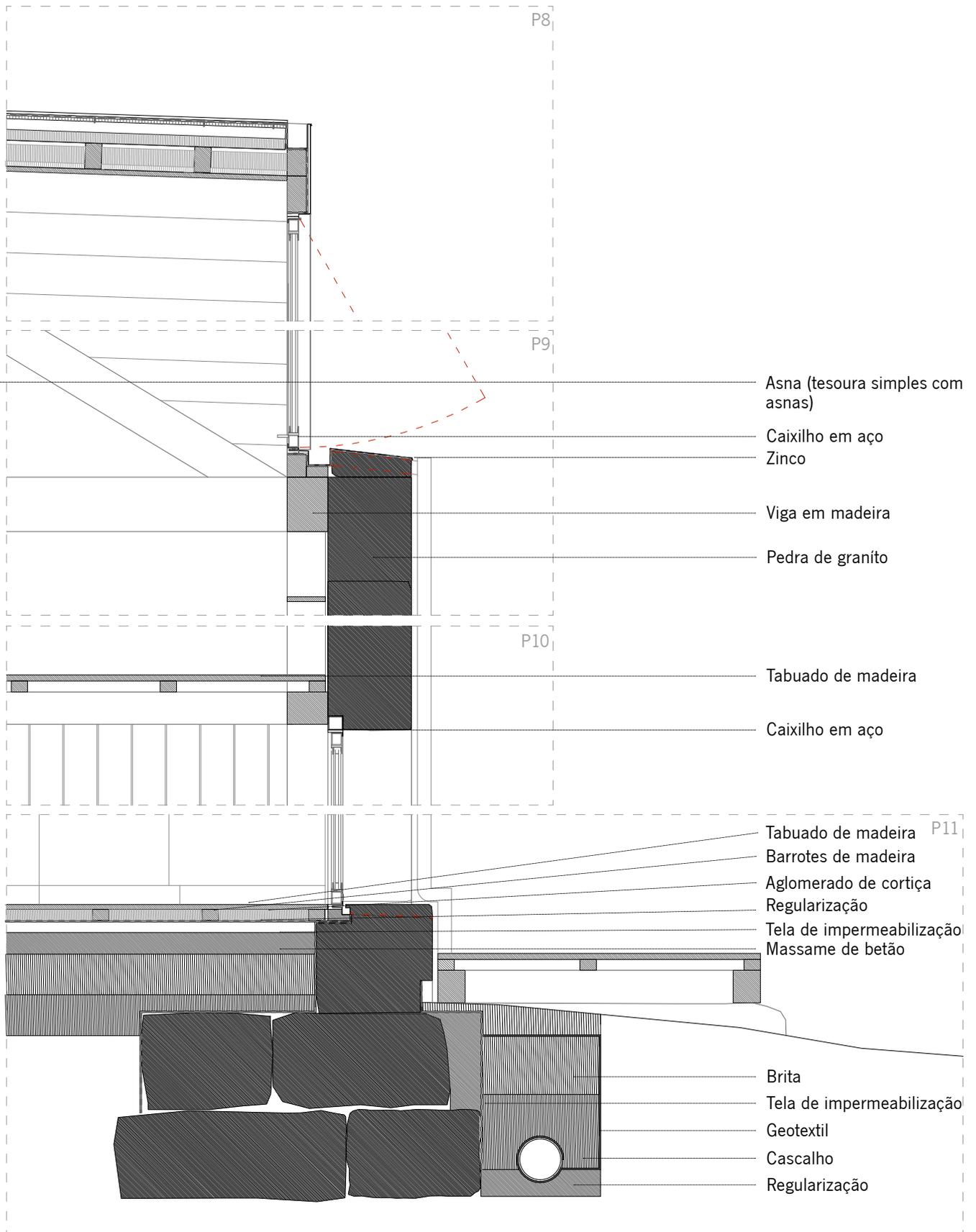


Fig.101_Pormenores construtivos em secção, esc. 1:20



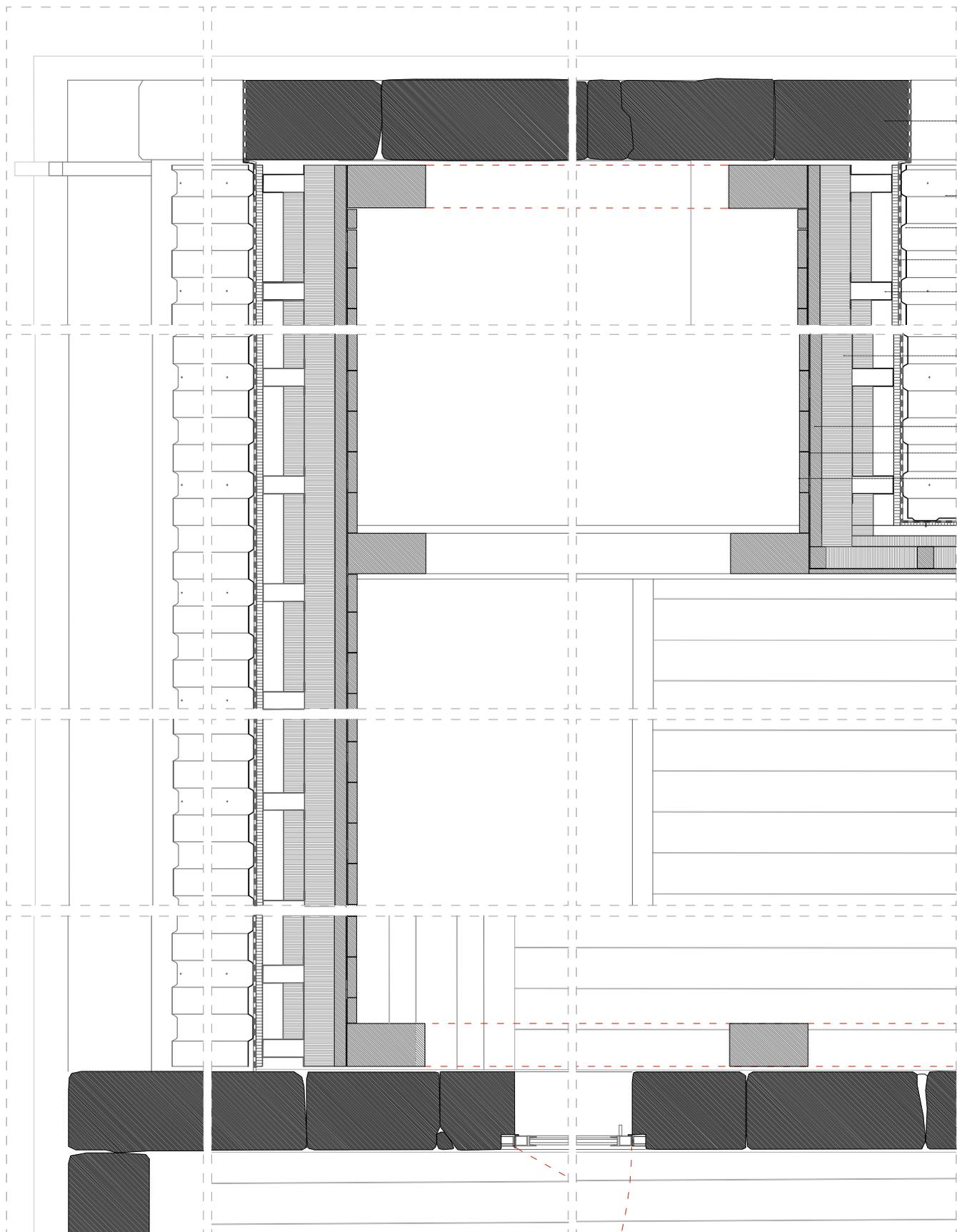
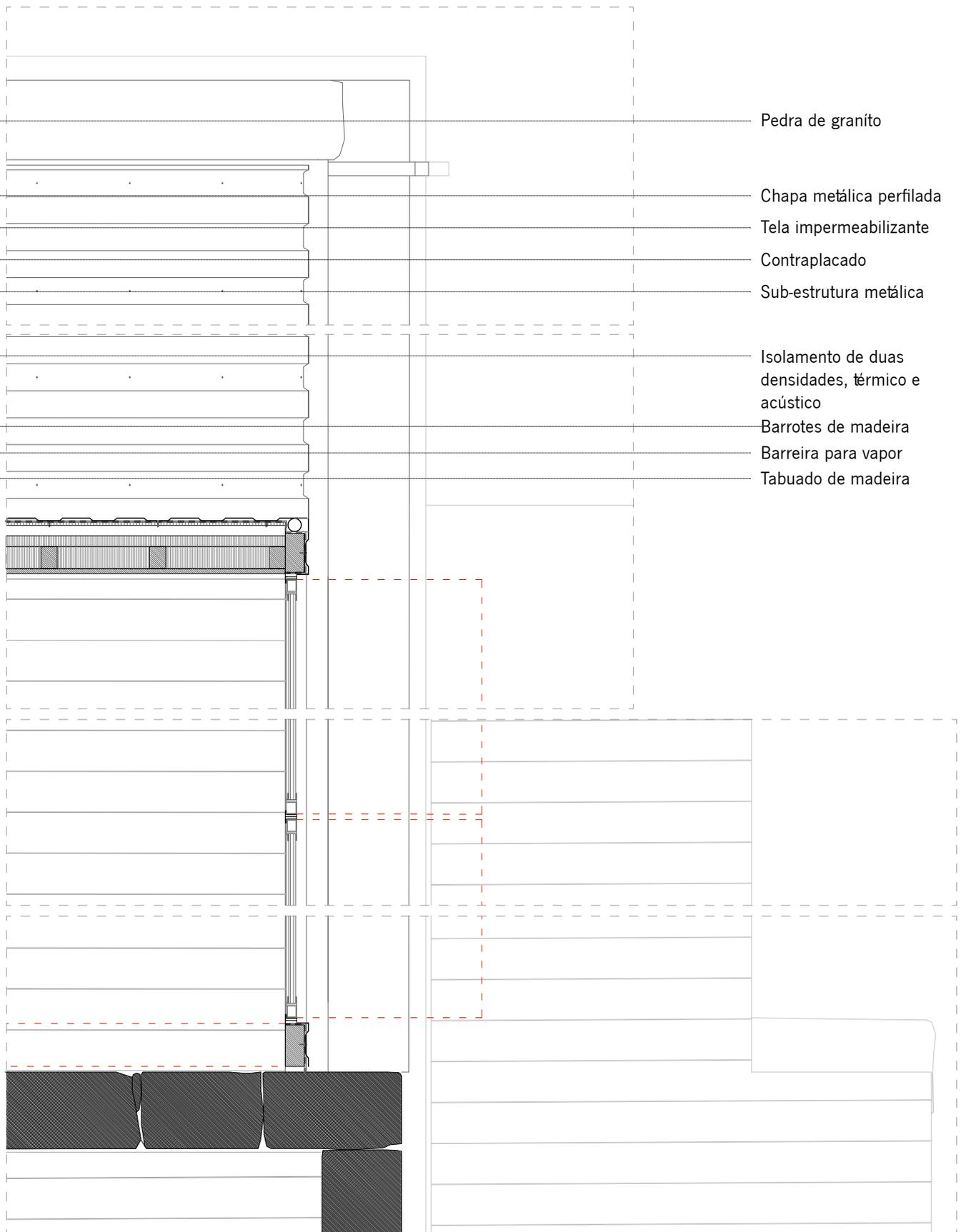


Fig.102_Pormenores construtivos em planta, esc. 1:20



04 | Conclusão

Conclusão e Bibliografia



Fig.103_Sequeiro degradado

Conclusão

Perante um lugar com estas características, a metodologia de trabalho assenta em dois momentos de análise, a interrogação e a interpretação. Aqui são levantadas questões que servem de mote para o desenvolvimento do trabalho, que evidenciam não só a transformação da matriz rural, como a sua consequente perda de identidade.

Nesse sentido, a análise desenvolve-se numa aproximação de escalas que nos direciona na descodificação deste território, elucidando-nos da transformação que estrutura parcelar agrícola sofreu ao longo do tempo, mapeando assim os elementos em desuso e em ruína, ligados a esta atividade.

Com este processo de análise e reconhecimento, foram criadas ferramentas essenciais para o desenvolvimento de uma ideia de requalificação, que nos permitiu contornar o estado de abandono, na apropriação do lugar de uma forma pragmática.

A estrutura parcelar agrícola, marcada pela ribeira dos moinhos, é vista como uma oportunidade para a elaboração do projeto de intervenção. Nesta é identificado uma série de unidades rurais destruídas, que se localizam em parcelas, ainda cultivadas. A desenvolver da requalificação nesta estrutura parcelar, permite não só, envolver as pessoas no meio agrícola, como dar-lhes a conhecer estruturas e formas de ocupação que provavelmente desconhecem ou que deixaram de ver com o passar do tempo, como também, permitir a que gerações futuras consigam compreender e experienciar uma forma de habitar secular, que fez parte do desenvolvimento da sociedade.

Assim, para a requalificação da Vila, é elaborado um percurso que reativa vários elementos, reintegrando as construções em ruína, dando-lhes um novo programa. Aqui, a ruína é entendida como parte principal integrante no projeto, enquanto objeto museológico, intrínseco do lugar.

De um modo geral, a intervenção transforma e dá programa a uma área desativada, procurando dar resposta à dificuldade de intervir num território que se encontra abandonado e desintegrado com a envolvente.

Contudo, a presente “[...]” tese não tem como objetivo fixar soluções concretas, mas sim contribuir com um olhar atento aos sistemas de relações e processos que se estabelecem nos lugares comuns do território difuso contemporâneo, a partir do projeto [...]”⁵¹, que visa sobretudo “[...] (re) estabelecer uma apropriação coletiva reconhecível e próxima.”⁵² Reativando e reintegrando os elementos abandonados, existentes num lugar.

⁵¹ JUAN, Marta Labastida – *El Paisaje Próximo. Fragmentos del Vale do Ave*, 2013, [vol. I], p. 13. Cit.: “Esta abertura del proyecto tiene como objetivo tornar más transparente su relación con el lugar y más efectiva una apropiación colectiva. La tesis no aspira fijar soluciones concretas, sino más bien contribuir con una mirada próxima hacia los sistemas de relaciones y procesos que se establecen em los lugares comunes del territorio difuso contemporáneo para, desde el proyecto, aprender a interferir e intermediar, activar el lugar y los hábitos, mantener o (re)establecer una apropiación colectiva reconocible y próxima.”

⁵² *Idem*.

Bibliografia

ANTUNES, Alfredo da Mata [et. al.] – *Arquitectura Popular em Portugal*. 3ª edição. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. vol.1: zona 1: Minho; zona 2: Trás-os-Montes.

DOMINGUES, Álvaro – *A Rua da Estrada*. 1ª edição. Porto: Dafine Editora, 2009. Equações de Arquitectura, 44. ISBN 978 989 8217 06 6.

DOMINGUES, Álvaro – *Vida no Campo*. 1ª edição. Porto: Dafine Editora, 2011. Equações de Arquitectura, 45. ISBN 978 989 8217 19 6.

FERNANDES, Jorge E. P. - *O contributo da arquitectura vernacular Portuguesa para a sustentabilidade dos edifícios*. Guimarães: Tese mestrado, Construção e Reabilitação Sustentáveis, Escola de Engenharia da Universidade do Minho, 2012.

FRAMPTON, Kenneth - *Technology, Place & Architecture: The Jerusalem Seminar in Architecture*. USA: Rizzoli International Publications, 1992.

FREIRE, Dulce, FONSECA, Inês, GODINHO, Paula (coord.) – *Mundo Rural: Transformação e Resistência na Península Ibérica (século XX)*. Lisboa: Edições Calibri/ Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa, 2004. Congresso Mundo Rural: Transformação e Resistência no século XX, Lisboa, 2000. ISBN 972 772 473 6.

Guia de Portugal: Entre Douro e Minho. Fundação Calouste Gulbenkian. vol.4. Lisboa, 1965.

JUAN, Marta Labastida – *El Paisaje Próximo. Fragmentos del Vale do Ave*. vol. I e II. Guimarães: EEUM, 2013. Dissertação de Douturamento em Arquitetura, Cidade e Território. Orientação da Professora Doutora Maria Gula e Co-orientação do Professor Doutor António Gomes Domingues e Professor Doutor Vincenzo Rizo, 2012.

LEAL, Augusto Soares d' Azevedo Barbosa de Pinho - *Portugal: Antigo e Moderno*. Lisboa: Tipographia Editora de Mattos Moreira & Companhia, 1873. Dicionario de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias. vol.1. p.493.

MATTOSO, José [et. al.] - *História da Vida Privada em Portugal: A Idade Média: Circulo de Leitores (Temas e Debates)*, 2010. Bernardo Vasconcelos e Sousa (coord.). [Vol. 1]. ISBN 978 972 42 4627 7.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, GALHANO, Fernando – *Arquitectura Tradicional Portuguesa*. 1ª edição. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992. Portugal de perto; 24. ISBN 972 20 0959 1.

RENDELL, Jane – *A Place Between, Art, Architecture and Critical Theory*, 2003.

Revista de Guimarães. Sociedade Martins Sarmento. vol.108. Guimarães, 1998. ISSN 0871 0759.

SERRA, João [et. al.] - *Das Architecturas Populares no Norte de Portugal até à “modernidade” em Guimarães*. Guimarães: Greca Artes Gráficas, 2012. Publicado em 2012 por Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura. ISBN 978 989 98076 6 2.

TAVARES, André [et. al.] - *Arquitectura em Lugares Comuns: Ideias e Projectos para o Vale do Ave*. 1ª edição. Porto: Dafne Editora & Daaum, 2008. ISBN 978 989 95159 8 7.

os documentos eletrónicos

BLOG – História da Freguesia de Brito. In: url <http://freguesiadebrito.blogspot.com>. 24 de Abril de 2018. 20h 10.

Casa de Sarmento- Centro de estudos do Património. Guimarães. In: url http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG063_17.pdf. 24 de Abril de 2018. 20h 20.

Casa de Sarmento- São João Baptista de Brito: Inquérito Paroquial de 1842. Guimarães. In: url http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG108_017.pdf. 24 de Abril de 2018. 20h 25.

ICOMOS – *Carta del Patrimonio Vernáculo Construido* (1999). México, 1999. In: url <https://www.icomos.org/en/charters-and-texts>. 12 de Dezembro de 2017. 17h 11.

ON BEING WITH-IT – Experiências Pedagógicas sobre Território na EAUM. Guimarães, EAUM. In: url <http://onbeingwithit.pt/pt/arquivo/memoria/>.

Portal das Freguesias – Descrição da Freguesia de Brito. In: url <http://www.freguesias.pt/freguesia.php?cod=030807>. 24 de Abril de 2018. 20h 00.